



Ilustração
Brasileira

ANNO V

NUM. 51

NOVEMBRO
~ 1924 ~

PREÇO
5 \$ 0 0 0

Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164

RIO DE JANEIRO

Teleph. Norte, 5402 — End. Telegr. "MALHO" RIO

Grande premio na Exposição Internacional do Centenario em 1922
PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

Directores: ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

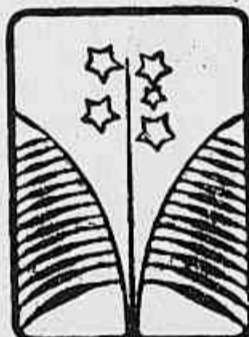
Gerente: LÉO OSORIO

SUCCURSAL EM SAO PAULO DIRIGIDA POR GASTÃO MOREIRA — RUA DIREITA N. 7 Sob.

CAIXA POSTAL Q

Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um anno, 60\$000; Seis mezes, 30\$000. Para o Estrangeiro — Um anno, 70\$000; não ha assignaturas de semestre. — Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo Correio sob registro.



Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164. Collaboração litteraria, artistica ou photographica, ao director-secretario DR. ALVARO MOREYRA.



MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

ESTABELECIDADA EM 1810

LONDRES

ESPECIALIDADES EM
BRILHANTES FINOS DO BRASIL
E DO CABO, SAPHIRAS DO
ORIENTE, PEROLAS, ETC.

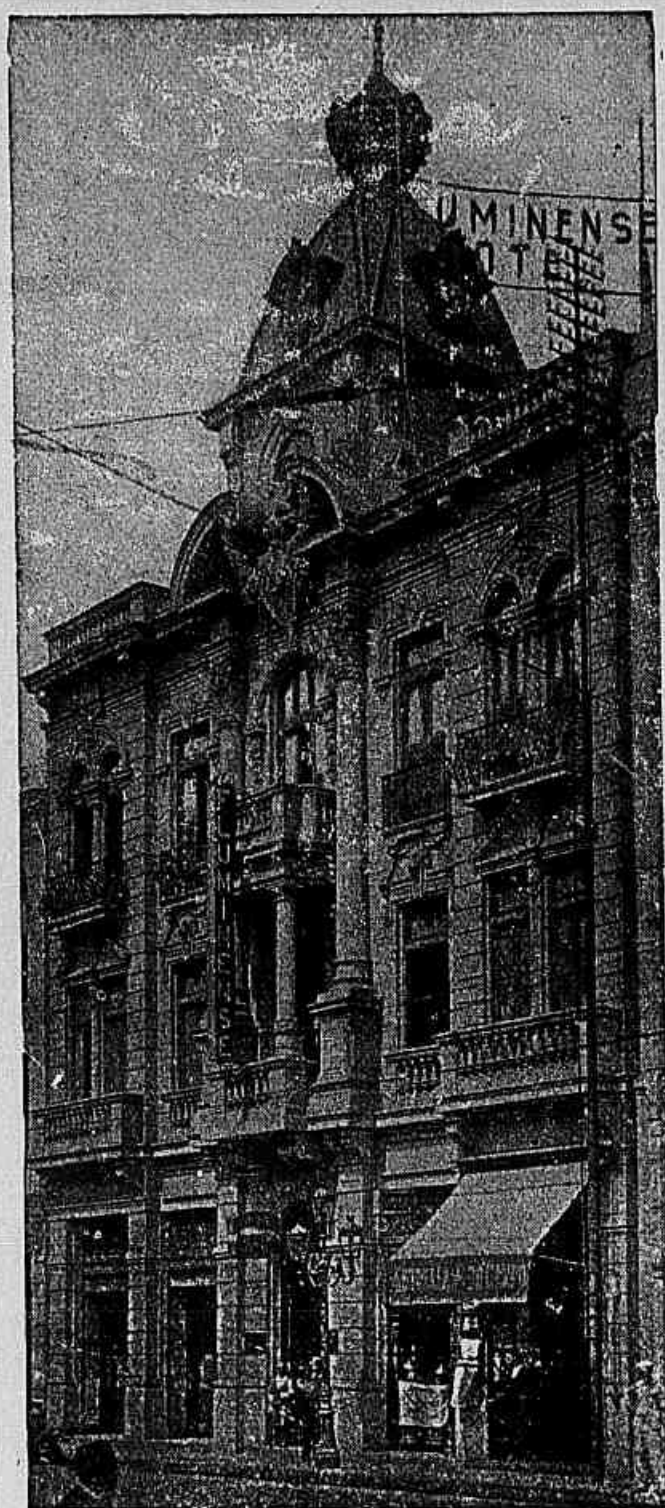
NOVIDADES
PARA PRESENTES EM
PRATA DE LEI — OURO — CRYSTAL
BRONZE — MARFIM — MARROQUINARIA.

FABRICANTES
DA AFAMADA "PRATA PRINCEZA"
O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE
PARA
TRAVESSAS, TALHERES, ETC.

MAPPIN & WEBB

100, OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

28, RUA 15 DE NOVEEMBRO
SÃO PAULO



Fluminense :: Hotel ::

PRAÇA DA REPUBLICA,
207 E 209

Estabelecimento de 1.^a ordem, situado em ponto magnifico, ao lado da E. F. Central do Brasil.

Água canalizada nos quartos, elevador electrico, mesa de ligações telephonicas.

Restaurante
irreprehensivel

Aposento com pensão desde 12\$000

Aposento sem pensão desde 7\$000

End. Telegraphico:
FLUMINENSE
Rio de Janeiro

Um novo estomago para Si

Quer V. S. um estomago novo pelo seu velho? Tem o seu estomago desarranjos? É muito para si digerir os alimentos?

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Porão o seu estomago como novo. Ellas conteem os succos digestivos do seu estomago na fórma de pastilhas. Quando tomadas ellas dissolvem-se, e esses succos digerem todos os alimentos, e ao mesmo tempo fortalecem o seu estomago e aparelho digestivo. Quer V. S. um novo estomago? Tome hoje Pastilhas do Dr. Richards.



O signal de pe- rigo... a tempo!

A columna de liquido vermelho que traz o Moto-Metro Boyce lhe indicará, antes que seja demasiado tarde, o perigo que surge no interior do mecanismo occulto á vista.

A viagem perdida, o dinheiro malbaratado e o motor destruido... por causa de um descuido de que só V. S. tem a culpa, se não põe um Moto-Metro Boyce no seu automovel.

O Moto-Metro Boyce é um indicador indispensavel da temperatura do motor: é a medida de calor que *infallivelmente* indica que se passa algo de grave no motor, de dez a quinze minutos antes que o mais esperto automobilista possa notal-o.

Os Moto-Metros Boyce revelam instantaneamente o rompimento da correia do ventilador, a filtração do motor ou quaesquer outros accidentes da machina.

Accrescentam muitos kilometros de vida ao seu automovel. Não deve V. S. guiar sem um delles.

Os Moto-Metros Boyce tem um preço ao alfeitos com cuidado e de bella apparencia. Juntam distincção e luxo ao seu carro.

Compre um

BOYCE MOTO METER

O seu carro merece um

THE MOTO-METER COMPANY, Inc.
Long Island City, N. Y., E. U. A.

Agentes: P. W. Peabody. - Caixa 2624 - Rio de Janeiro



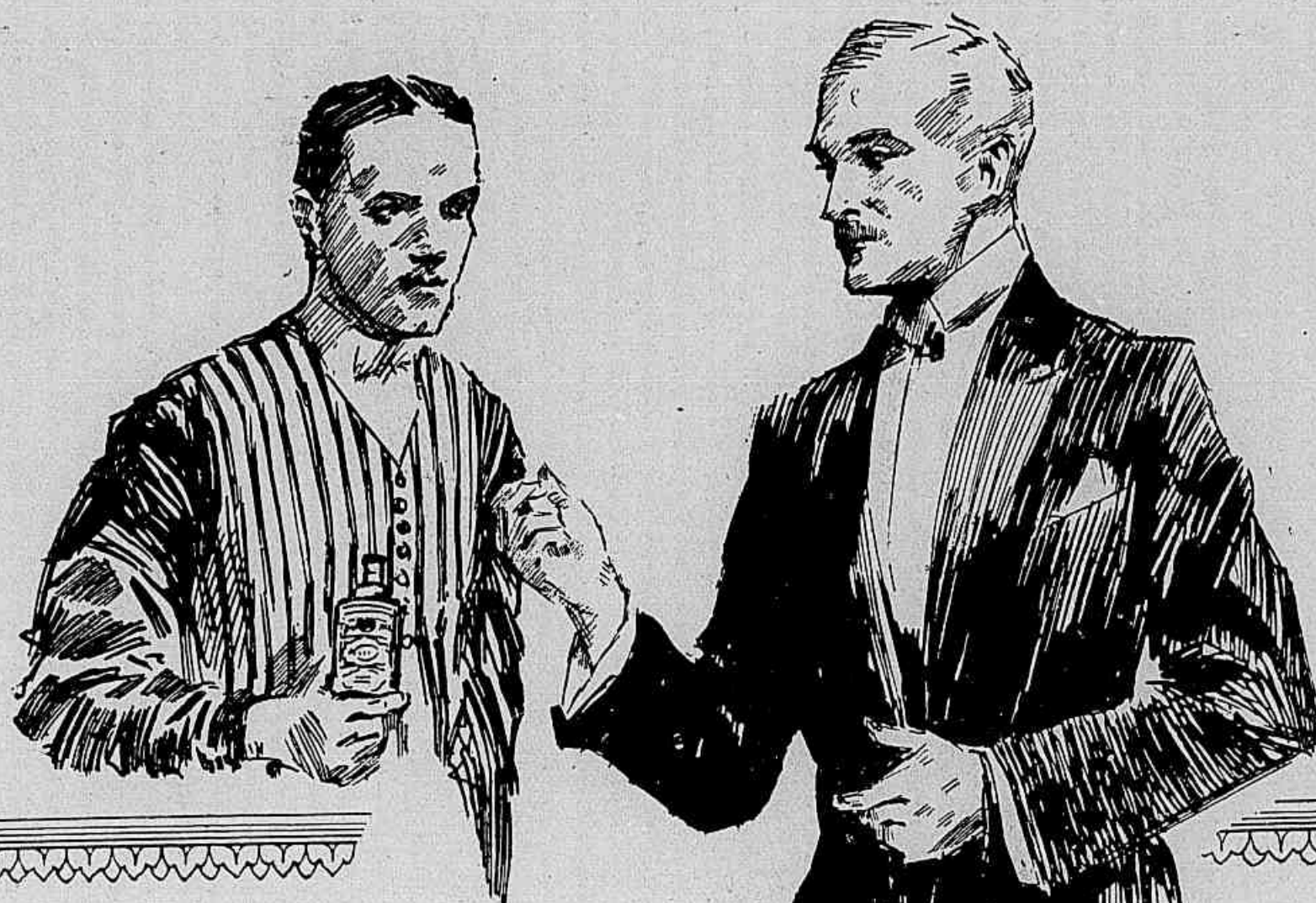
Leve uma Kodak consigo

N'uma fracção de segundo, a Kodak permite gravar a scena que nos ha de delectar mais tarde. E a inscripção autographica nos recorda o logar, o titulo, a data, dados estes que se podem escrever na pelli-cula quando se tira a photographia.

Todas as Kodaks são Autographicas

Kodak Brasileira, Ltd., Rua Camerino 95, Rio de Janeiro

Ilustração
Brasileira

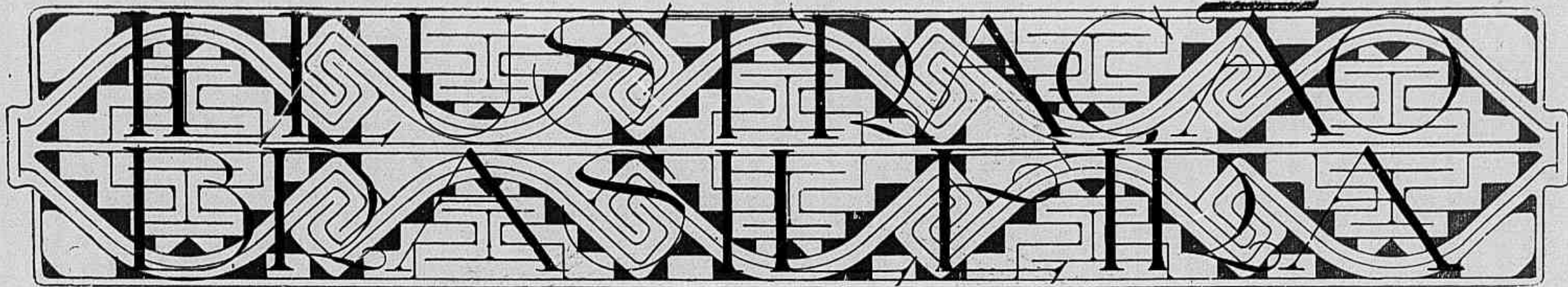


O perfume que o Gentleman usa
é a genuína Agua de Colonia "4711"; é de um
aroma suave, agradável e refrescante. Uma ex-
periencia garante um consumidor permanente.
Repare-se a marca registrada "4711" sobre o
rotulo azul-ouro.

Depositarios exclusivos para vendas por atacado
Ewel & Cohen Ltda.
"Casa Hamburgo" — Rio de Janeiro
Andradas, 44 — Telep. Norte 1986
Filial em São Paulo:
Rua Santa Thereza 23



No. 4711.  **Eau de
Cologne**



FIGURAS E ETIQUETAS



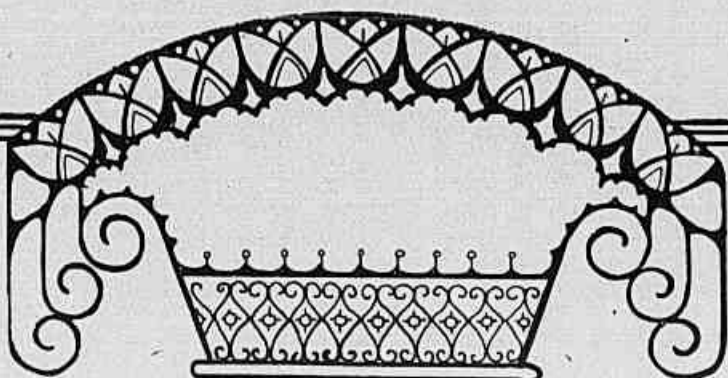
COM certeza, a nossa gente não se recorda daquela rainha um pouco sem imaginação, mulher de D. João VI, que vagou por aqui durante alguns annos do seculo passado. Chamava-se Carlota Joaquina, tinha máos costumes e era feissima. No dia em que voltou para Portugal, contam que estava assanhada de prazer e repetia, de minuto a minuto: "Graças a Deus! Vou viver entre gente civilisada!" Ninguém pensa em tão notavel senhora, hoje. Entretanto, raros se esquecerão de Dona Leopoldina, a primeira imperatriz, flôr da Independencia, e de Dona Amelia que a succedeu nas caricias e nas offensas de D. Pedro I. Foram doces amigas da patria nova e do seu povo bom. E em cada coração, a lembrança da companheira do segundo e derradeiro monarcha toca-se de um resplendor eterno. Ella partiu do Brasil, de olhos molhados. No exilio, nunca se consolou das saudades que levára. A princeza Isabel, então, anda por todas as boccas evocada, bemdita e bem querida. Se no somno da morte ha sonho tambem, a santa velhinha deixa, de quando em quando, o corpo adormecido em França e passeia em espirito, junto de nós, por estas ruas que ella não conheceu assim, no meio destas creaturas que ella não viu assim... Tão naturalmente o Brasil se fez republica, que as figuras do regimen antigo continuaram na mesma devoção. O governo mudou de etiqueta, apenas, quando o *Alagôas* sahiu a barra, ha trinta e cinco annos. Outro rotulo... Sangues differentes... Nada mais... O resto permaneceu igual. O que melhorou compensa o que peorou.

A L V A R O M O R E Y R A

Ilustração
Brasileira



Senhorinha
HÉBE TEIXEIRA



Rainha da beleza
em São Paulo

TRES POEMAS DE VICTOR HUGO

BOOZ ADORMECIDO

Deitara-se Booz, á fadiga prostrado.
Na eira, ao labor da ceifa andara todo o dia;
fez o leito depois no sitio costumado.
Dos alqueires de trigo ao pé Booz dormia.
Possuia o ancião a mais farta cultura
de cevada e trigaes, uma riqueza enorme:
e comtudo a sua alma era simples e pura,
e a sua consciencia á justiça conforme.
Lembrava a sua barba um argentado arroio
de abril. Não sendo avaro o bom velho, si via
acaso uma infeliz a respigar no joio:
— “Deixem cair, um pouco, as espigas...” — dizia.
Nunca esse homem trilhou por obliquos caminhos.
E, era comsigo sempre a candida pureza.
Vestiam-no de branco a probidade e os linhos.
E os seus saccos de grãos, abria-os á pobreza.
Booz era o bom chefe a que os demais louvavam.
Dava a mancheia os bens que uma alma terna expande.
E as mulheres, Booz, mais do que a um moço, olhavam.
Pode o jovem ser bello: é bello o velho, e grande.
Pois o velho, que ao berço originario tende,
deixa o que passa aqui pelo que eterno dura.
Si uma chamma no olhar da mocidade esplende,
nos olhos do ancião a luz é que fulgura.

*

Ora, entre os seus, Booz, nessa noite, dormia.
Das medas, como junto a algum escombros estranho,
perto, um ceifeiro de outro lado se estendia.
Deitavam-se. E isto foi pelos tempos de antanho.
Por chefe, os de Israel a um sabio veneravam.
E a terra, onde surpreso o homem, jornada finda
tremia ao ver os pés de monstros que a marcavam,
aquosa do diluvio estava, e molle ainda.

*

Tal qual Jacob dormiu, como Judith, outrora,
sob as folhas Booz jazia. De repente,
sobre a sua cabeça abriu o céu, a essa hora;
e eis que um sonho baixou então, á sua frente.

E este sonho foi tal, que um carvalho gigante
viu Booz do seu ventre erguer-se — e o azul tocava.
Por elle ia uma raça, a escala-lo anhelante:
cantava em baixo um rei, no alto um deus expirava

E Booz murmurou com a voz da sua alma:
“— Poderá ser, Senhor, si ha tanto que me abstenho?
Por oitenta annos conto uma existencia calma,
não possuo um só filho, e já mulher não tenho.

“Aquella que dormiu commigo, nesta vida,
pelo vosso trocou, ó Senhor, o meu leito;
sinto que lhe pertenco, e tenho-a a mim unida
sempre, ella semiviva e eu a meio desfeito.

“Pois vai nascer de mim uma raça? O’ virtude!
Posso eu gerar, e ter de uma tal prole a gloria?
Triumpho, ao despertar da aurora, a juventude
e sai da noite o sol, como de uma victoria.

“Mas, velho, tremo assim como a bétula ao vento.
Sou viuvo. Sózinho: o céu já se fez turvo.
Para a cova, meu Deus, como um boi que, sedento,
para a agua a testa pende, eu a minha alma curvo.”

Assim falou num sonho extasiadamente,
a Deus volvendo o olhar que o somno escurecia;
e como o cedro á base uma rosa não sente,
Booz uma mulher a seus pés não sentia.

i

*

Viera ter ali Ruth, uma moabita;
e recclinada junto a Booz, tendo o seio
nu, quedou-se, a esperar daquelle que dormita
e ha de acordar, o ardor de um breve bruxuleio.

Não sabia Booz que uma mulher estava
ali perto. Nem Ruth o que Deus lhe queria...
das abróteas afflante o effluvio se evolava.
E a aura da noite no ar de Galgalah fluia.

Nupcial era a sombra augusta e majestosa.
Voavam anjos entre o céu e a gleba rasa,
pois que ás vezes se via, a errar na noite umbrosa,
qualquer cousa de azul que parecia uma asa.

Illustração
Brasileira

Surdas, ao respirar de Booz, como fosse
igual o rythmo, na herva as fontes mal se ouviam.
Passava então o mez em que Natura é doce.
Das collinas ao cimo os lirios se erigiam.

Ruth scismava, e Booz dormia: a campainha
dos rebanhos vibrava: a relva, toda escura.
Do firmamento, immensa, uma bondade vinha.
Iam beber, nessa hora, os leões á planura.

Ur e Jerimadeth ao longe repousavam.
Profundo e negro, o céu. Brilhando no occidente,
Entre as flores da treva — os astros que apontavam —,
Ruth olhava, a subir fino e claro o Crescente:

e imaginava, o rosto entre os seus véus sombrio,
que deus, que segador do sideral thesouro
abandonara assim, á luz do eterno estio,
sobre o estrellado campo, aquella fouce de ouro.

(*La Légende des Siècles: D'Eve a Jésus*)

Si aqui toda alma que ama,
dá sempre a alguém
o aroma, o rythmo e a flamma
que em si contém;

si aqui dá cada cousa
— e com fervor —,
ora o espinho, ora a rosa,
ao seu amor;

si abril ás carvalheiras
um som vivaz
dá; si a noite ás canseiras
do homem dá paz;

si a ave ao ramo, onde brinca,
o ar que tremeu
dá; si o orvalho á pervinca
dá sempre o céu;

e si, quando desmaia
e calma está,
a onda tremula á praia
um beijo dá:

dou-te, a esta hora secreta,
vendo-te assim,
a cousa mais dilecta
que tenho em mim!

Dou-te o meu pensamento.
— Pranto, aliás,
que, como o orvalho ao vento,
rola e se desfaz!

Dou-te a ansia que me eleva,
ó meu amor!
Dou-te o clarão e a treva
que a vida fôr!

Transportes e delicias,
mas sem traições!
E todas as caricias
destas canções!

Esta alma que, sem vela,
singra ao azar
e só tem por estrella
um teu olhar!

Esta musa, que as horas
fazem sorrir,
que chora quando choras,
só de te ouvir!

Dou-te, ó minha adorada,
celestes flôr,
uma alma, sem mais nada
senão o amor.

✽

Defrontei certa vez na estrada um vulto humano
que tinha o manto como o de um Consul romano.
Negro, avançar o vi, na transparencia do ar.
Parou deante de mim, fixou-me o ardente olhar
que selvagem achei pela profundidade.
E eis que assim me falou: “— Em já remota idade,
fui uma alta montanha e alcei-me á vastidão.
Depois, cega alma ainda, escapei á prisão,
um grau subi na escala: e, cheio de rumores,
fui um carvalho, e tive aras e adoradores;
fiz de cantos vibrar o espaço, frondejei.
Fui, mais tarde, um leão do deserto, e sonhei:
ouvei, calada, a noite a minha voz troante.
Sou homem, afinal. Tenho por nome Dante.”

(Do livro: *Rosas de França*)



Correia Dias
ITATIAYA

SÔDADE

DESENHO DE
CORREIA DIAS



L a d y
Grace Drummond Hay

que honra este numero
da nossa revista com
a sua colaboração

A Imprensa no Egypto

por Lady
Grace Drummond Hay

Lady Grace Drummond Hay, que homenageamos nesta pagina, é uma dominante figura feminina do maior destaque e relevo no mundo jornalístico inglez. Intelligencia lucida, firmeza e equilibrio de acção, tão naturaes de sua raça, alliados a um temperamento latino, vivaz, subtil e penetrante, são os característicos de sua inconfundivel personalidade.

Poucas mulheres têm conseguido vencer tão brilhantemente num campo de acção intellectual de incessante dynamismo, qual o jornalismo moderno de uma grande metropole como Londres.

Egyptologista profunda e apaixonada, vivendo a maior parte do tempo no Cairo, terra de sonho e exotismo, e possuidora de um estylo fascinante e quente, tem o poder de atrahir sobre os seus "Escriptos Orientaes" a attenção e sympathia do mundo culto.

A sua obra no Egypto quer como jornalista, correspondente de jornaes da importancia do "Daily Express" e "Daily Telegraph", quer nas relações sociaes e diplomaticas, esposa que é do antigo diplomata Sir Drummond Hay, tem sido das mais notaveis e fecundas, sobretudo educando, pela sua palavra curta, persuasiva e intelligente o grande publico inglez a comprehender o ponto de vista politico nacional defendido pelas novas correntes da mocidade academica que se levanta no Oriente Proximo.

Neste momento historico em que se agitam no scenario politico egypcio as mais desencontradas correntes em torno das pretensões da Inglaterra, a acção educadora, de patriotismo e pacifismo, desenvolvida por Lady Drummond Hay, tem despertado não pequeno interesse em todas as classes sociaes da nobre e velha Albion.

MERO.



A IMPRENSA representa em todos os paizes civilizados uma força creadora e orientadora de opiniões por excellencia. A' sua critica incansavel se devem os maiores movimentos politicos e sociaes e a criação de correntes novas que dominam soberanamente uma naciona-

lidade. Num paiz onde o analfabetismo predomina, pareceria impossivel vicejar uma poderosa imprensa, pela falha natural de leitores. Se ninguem lê, como explicar os jornaes? Como explicar a influencia propagadora e civilisadora do jornal, num paiz com noventa e oito por cento de analfabetos? Eis uma das curiosidades que nos offerece o Egypto de hoje.

A influencia do jornal no movimento nacionalista egypcio tem sido uma lição e um exemplo de resistencia digno de nota, para o mundo moderno, pelos imprevistos de que se revestem.

E esta influencia se fez sentir a despeito da estricta censura estabelecida desde 1909, vigorosamente reforçada por ter Eldon Gorst em 1914, quando a lei de 1881, regulando a liberdade de Imprensa, foi definitivamente incorporada ao Estatuto Politico Egypcio, depois do periodo experimental de excessiva brandura de Lord Cromer, que considerava a Liberdade de Pensamento e de Imprensa um Direito sagrado do Povo, e uma valvula de segurança que nem o mais despotico Governo poderia negar á Opinião Publica.

Mao grado a multiplicidade dos seus orgãos e a variedade de linguas em que são publicados, a circulação do maior jornal diario não excede de 40.000 exemplares. Deve-se isso naturalmente ás causas apontadas, do analfabetismo reinante. Seria um erro suppor entretanto, que as grandes massas populares se desinteressam, ou não acompanham de perto, os negocios publicos e os surtos de novas ideias. Não, bem ao contrario. E' commum verem-se agrupados aqui e alli, quinze, vinte e mais pessoas, ouvindo, com attenta religiosidade um "illuminado" — todos os que sabem lêr exercem um poder extraordinario sobre as massas — lêr em voz alta, as noticias de interesse nacional. E estas noticias lidas em voz alta para o grande grupo, por um membro da communidade, respeitavel pela sua sabedoria superior, cahem dos seus labios como verdades inspiradas pelo Sobrenatural e assumem a importancia de um Decreto Divino, verdades estas que passam de familia em familia, augmentadas dos respectivos commentarios.

Nestas circumstancias especiaes creadas pela mentalidade peculiarmente fanatica e supersticiosa do egypcio pela letra de forma, torna-se evidente a importancia da Imprensa como meio seguro para a propagação de ideias novas.

Publicam-se cerca de 90 periodicos regularmente no Egypto, dos quaes 57 em Arabe, 12 em Francez, quatro em Inglez, quatro em Italiano, oito em Grego, tres em Armenio, um em Maltez, e um em Hebreu. Destes, os mais importantes são os diarios, entre

os quaes naturalmente, occupam lugar de maior destaque os escriptos em lingua Arabe, não só porque attingem a um publico mais numeroso e tem uma circulação mais vasta, mas tambem pela sua autoridade e abundancia de noticias officiaes. Antes da guerra, a circulação do maior jornal arabe não alcançava 20 000 exemplares, emquanto que hoje, o mais popular dos diarios ultrapassa 40.000.

Entre os jornaes europeus a média de circulação é de 3 000 e o maximo de 6.000 exemplares. Estes em geral, colhem e reproduzem informações já publicadas pelos seus contemporaneos Arabes, que circulam não só no Egypto mas em todo o Islam.

O serviço telegraphico é fornecido por quatro agencias; a Reuter, Hava, Italo-Oriental, e Hellenique. O unico diario que mantém serviço especial telegraphico proprio é o **Al-Ahram**, jornal de grande prestigio em todo o Islam.

No momento presente, Zaghoul Pashá, o grande nacionalista, é fortemente apoiado por quasi todos os jornaes arabes de alguma importancia. Os principaes são:

Al-Ahram, um dos grandes leaders do movimento nacionalista; **Al-Mokatham**, que até 1914 era Anglophilo e portanto hostile ao movimento nacionalista, hoje porém um dos porta-vozes da maioria nacionalista; **Al Balagh**, inspirado na politica nacionalista; **Waldinnil**, moderadamente Zaghoulista; **Al-Mourassa Zaghoulista** apaixonado, e **Al-Akhbar**, que embora systematicamente opposicionista a todos os governos, não deixa de ver no movimento nacionalista a salvação do Egypto.

A grande excepção, digna de nota por se tratar de um orgão de certa preponderancia politica, do Partido Liberal Constitucional, é o **Al-Siassa**, violento anti-zaghoulista e anti-nacionalista.

Os periodicos europeus são de relativamente insignificante importancia politica, limitam-se a defender os interesses e estudar as necessidades das suas respectivas colonias.

Abrem excepção **La Liberté** que apoia franca e abertamente a politica de Zaghoul-Pashá, e **La Bourse Egyptienne**, anglophilo e adversario declarado dos nacionalistas.

Dos jornaes inglezes publicados no Cairo, a **Egyptian Gazette**, não obstante a sobriedade de sua linguagem, tem tendencias decididamente imperialistas, emquanto que a **Egyptian Mail** reflecte mais moderadamente a opinião da colonia ingleza local.

Como nota final, é digno de menção o facto de que, qualquer que seja o credo politico, o partido local ou nacional ou as differenças de opinião, todos os orgãos da Imprensa Egypcia são unanimes nas suas expressões de lealdade e confiança para com o Rei Fuad, cuja popularidade e alto espirito democratico tem conseguido vencer as mais sérias e agudas crises poroque tem passado a historia do Egypto moderno.

Rabindranath Tagore, o grande poeta hindú que acaba de estar, de passagem, no Brasil, é um nome universal e muito admirado pela nossa cultura.

O Oriente, berço do mundo, de onde nasce o sol e de onde irradiou o espirito humano, vive, esplende e canta na musa sideral desse brahmene do verso, em cuja lyra vibra a belleza mysteriosa da India, pois de suas montanhas inacessiveis nos veio, ha millenios, o rythmo da eternidade.

As aguas sonoras do Ganges iniciaram-no na linguagem divina da poesia e no trabalho silencioso da meditação, de modo que, lendo-o, julgamos ouvir uma confidencia de estrellas e temos a suave illusão de escutar o rumor do rio sagrado, em cujas margens os sacerdotes de Ammon-Râ professavam o seu culto, os védas entoavam os seus hymnos e os fideis adoravam a Divindade, prostrados e constrictos, como um rebanho de sombras. Foi nelle que Rama se banhava, buscando a inspiração celeste; delle se derivou o cyclo aryano e ainda fazendo nelle abluções e ouvindo-lhe as vozes cantantes, é que a alma lyrial de Krishna se purificou, para elevar-se e cumprir a sua missão na Terra.

O Ganges fez de Tagore um poeta. Foi o scenario de sua juventude. Morava numa casa-embarcação, que fluctuava sobre as aguas murmuradas do rio lendario.

Elle proprio o confessa, com a sua inimitavel singeleza de mago da belleza e do pensamento:

"Alli bebi como vinho o sol profuso das extensões, e o murmuro do rio me falava dos segredos da natureza.

Sonhava e dava fórma aos meus sonhos em poesias e narrativas, que enviava aos jornaes e revistas de Calcuttá. Não sei si os poetas occidentaes passam a sua mocidade em tal retiro; não creio, entretanto, que seja possível: a soledade não tem nenhum logar no mundo occidental. Em consequencia disso, era eu, por esse tempo, um homem desconhecido, conhecido apenas em minha propria provincia. Estava satisfeito com esse isolamento, que me protegia da curiosidade humana."

O anhelito de trabalhar pela humanidade fê-lo renunciar a essa volupia da solidão, que o Occidente não conhece. Sentiu-se impellido a deixar de sonhar e meditar sósinho sobre os problemas da vida e de viver encerrado e falando comsigo mesmo. Ansiou por expressar e divulgar as suas idéas, fructos de sua contemplação de fakir do sonho, enfermo de Infinito. Pensou nos seus semelhantes e dominou-o o sentimento do amor ao proximo.

Voltou-se, então, para as creanças e começou a instrui-las, tornando-se professor, ou melhor, guia paternal da infancia. Ensinar é abrir o caminho das almas.

Bello destino para um poeta!

Tagore não tinha preparo especial para esse mister, nem precisava tel-o. Bastava-lhe o amor ás creanças e á natureza. Sem o amor nada se constróe no mundo. Seu escopo unico era libertal-as e proporcionar-lhes a alegria de viver.

"Eu proprio, quando menino — declara — soffri meu tempo de prisão na escola, necessitando tambem passar através das machinas da instrucção, que esmagam todos os prazeres da existencia. Foi meu objectivo dar-lhes a liberdade a que têm direito desde o seu nascimento."

Tagore reuniu algumas creanças em torno de si e tratou de fazel-as felizes. Foi o seu amavel e paciente companheiro de jogos e o seu irmão mais velho. Exerceu, assim, o apostolado da bondade, como mestre da innocencia, com essa grandeza de alma que só no Oriente é possível.

Cresceu com as creanças, nesse ambiente livre e luminoso. Os gritos e cantos infantis alleluiavam o espaço e se confundiam com a symphonia sagrada do Ganges, o rio dos deuses da theogonia hindú. Tagore bebeu esse espirito pagão da alegria, que lhe deu ao verso diaphano uma sonoridade estranha de crystal.

A' tarde, quando o sol desaparecia nas montanhas, onde dormem as lendas do passado magnifico da India, Tagore, isolado, sentava-se, tendo o enlevo de contemplar a natureza e de escutar a tagarelice das creanças, que o empolgavam. Ellas lhe davam a visão de arvores crescendo do coração da terra, como fontes de vida, e, como uma creança grande, enviava tambem a sua voz jubilosa até o céu, para empregar as suas proprias palavras. Nesse meio e sob essa doce influencia compoz "Gitanjali", e os

Um brahmene do verso A alma e a arte de Rabindranath Tagore, por Paul de Navarro

versos, elle os cantava para si mesmo, sob a magia do céu patrio. E continuou essa vida simples e fecunda, até que um dia sentiu, outra vez, como asseverou, a necessidade de ir

até ao coração do mundo. Tagore nol-o diz:

"Reconheci que essa existencia solitaria era sómente o preludio de minha grande viagem de peregrino. Anhelava pôr-me em contacto com os homens do Occidente; sabia que a nossa época pertence ao occidental com a sua exuberante energia; sentia que antes da morte devia ir ao Occidente para encontrar-me com as gentes no santuario secreto, onde a Divindade tem o seu templo. Fui, e commigo levava em manuscripto as minhas poesias, que traduzira para o inglez, ainda que sem o proposito especial de publical-as. Mas, quando se apresentaram ao publico britannico, este as elogiou; o coração occidental se lhes abria sem demora.

Foi um milagre para mim, que havia vivido todos esses annos separado do Occidente e de seu espirito, ser immediatamente acceto por este como um de seus proprios poetas.

Comprehendia, porém, que isso, talvez, tivesse uma significação mais profunda e que os sentimentos que interpretára nas minhas poesias eram comprehensiveis para as gentes do Occidente, com o seu ardente viver, sedentas de paz, de infinita paz. Com a preparação que a minha musa tívêra desde a juventude á beira do Ganges, podia apresentar-me e offerecer a minha taça, que foi acceta e louvada.

Mas isso não foi gloria minha: foi do Oriente que veio ao Occidente.

Por que não é, por ventura, o Oriente a mãe espiritual da humanidade?"

A arte e a alma de Rabindranath Tagore estão espelhadas nessas palavras, que transcrevemos e que nos serviram para deixar aqui uma impressão da vida e da obra do excelso bardo indiano.

A celebridade de Tagore data do dia em que recebeu, surpreso, o premio Nobel, que, aliás, não o envaideceu, nem o tornou egoista.

Não o empregou em beneficio proprio, destinando o dinheiro que lhe coube ás creanças e estudantes do Oriente; e, com esse auxilio providencial, iniciou e sustentou a sua Universidade na patria que ama e glorifica.

Recordemos como Tagore teve noticia dessa consagração, que o tornou poeta universal.

Encontrava-se em Shantieniketan, e, justamente, nesse instante, estava em caminho do bosque, proximo da escola. Quando passava em frente do telegrapho, veio um

mensageiro, com um telegramma na mão, correndo ao seu encontro.

La comsigo, nesse momento, um hospede inglez e, como acreditou que o telegramma não era importante, collocou-o no bolso, com o proposito de lel-o quando chegasse.

Mas, o seu hospede tinha, certamente, conhecimento de seu conteúdo, porque lhe pediu que o abrisse immediatamente.

Leu a mensagem da gloria. A principio tomou como engano. Convenceu-se, finalmente, da verdade.

E ao chegar á escola, as creanças, que o amavam, exultaram com a grata noticia e celebraram jubilosas aquelle triumpho, tocando a alma sensível do poeta.

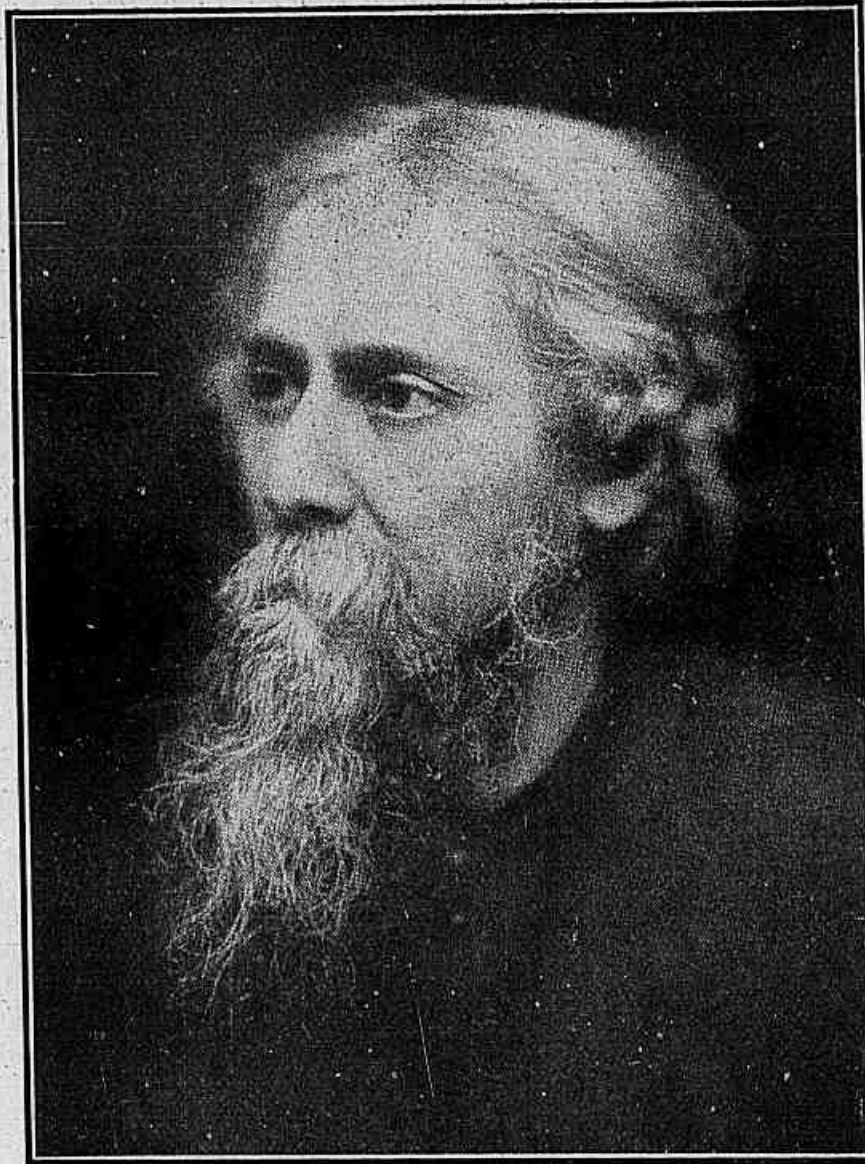
Tagore descreve, nestes termos a emoção que sentiu nesse dia inolvidavel:

"A' noite, sentado, sósinho, no terraço, perguntava-me a mim mesmo qual seria a causa de terem sido bem acolhidas as minhas poesias no Occidente, sendo ellas filhas de outra raça, separada dos filhos do Occidente por aguas e montanhas.

E posso assegurar-lhes que não foi com arrogancia, senão com temor, que eu proprio me examinava; e, nesse instante, me sentia humilde."

Toda a alma oriental palpita nessas palavras simples e radiosas, reflectindo o espirito da India, que representa para o mundo o poder infinito do pensamento, sendo, na phrase lapidar de Schuré, a grande sonhadora, que nos mergulha comsigo no sonho da eternidade.

Saudemos Tagore, que, vindo do Oriente, nos traz o sol a cantar no rythmo de seus versos.



Rabindranath Tagore

Cidade Maravilhosa

de Olegario Marianno

(C O N F E R E N C I A L I D A N A C A P I T A L D E P E R N A M B U C O)

A Amaury de Medeiros

Contornada voluptuosamente por mil braços de montanhas paradisíacas, dorme, em coxins de relva, a **Cidade Maravilhosa**.

O seu somno não é bem o de uma creança. A seus pés, como troveiro medieval, canta o mar intranquillo no aceno das velas latinas ou no gesto preguiçoso e melancólico dos transatlânticos...

Da sua pureza antiga, quasi nada resta. A civilização devorou-lhe as ultimas ruínas, invadiu-lhe os parques avoengos, desvirtuou-lhe a physionomia.

As velhas casas coloniaes dos nossos maiores viram os seus alpendres atirados pelo máo vento, na lucta desvairada da renovação.

Abriam-se avenidas feéricas, derrubaram-se morros seculares de casinholas humildes com uma indifferença revoltante ás cousas do passado e fundaram uma nova cidade de agitação e tumulto das ruínas daquella que desaparecia na onde ameaçadora do tempo.

Cada barreira que rolava pela alavanca do progresso, era um membro arrancado a esse grande corpo humano que se estorcía em brados e revoltas. Em cada cicatriz de ruína, em cada bocca de janella esphacelada, a cidade sorria um sorriso cortado de lagrimas e de ironia...

Ella que fôra a moçoila ingenua do ultimo baile da Ilha Fiscal, fechou os olhos para a vida e, um dia, sentiu que acordava transfigurada, cidade-mulher, segundo Alvaro Moreyra, com um novo sangue a lhe correr nas veias.

Cidade Maravilhosa!
Na magia do luar lubrica e fina,
Lembra excentrica bailarina,
Corpo de nayade ou sereia,
Desfolhando-se em petalas de rosa
Com os pés nús sobre a areia.

Cidade do Goso e do Vicio!
Flor de vinte annos, rosa de Desejo!
Corpo vibrando para o sacrificio.
Seios á espera do primeiro beijo!

Cidade do Amor e da Loucura,
Das estrellas errantes... Para vel-as,
Vibra no olhar de cada creatura
Uma ancía indefinida
Pelo esplendor longinquo das estrel-
[las
Que é, como tudo, ephemero na vida.

Cidade do Extase e da Melancholia,
De dias tristes e de noites quietas,
Sombra desencantada da esthesia
Dos que vivem de lagrimas, os
[poetas.

Cidade de arvores e sinos,
De creanças e jardins... Flor das
[Cidades;
Berço d'oiro de todos os destinos,
Fonte eterna de todas as Saudades.

O rythmo da vida moderna deu-lhe movimentos ágeis, abriu-lhe novos horizontes á imaginação fantástica, arrancou-lhe o coração e poz lá dentro um guizo.

O Destino, de mão espalmada e voz fatidica, murmurou-lhe ao ouvido: Dansa!

Ella atirou ao vento o ultimo farrapo de pudor e, diante de sete espelhos que se illuminavam na moldura da noite, retesou os nervos, fechou os olhos em extase e atirou-se no torvelinho humano...

Que noite voluptuosa de bailado!
Na **terrasse** o jazz-band principia:
Dansam do luar na fria melancholia,
Em delirante açoite,
As arvores, as torres, os repuxos...
E' o bailado diabolico da Noite.

Dansa doirada e languida, a Cidade
Lá em baixo. E o mar, com vinho das estrellas,
Baila, bebedo de claridade,
O bailado dos barcos e das velas.

Perfumando a neblina transparente,
Vem vindo a lua... Bailarina!
Salomé de Oscar Wilde! Toda núa!
Vae dansar sobre os telhados e as claraboias...

E as estrellas, de repente
Enlaçam lubricas o corpo da lua,
Porque as estrellas pensam que são joias...

Viver a vida vertiginosa e allucinante do momento era o seu sonho obsecado de todo o dia. Depois de breve temporada na Europa, futilizou-se pelas calçadas da Avenida, cortou os cabellos, humanizou os figurinos de Magdelene & Magdelene e remarcou definitivamente no mundo social a sua individualidade inconfessavel.

Nas recepções de **Madame**, entre matronas adaptadas á epoca, fazia com uma elegancia super civilisada o **flirt** sem consequencias. Ao desvairamento musical do **jazz-band**, a sua figura de lyrio heraldico, oscillava pelo braço de qualquer desconhecido que a envolvesse. A sua mocidade ia perdendo o viço, como uma flor machucada na mão inconsciente dos bailarinos seductores.

— Não dança o **schimmy**? Não **fox-**
[trotta?
— O' bonequinha de terracota!
Que pena eu tenho de você!
Eu não danço, não faço nada.
Vivo com a alma esphacelada...
— Porque? — Eu não sei porque.

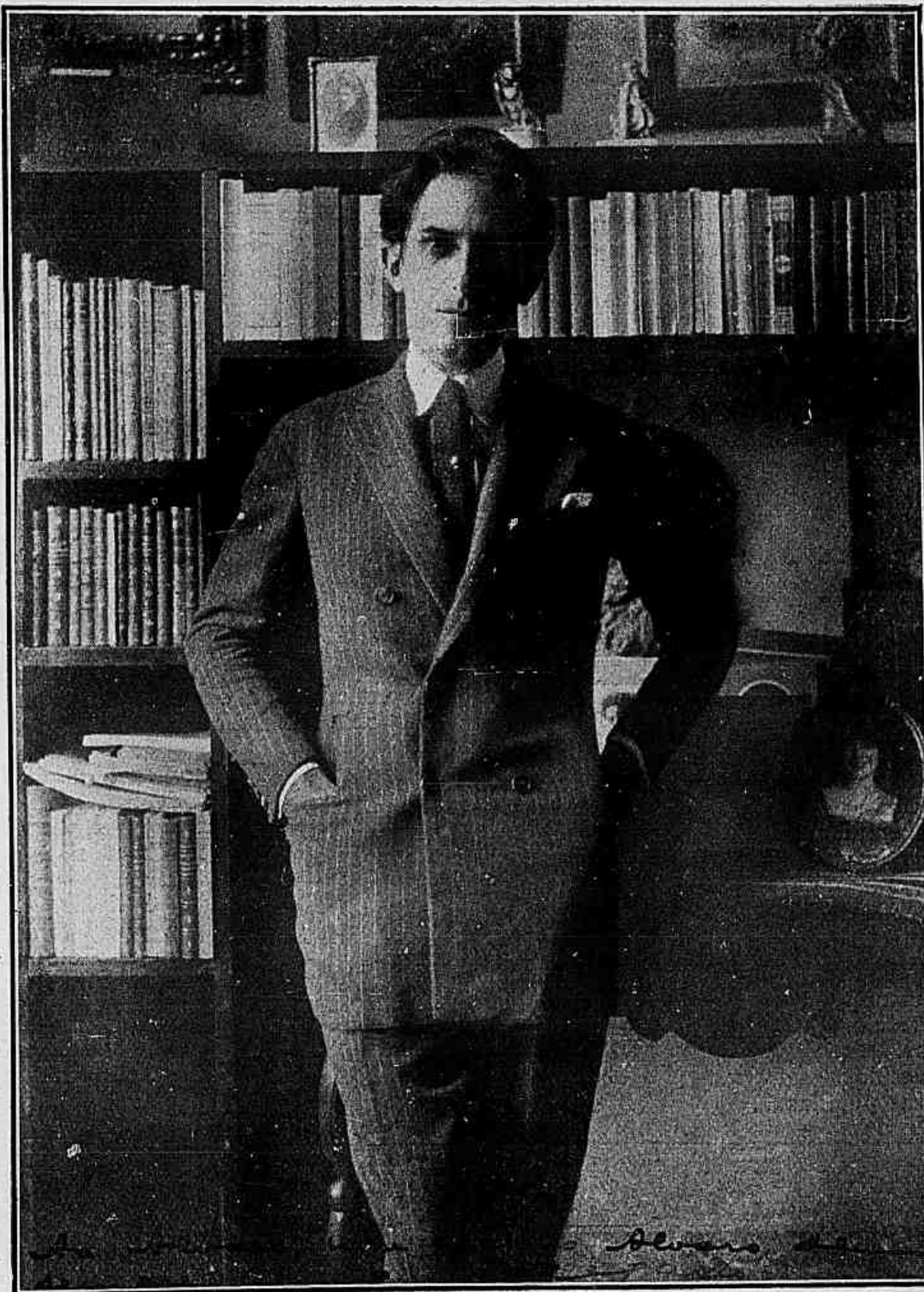
— A mim me chamam **Follette**.
Póde dar-me uma **cigarette**?
Abdulla ou **Nobleasse**. Tem?
— Meu lindo figurino de penas!
Não fumo, bebo apenas...
E bebo por alguém.

— Que bebe? Whisky britannico,
[solemne?
Absyntho de Verlaine
Ou **Xerez**?
— Desculpe, minha linda menina,
Não faça caso, é a sina...
Bebo apenas... os tres.

— Eu fiz um **flirt** delicioso
Hontem no Gloria. O Alves Mos-
[coso
Como é subtil!
E fala um francez que adormece...
O Alves Moscoso nem parece
Do Brasil!

Você conhece-o? como elle dansa!
E' uma pluma que se embanca
E ao vento vae
Levando a gente no torvelinho...
Uma loucura o rapazinho,
Já se dá com o papae.

'Stamos de vida encaminhada...
Você não fala? Não diz nada?
— Para que dizer?
— Mas diga sempre qualquer coisa.
— Pobresinha de mariposa.
O seu futuro como vae ser?
Eu que sonhava tel-a a meu lado:
Meu pavãozinho doirado...
Vestir seu pé
Com a mais suave e a mais terna
[caricia
E murmurar-lhe ao ouvido a encan-
[tada malicia
De um poema de Musset.



Olegario Marianno em casa

Fazer de você uma grande dama,
Para o Amor e o Egoismo de quem ama,
Eu, o unico capaz.
Mas a vida é uma Caixa de Surpresas
E vae mudando as alegrias em tristezas...
A vida nunca sabe o que faz...

Aos domingos, na Feira-de-vaidades do Flamengo, o seu corpinho de porcellana de Copenhague, banhado de sol e haloado de graça, expunha a extravagancia exotica das toilettes mais complicadas.

Segundo as exigencias da moda, rythmava no passeio, em movimentos de musica barbara, os pesinhos calçados em vermelho vivo. Na cabeça uma pequena **toque** vermelha, no pescoço uma **écharpe** sanguinea. Toda ella gritava de côr, de graça e de petulancia...

Vamos ao **footing**? O domingo
'Stá simplesmente maravilhoso.
Cae chuva de ouro, pinga a pingo...

Ilustração
Brasileira

O ar é leve, a tarde é doirada.
A tarde cheia de um licor precioso.
Parece uma taça entornada.

Andam silhuetas erradias
Como nuvens de espuma pela terra...
Bandos de garças fugidias.

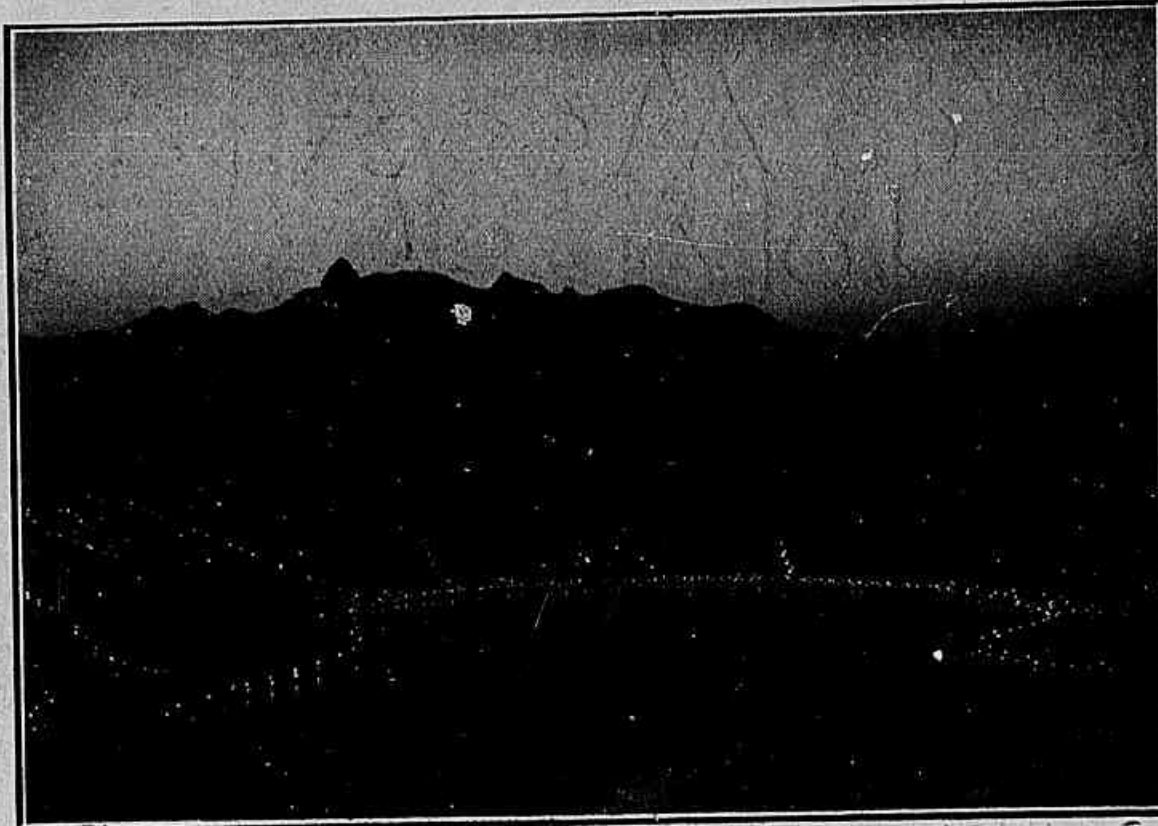
Esta é delgada, ondulante e fina.
Aquella outra veio da serra,
Mixto de garça e de menina.

Tem os olhos glaucos e mansos
Como a agua quieta e transparente
Dos mais tranquillos remansos.

Esconde nelles, profundamente,
Funda e recondita, a saudade
De alguma cousa inexistente.

No seu vestido em sêda amarella,
Percebe-se a elasticidade
Do seu corpinho de gasella.

Agil, nervoso, fino, assustado...
A gente tem a impressão de que ella
Veio de algum clima abrazado.



B o t a f o g o

Fala aos impetos, **sacadée...**
Estendeu-me um braço enluvado:
— Meu amor, como vae você?

— Assim, vou indo como quem
Anda cançado, extenuado
De procurar pela vida alguém,
Que tenha um corpo estylisado
E uns olhos como você tem.

Cae, monotona e fina, a garôa sobre a Cidade. O crepusculo acorda uma doce melancholia nas almas... Ondula entre o céu e a terra, a saudade das estrellas que não vieram...

E' a hora **exquise** de Verlaine...

Os bazares, as agencias, as casas de moda, despejam no grande centro milhares e milhares de creaturas azafamadas. Sente-se a vida de uma colmeia que abrisse as portas e dêsse liberdade a todas as abelhas.

Em cada creaturinha laboriosa e um tanto bohemia, recordação suavissima daquella midinette que se chamou Mimi Pinson, vive uma pagina de romance anonymo que a gente lê nos seus olhos garotos e adivinha nos seus gestos destabnados.

Os bandos dispersam-se. Cada uma toma o seu destino. Ah, se ellas podessem parar, ao menos por instantes, o pendulo do tempo!

Sob a chuva, a Cidade,
Espelhante de casaria,
Tem a exquisita sensualidade
De gata que se lambe e se acaricia...

Friorenta, lúbrica Cidade.

Na nevoa loira que se condensa
E paira acima dos telhados e fluctúa,
As casas como uma colmeia immensa
Scintillam no crystal do macadam da rua....

E' uma pedra preciosa o macadam da rua.

As luzes, os fôcos, os combustores,
Num multiplo reflexo amortecido,
Sobre as fachadas tranquillias,
Olham com o olhar enlanguecido
De tresnoitadas, melancholicas pupillas...

E o café regorgita... Vaga, indis-
[tincta,
De rua em rua, a turba ondula
Em meia tinta,
Vagabunda, imprestavel, nulla...

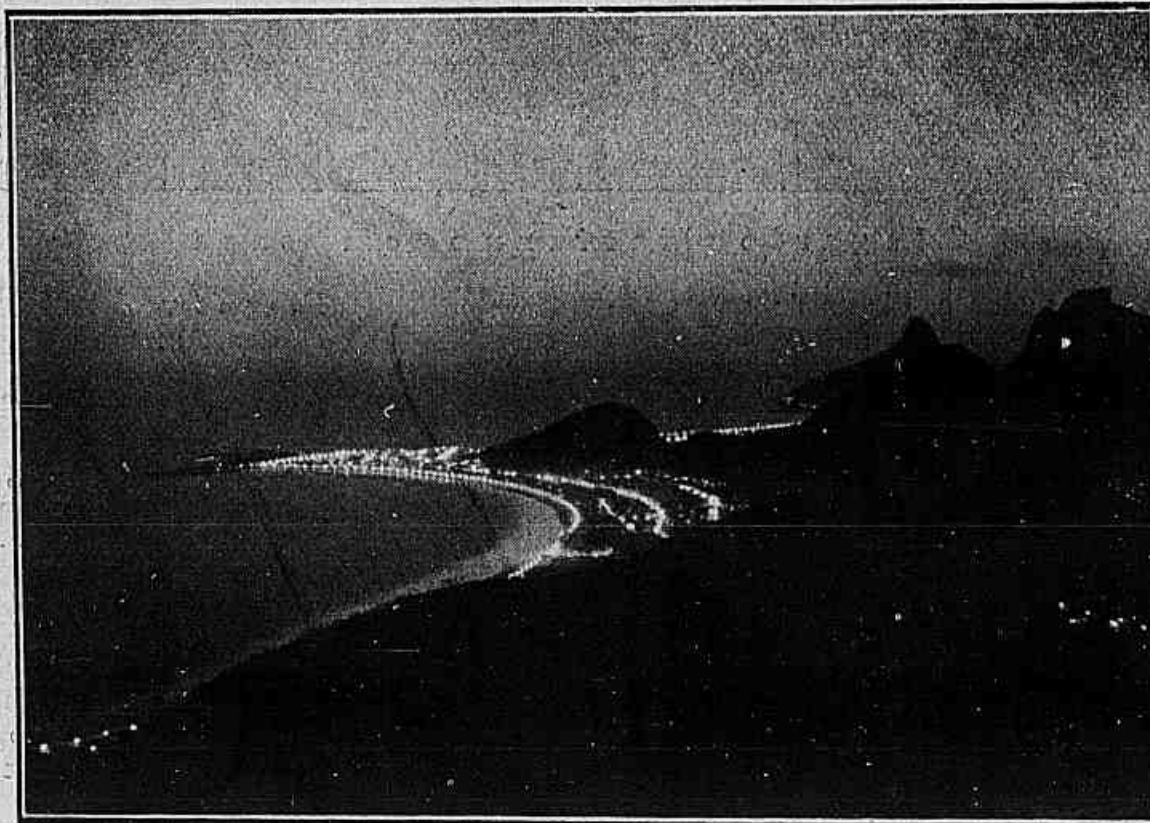
Cosido com um portal, displicente,
[impassivel,
Um cigarro no labio, um vulto espera
[alguem:
— Ella virá? E' bem possivel
Que não venha. Não vem.

De súbito, um toc-toc de bota apres-
[sada,
Uma mão em luva, um perfume, um
[rumor.
E a chuva canta e tamborilla na
[calçada...

— Que saudade!
— Meu amor!

Felina, mysteriosa Cidade.

Nesses momentos, ella retoma a sua individualidade. Sente a voz de embalo que a chuva lhe adormece nos ouvidos e deixa-se levar anestesia-



C o p a c a b a n a

da, hypnotisada pelos olhos magicos do amante que a domina. O seu coração de guizo transforma-se, transmuta-se, transfigura-se e começa a bater desordenado como se a velha emoção lhe acordasse na arca do peito o rythmo, o velho rythmo adormecido. Cidade do Amor e da Saudade...

A noite paira como uma benção sobre o silencio das arvores. O polvo invisivel de todos os vicios estende os oito tentaculos tragicos, dilacerando as silhuetas dos noctambulos. Os jardins no abandono da noite, sob a cumplicidade das velhas frondes, como as mulheres desgraçadas, sorriem para quem passa...

Noites de Oscar Wilde, em que as hyperesthesias, as degenerescencias, as taras anonymas desafivelam a mascara ao contacto do primeiro vulto que rasga a cortina da treva.

O silencio, o penetrante, o pesado silencio põe na bocca dos adolescentes a ancia doentia de um prazer que vem perto. Uma percepção de volupia, mais fina, mais dolorosa, mais cruel do que as outras, anda no ar com o presagio de um crime.

Dorme o jardim na sombra vacillante,
Dorme...
Os repuxos cessaram de cantar.
Na calma enorme
Que envolve a velha praça,
O solitario vulto de um passante
A caminhar... a caminhar...
Se insinúa entre as arvores e passa...

Dá dez passos e volta sem rumo,
Indolentemente... bamboleantemente...
— Dás-me um cigarro?
— Não fumo...

Que lindo grego adolescente!

Entre as arvores sombrias,
Sua figura frágil, anemisada
Por tudo quanto de mais tórpe existe,
Passa... some-se na semi-obscuridade...

Como elle tinha as mãos frias!
Como a sua bocca era descorada!
E o seu sorriso como era triste!...

O vicio errante da Cidade...

A dois passos, funambulesca e tumultuante, fica a outra cidade. A cidade que desvaira em passos de maxixe e de tango, a **Cidade Satanica**, taça de volupia por onde bebem com mil boccas sequiosas... A Cidade do **Demonio Amarello**.

O **cabaret** palpita cheio:
Lá dentro, mulheres loucas,
Braços nús, desnudo o seio,
Desfolham risos nas boccas.

Esta é livida, esgalga e fina,
Fuma opio, toma morfina,
E tem uns olhos de topazio.
Aquella outra bizarra
Canta como uma cigarra
E ganha para o amazio.

Acolá, com a cabeça sobre a mesa,
Outra que nunca fala de tristeza,

Mas num sorriso anemico sorri,
Tem uma horrivel cicatriz no braço
Que um amante devasso
Lhe fez, gosando o crime, a bisturi.

Sobre o tablado, lépida e vermelha,
Loirinha como uma abelha,
Perfumada até a ponta do pé,
Surge Marcelle em vestes de **apache**:
— "Je suis Marcelle, la vache,
Tout le monde me connait."
E augmenta o delirio... Agora
Alguem perto da minha mesa chora:
— E's tu que me enganaste, em re-
[compensa
Do muito de piedade que te quiz.

E o **cabaret** canta na noite immensa
Como a bocca sonora
Da Cidade feliz!

Mas o que amo em ti, Cidade Maravilhosa, não é a elegancia do teu rythmo de **jazz-band**, não é o encanto emolliente das caricias que derramas pelo teu corpo de taça grega, não é a cocaina que pões na ponta da unha para sorver numa pitada, não é a tua alma de visionaria, ó pobre

vendedora de amores! O que amo em ti é a velha ingenuidade brasileira dos teus arrabaldes em noites de lua, nos serões das casas tranquilas, onde a felicidade estende as azas intangíveis e onde ha sempre um pae que canta e uma mãe que chora de alegria:

Tatú Marambá,
Não venhas mais cá
Que o pae do menino
Te manda matar.

Aranha tatanha
Aranha tatinha
Tatú é que arranha
A tua casinha.

No seu berço de rendas com brocados d'oiro,
Os olhinhos redondos de espanto e alegria,
Elle olha a vida como quem olha um thesoiro...
— Meu filho é o mais lindo desta freguezia!

O filho da coruja!
A face em rosa, a mãosinha suja,
Com os dedinhos gordos já dá
[adeus.
Fala uma lingua que ninguem com-
[prehende.
Todo o mundo que o vê se surpre-
[hende:
Tão bonitinho! Benza-o Deus!

E' gorducho como uma bola.
O seu polychinello com um grande
[guizo
E' a unica coisa que o consola...
Meu filho é o meu melhor sorriso.

Que noite clara anda lá fóra!...
O luar entra no quarto manso e
[lindo
Com a expressão angélica de quem
[chora...
Roça o berço... O menino está dor-
[mindo.

Então a voz que mal se sente,
Vae cantando machinalmente:

Tutú Marambá,
Não venhas mais cá,
Que o pae do menino
Te manda matar.

No abandono da rua quieta do arrabalde, uma algazarra infernal de géstos, de gritos, de apupos, irrompe, sacudindo os nervos dos garotos. A noite está de lado a lado, polvilhada de estrellas como no poema de Ademar Tavares. A cidade cintada de ouro e coroada de rosas, como que despe a tunica que a envolvia, e apparece núa, dando o seio branco á mascara do luar que aponta no plincho da montanha. Um chuveiro de lagrimas abre, no céu, sem raias, o pennacho de mil cores.

Cae, cae, balão!...

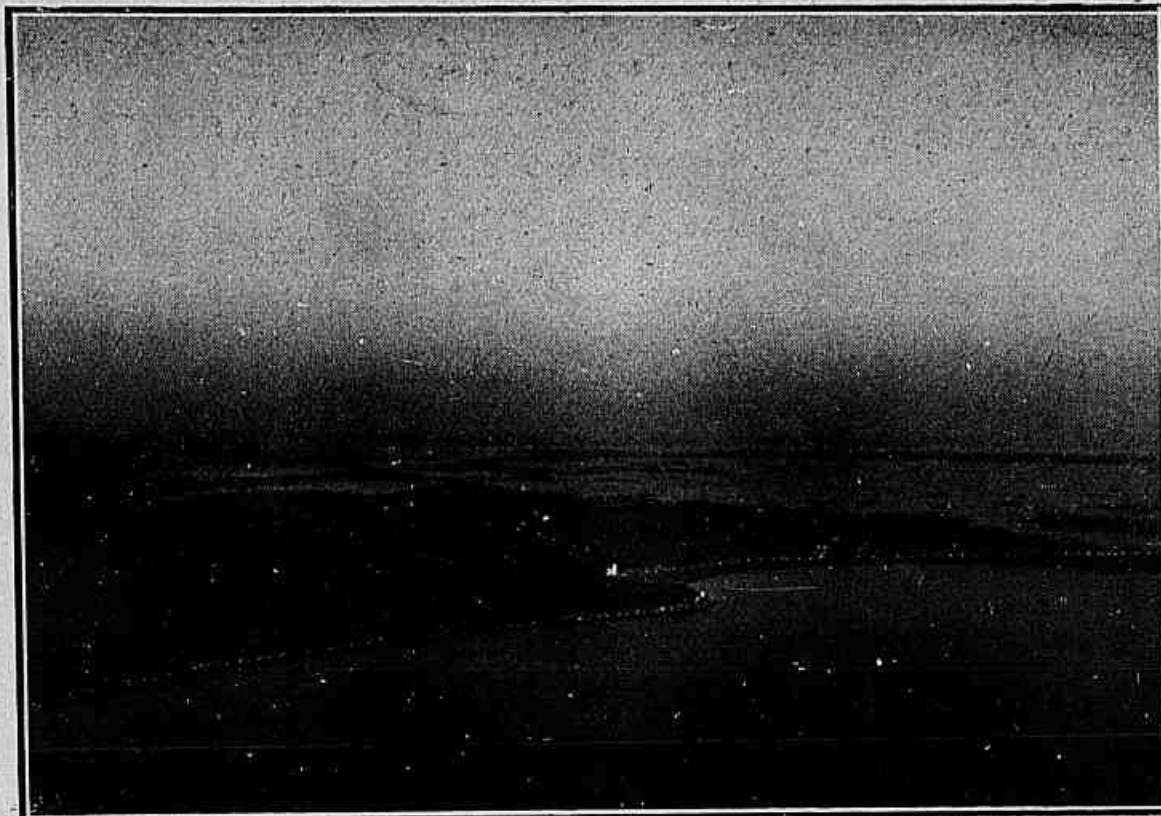
Na noite fria, quieta e estrellada
Que o luar envolve num grande beijo,
Vae subir o balão... A creançada
Accende os olhos, abre os braços em desejo...

Arfa o bôjo amarello num momento,
Treme, estala ao clamor doido que o impelle.
Lá vae dansando no vae-vem do vento...
Os olhos sobem para o céu com elle.

Illusão fugitiva de um momento.
Passou... Vem outro... Cae balão! A noite é fria.
E outro que sobe e outro que cae do firmamento
Abre na creançada explosões de alegria!

Ah, vida humana! Na minha ingenuidade
Acho que o teu destino é triste mas é lindo!
Como um balão doirado a Felicidade
Foge das nossas mãos e vae indo... e vae indo...

Cae, cae, balão!...



Interior da Bahia de Guanabara

Como referem as multiplas phisionomias dessa cidade das "Mil e uma noites"!

Ora assolada pelas extravagancias da moda que Paris lhe manda nos ultimos figurinos de Longchamp, ora romantica, retalhada de crimes passionaes e duellos ridiculos, ora abalada por ameaças de revoluções frustradas, é sempre, sempre a cidade maravilhosa que Deus abençoá do alto, derramando-lhe pelas collinas o oi-ro melhor do sol fecundo e a poesia mais pura dos luares commovedores...

Que noite linda!
O mar abriu-se em luz. A Avenida
[é deserta...
Como na noite linda
O coração da gente em saudades se
[aperta!...

A Cidade maravilhosa
Embriagada na luz que se derrama
[no ar,
Sorri como uma grande rosa
Que sem sentir desabrochasse ao
[lar...

A avenida onde arrasto esta silhueta incerta
De noctambulo infeliz,
E' mais longa, e mais triste, e mais deserta...

— Porque te amei? Porque te quiz?

Porque me vem teu nome á bocca
E nas noites de luar, a caminhar em vão,
Eu me ponho a dizer toda a poesia louca
Que trago dentro do coração?

Porque? E a alma tranzida mais se aperta
E os olhos choram mais sem sentir, sem querer:
A avenida deserta é mais deserta...

Cidade Maravilhosa

Para a gente soffrer!



Manhã de sol



Em Copacabana

Adorável Migalha

Toda a glória do céu, toda a angustia do mundo,
póde caber num favo, ou numa gôta,
no extase de um segundo,
na curva de uma vela, inflada ou rôta,
no velado travor de um coração;
na flôr de um beijo, num suspiro espetalado
e volatizado
no thuribulo ideal de uma paixão...

Todo o céu, toda a terra,
às vezes, numa lagrima se encerra,
pois essa mesma lagrima descerra
do mysterio interior na apparencia exterior,
o que vive e se move, o que esmáece, ou pausa,
a perfeição das almas, quando choram,
é a pureza dos olhos, quando adoram
na mudez do pudor...

E tudo, coração ou pedra, anseio ou pausa,
tudo tem uma causa:
ou a Dôr,
ou o Amor,
que, ainda em ultima causa,
o Amor é a propria Dôr.

A insensibilidade, ou hypocrisia,
muitas vezes, no entanto, assim se expande:
— Um ephemero beijo — oh! que mesquinharia

para uma eternidade! ah! que mesquinharia
para um mundo tão grande!

Certo, uma alma grosseira
jámais comprehenderia
o esforço multiennário da palmeira
para se abrir em palmas;
o esforço da roseira
para se abrir em flôr,
o intimo esforço espiritual de suas almas
que alcançaram florir em seu beijo de amor...

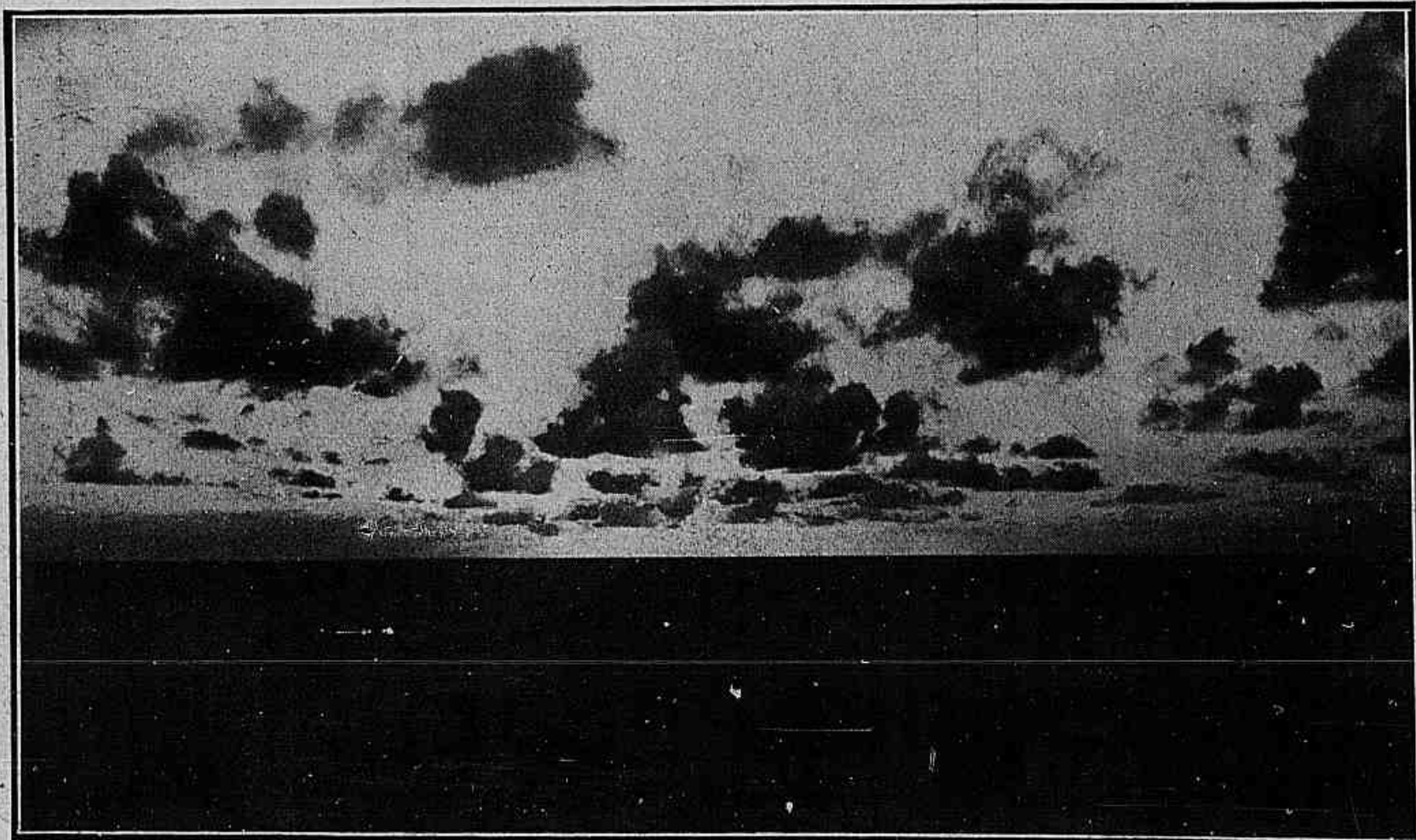
Para criar um beijo, em favo, uma corolla,
é preciso um romance... um nectário, um jardim...
E que riqueza humana, essa divina esmola!
— Que eternidade, um beijo ephemero, em seu fim!

Flôr murcha, extincto favo,
um beijo que, ao nascer, desmaiou de pudor...

Homem livre, homem livre! és um misero escravo!
— Sempre esse mesmo travo
de fingido rancôr:
um suspiro, uma lagrima, um aggravo,
que põe fim a um romance e eterniza uma dôr...

H E R M E S F O N T E S

o o o o



NO OCEANO ATLANTICO

o o o A passagem do Equador, á tarde o o o



“ESTUDO DE NU”



Leopoldo Gotuzzo

poemas de Carlos Porto Carrero

A VOZ DO TRAPPISTA

“Le plaisir de mourir sans peine vaut bien la peine de vivre sans plaisir.”

(Sentença escripta nas paredes dum convento de Trappistas).

Oramos. Este mel nos santifica
Os labios, e os sentidos nos acalma:
É a Fé — ardente abelha — é que fabrica
Na escondida colmêa da nossa alma.

Calamos. O silencio nos indica
Onde iremos colher a Eterna Palma:
É a eloquencia mais pura, a voz mais rica
De harmonias: a voz do Céu em calma.

Soffremos. Não ha flôr que mais trescale
Que Jesus feito Dôr contra o Peccado:
Nem perfume ha subtil que se lhe iguale.

Morremos. É o prazer que nos é dado:
Que “o gozo de morrer sem pena — vale
A pena de viver sem ter gozado”.

S O N E T O

Sempre tiveste o coração vasio
Ermo de sonhos como um desherdado.
Nunca um raio de amor, mesmo tardio,
Poude dar vida ao teu olhar gelado.

Sempre vieste só, mudo e sombrio,
Como quem traz no peito lacerado
Em vez de um coração forte e sadio,
Um pedaço de marmore guardado.

Mas um dia virá em que tristonho.
Cheio de dor e em lagrimas desfeito,
Has de correr em busca de outro sonho.

Em vão! Que em cada coração, de certo,
Encontrarás o gelo do teu peito,
A aridez infinita de um Deserto.

Q U ' I M P O R T E ?

“Nous agissons tous deux ainsi que des enfants
Qui sur un gouffre noir se penchent sans alarmes”
Ah! Laisse-moi rêver de bonheurs triomphants!
Je suis si malheureux!. J'ai pleuré tant le larmes!

Contre tous les dangers c'est toi qui me defends:
J'ai ton âme et ton coeur, et ne veux que ces armes.
Qu'importe l'ennemi, si toi, tu le pourfends
Rien que de ton sourire et rien que de tes charmes?

Sur ma tête brulante et sur mes cheveux blancs
— Ce volcan couronné d'une neige éternelle —
Ouvre, mon cher amour, la candeur de ton aile...

Rends lancienne vigueur à mes membres tremblants
Viens rajeunir mon être au feu de ta prunelle
Et chasser pour toujours mes soucis accablants.

S O N E T O

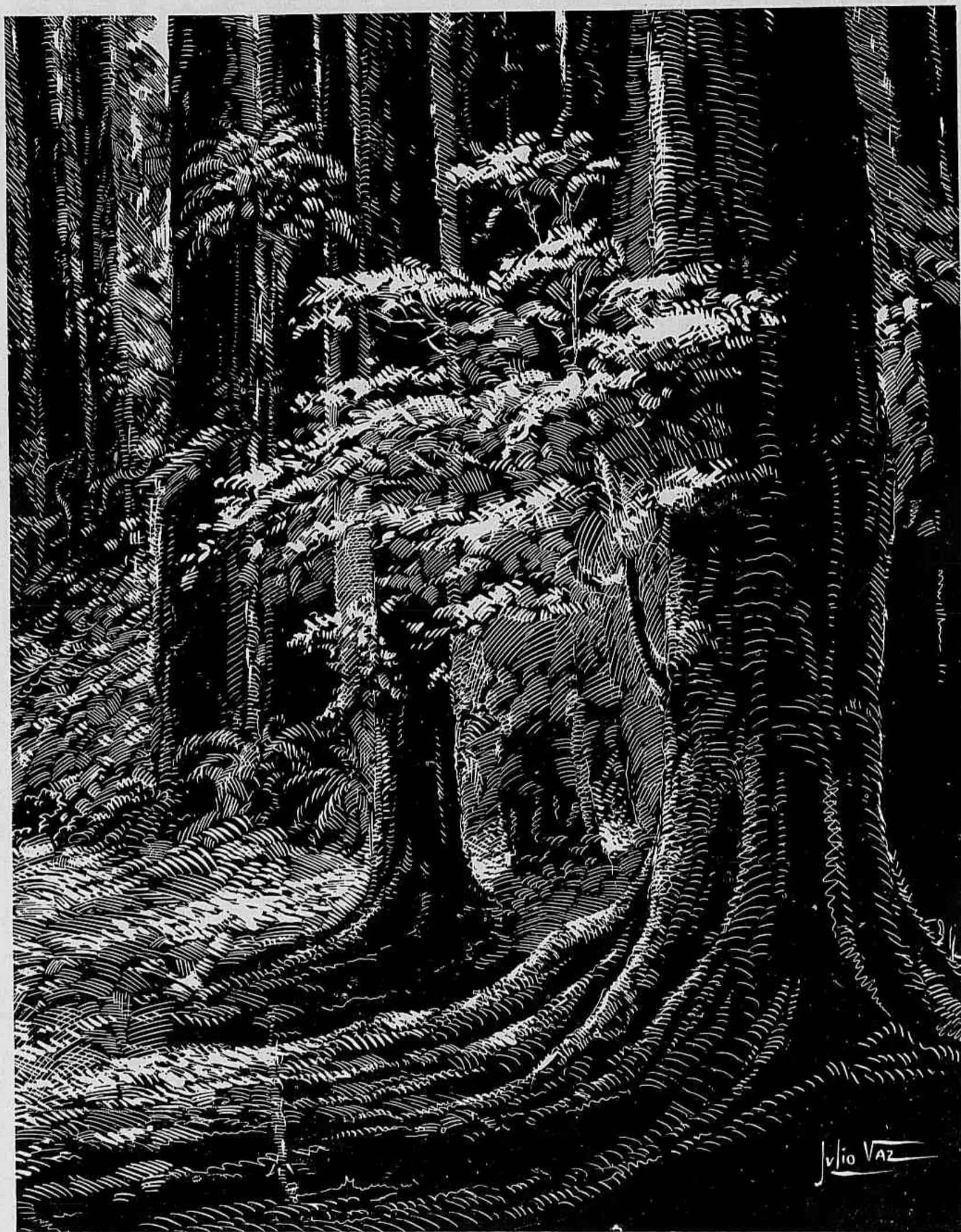
Quantas magoas crueis e negros desenganos
Tem provado minha alma! E quanto soffrimento,
Desses que não mitiga o balsamo dos annos,
Desses que o tempo agrava, impassivo e lento!

Dôres que sepultei nos intimos arcanos
De mim! Não vencereis a calma que apparento:
Nunca vos hão de ver os olhos dos humanos,
Nem vos ha de trair um minimo lamento.

Jazei! Que a turba fria ignore o que padeço!
Qual o avarento esconde as gemmas d'alto preço,
Tal vos ha de encobrir o orgulho que me impéra.

É embora este supplicio o coração me parta,
Féras, — hei de imitar o mancebo de Esparta
No regaço occultando o bruto que o lacéra.

Ilustração
Brasileira



B e i j o s d e S o l

D e s e n h o

d e

J u l i o V a z

Momentos e coisas da velha armada.

ARTISTAS *Gaspar Penabaz* DA MARINHA

A PROPOSITO de um sueto de Raul Pederneiras, publicado no *Jornal do Brasil*, acerca de escriptores pintores, cita aquelle artista alguns nomes conhecidos, e leva a sua extrema benevolencia a ponto de registrar a apagadissima individualidade do chronista destas linhas.

Isso me veiu suggerir uma idéa, aliás, de ha muito já pensada, de algo dizer sobre os artistas que se encontram disseminados pela nobre profissão do botão de ancora, que não são poucos, a explorar todos os generos.

Nas bellas-lettras já tivemos um Loti, Adolpho Caminha, o realista cru do *Bom Crioulo* e da *Normasta*, afóra as suas expressivas notas de viagem, onde se patentêa muito contacto com o primoroso impressionista do *Pêcheur d'Islande*. Cedo, nos verdes annos e no começo da carreira, Caminha poz termo á vida de soffredor sentimental, que iria talvez pela velhice a dentro sem paliativo nem consolo. Prende-se o homem desde o berço a taras ferreas que lhe acorrentam a vontade e as tendencias. Vivo, seria hoje o autor do *Paiz dos Yankees* com certeza almirante e academico, como os da sua geração de mar e terra. Mas nunca se libertaria de certas imperfeições que lhe haviam fatalmente de reger o destino.

Nomes illustres abrihantaram a marinha intellectual de outras eras. Muitos como Saldanha, Jaceguay, Custodio, Alves Camara, deixaram livros; outros poderiam ter escripto obras de folego, porém, solidarios com o meio, em regra avêso á publicidade, preferiram applicar o seu preparo na instrucção da sua gente e no exito das commissões que se lhes davam a desempenhar, cujos vestigios ainda agora se notam e se desfructam nos quatro cantos da armada estudiosa. Foram esses em geral mais cientistas do que artistas; mais viviam apegados á mathematica profissional que ás deleitosas recreações de espirito, de que, em se querendo aproveitar, a marinha é tão rica.

No emtanto, ainda está felizmente entre os vivos um cientista que em nada despreza as artes conscio de que não fazem mal as musas... aos almirantes. E' o barão de Tefé, eterno joven de alma e estylo, que lá vive em Petropolis com a sua gallardia inquebrantavel de fidalgo marujo, e cujo passado glorioso e proficuo é o maior espantallo que se pôde antepôr ao futurismo estrabico e rachitico. Hydrographo notavel, muito elle operou para o progresso da curiosa sciencia de Mouchez no seio da sua classe. Comtudo, entre dois levantamentos, enquanto aguardava o instante das circumstancias favoraveis, era visto o illustrado official empunhar a penna para traçar o esboço de um solido volume, bordado de labores literarios, ou o pincel para a fixação de um trecho da nossa natureza, de commum paizagens fluviaes ou maritimas, quer em tempo de paz, quer de guerra.

Não ha muito, Tefé publicou o oitavo volume das suas memorias, todo dedicado á historia da navegação aerea no Brasil, e para a continuação dessas reminiscencias, que constituem o seu diario intimo, repositorio de importantes ensinamentos, o

heroico companheiro de Barroso desconhece as horas e a fadiga.

De apaixonados da literatura conta ainda a marinha grande numero. Dos finados, Inhauma, marinheiro de escol e de altivo character, deixou grande correspondencia, quasi toda publicada na *Semana Illustrada* de H. Fleiuss, com o pseudonymo de *Leva Arriba*. O almirante Proença era inspirado poeta e romancista, tendo escripto um romance de collaboração com Quintino Costa, seu irmão de armas. Outros poetas foram Barros Cobra, autor de uma satyra em verso, *Os Agraoados*, de estrondoso successo; Mariano de Azevedo, que um dia poz em rimas humoristicas todo o quarto d'alva, Alfredo Monteiro Peixoto, filho do barão de S. Domingos, e poeta e orador.

Vivos, ahí estão os irmãos Boiteux, Henrique, almirante reformado, e Lucas, capitão de corveta. O primeiro organizou obra de muito valor historico, *Os Nossos Almirantes*, série de estudos biographicos, além de outras de igual merito; o segundo é autor da *Marinha de Guerra no Tempo de D. João VI*, collectanea de pesquisas acuradas sobre a primeira phase do nosso desenvolvimento naval, livro que muito tinha em conta o barão do Rio Branco.

Eugenio de Castro ama casar á erudição o sentimentalismo. Assim é que tempera o seu cunho literario, como se depara em *Terra á Vista*, da austeridade de uma novella á antiga, com muito sabor a passado, e a fantasia envolvente de um delicioso scenario marinho. Em *Cruzeiros*, vemol-o cheio de emoção e de saudade, descrevendo episodios de uma longa viagem ao redor do mundo, essa mesma encantadora viagem que tambem logrei fazer, e ainda hoje — lá se vão dezeseis annos! — trago nitida na mente, e se desenrola ante os meus olhos pasmos de *touriste* como as figuras radiosas de um cosmorama sem fim.

Didio Costa é um perfeito homem de letras, collocando ao serviço da patria, como Camões e Cervantes, ao mesmo tempo, a penna e a espada. São eloquentes de sentimento regional as suas paginas sobre a linda terra dos pinheiros, a sua terra, que busca para viver, sempre que pôde.

Armando Braga é poeta, escriptor, musico, esculptor e pintor. Seria eximio em qualquer arte, como o é nesse eclectismo bohemio que lhe trahe o talento. Nota-se-lhe, emtanto, accentuada preferencia pela arte difficil de Rodin e Bernardelli, onde apresenta composições que qualquer mestre assignaria. Ainda este anno, no Salão das Bellas Artes, vemol-o expondo tres trabalhos, todos de magnifica feitura, o que lhe valeu um premio que podia, aliás, ser muito maior.

Trajano de Carvalho, filho do grande constructor naval desse nome, e sobrinho de Alvaro de Carvalho, tambem official de marinha e escriptor, é marinheiro de merito. Alcino Cochrane, Americo Pimentel, Armando Regis, aquarelistas. Bonifacio de Carvalho tem pintado excellentes retratos a oleo. Hugo Pontes, Vianna Sá, Reis Netto e outros, finos caricaturistas. Dos mortos, Santos Matta e Francisco Xavier Tinoco legaram telas de valor.

Na musica, são de salientar Enéas Ramos, a mais linda e educada voz de barytono que tenho conhecido entre amadores. Teria feito carreira no palco lyrico ao lado de celebridades. Na commissão Lauro Muller aos Estados Unidos, um representante da casa Victor que o ouviu cantar a bordo do "Minas Geraes", entusiasmado com os dotes vocaes, do distincto official, chegou a propor-lhe vantajoso contracto. Enéas, mais por amor á marinha do que á arte, recusou o contracto.

Hess de Mello, Armando Trompowsky, Hugo Orosco possuem bellissima voz de tenor. Mesquita Braga, musico de raça, é filho de D. Amelia de Mesquita e sobrinho de Carlos de Mesquita. Oswaldo Storino poderia ter sido apenas pianista, que isso lhe bastaria para innegavel renome. Theodoro Souto, actualmente na reserva, é esplendido barytono. E dos passados, amantes da boa musica, são dignos de nota Tranquilino de Alcantara, violonista, e Rodolpho Penna, violoncellista.

Na poesia citam-se Annibal Gama, tambem vibrante escriptor de assumptos technicos; Ferraz de Castro, Frederico Coutinho, Velho Sobrinho, este como Victor Pujol, autor theatral; Antonio Bardy, a quem muito deve o humorismo da marinha, e innumer outros cuja modestia estou bem certo se feriria na indiscreção da minha penna.

Oradores tem contado a armada em todos os tempos. O almirante Maurity era no genero inspirado e erudito; Heraclito Belfort, em phase de menos galões e mais entusiasmo, era discursador arrebatado; Frederico Villar tem a palavra facil e grande felicidade de imagens; Annibal Gama conta os seus successos oratorios, principalmente no Chile, na circumnavegação de 1908, onde se tornou popular por seus discursos, a ponto de, ao saltar no caes,

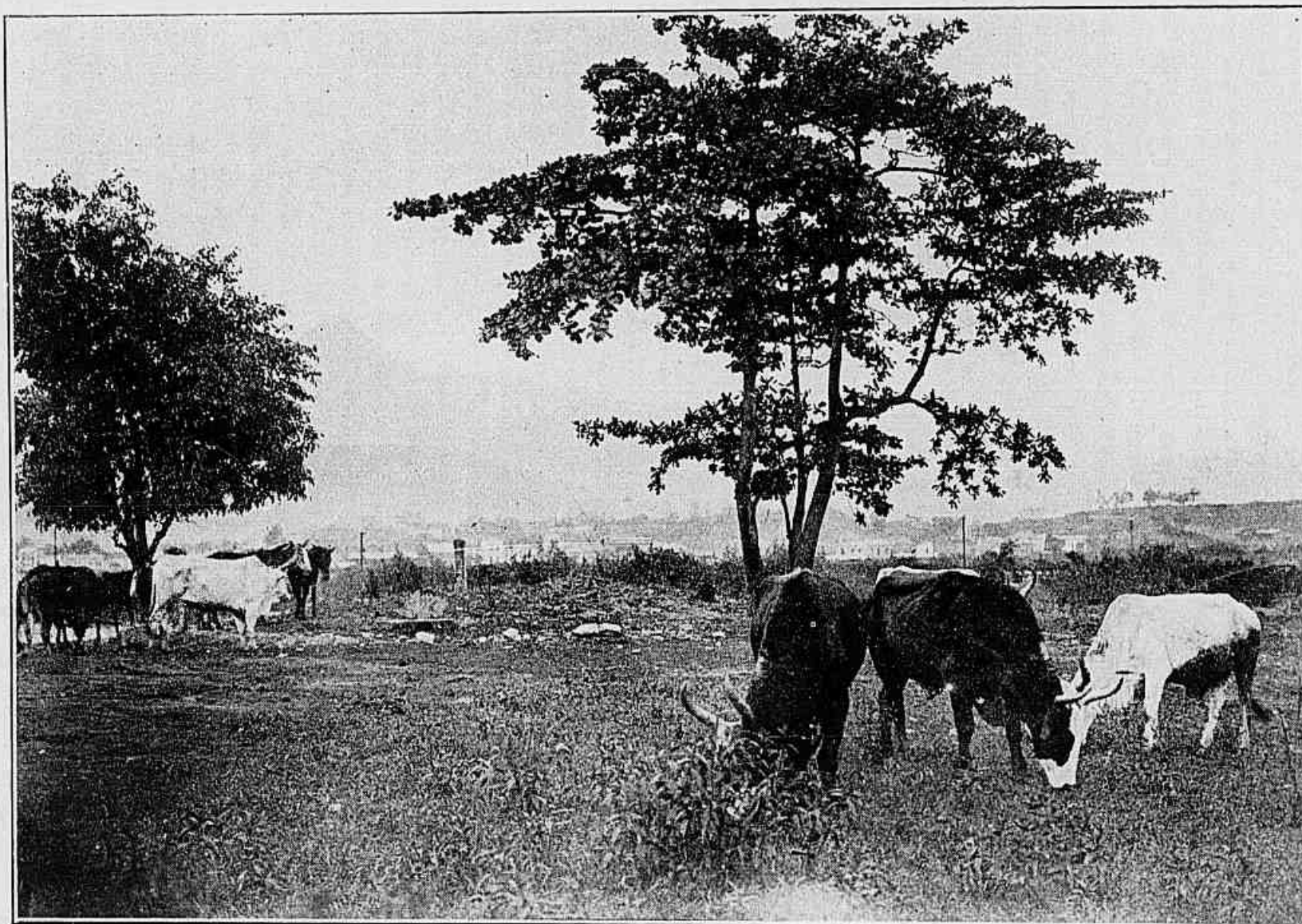
em Valparaiso, correr-lhe ao encontro a multidão e reclamar aos brados: — *Que hable Da Gama! Que hable Da Gama!* E na mesma viagem, ouvi falar em diversas linguas, numa linguagem rica de comparações felizes, o almirante Gomes Pereira.

Até na deliciosa arte de conversar, *causeurs* finissimos, se espalham pelas ruidosas praças darmas da esquadra. E' um encanto a palestra de Agenor Vidal, que hoje, reformado, só de quando em quando apparece para um café vespertino, nas poltronas do Club Naval. Alexandre Messeder, humorista á inglesa, cheio de casos a proposito; Heitor Galliez, versadissimo em theatro francez; Octavio Perry, tambem poeta e musico, educado conversador de salão; Moraes Sarmiento, malicioso e fertil narrador de aneddotas; Jorge Dodsworth Martins, amavelmente culto; e assim por deante.

E dizer-se que toda essa gente, e muitos mais que a falta de memoria me faz omitir, vive na marinha, no impenetravel mysterio das naus de guerra, na completa ignorancia da sua terra e do seu povo. A não ser um ou outro, como o desenxabido rabisador desta chronica, assim mesmo como Loti e Far-rère, occulto atraz de um pseudonymo, ninguem mais quer apparecer, preferindo trancar no seu camarote de bordo outras aptidões que não sejam essas que demanda a technica do officio, no que talvez pense e proceda bem.

Afinal, de que serve a popularidade? Aparte a de Carlito e a de raros cavallos de corrida, que tem feito millionarios, outra qualquer, só para a fortuna dos fabricantes de drogas contra a calvicie. Porque, segundo recente estatistica de um scientista allemão, os homens mais populares — artistas, politicos, mundanos — são justamente os caréas — de tanto que tiram o chapéo.

o o o o o



Crepusculo nos suburbios do Rio de Janeiro

Para a Arte



PERSISTE em maldizer do futurismo tanta gente de peso e medida que, afinal, estou chegando á petrea convicção de que elle, não só existe, mas preocupa os espiritos solidamente instalados nas idéas geraes.

Ainda ha bem curtos dias, um immortal, em phrases tersas e solenne cerimonia, não lhe declamou uma lacrimosa oração funebre, lançando-lhe sobre o esquife a pá de cal com que a piedade e a convenção despedem para o outro mundo os bons amigos: cahiu-lhe em cima, a valer, para o desancar e derruir. De modo que, segundo me parece, o futurismo não é o fallecido que a saudade deplora e a inimizade poupa no olvido e no silencio.

Foi Gustavo Le Bon quem se lembrou de nos dizer que atraz de certas palavras se encontra um mundo de idéas, que essas mesmas palavras não poderiam alcançar. Completando esse pensamento, que nada tem de original, aquelle sabio — aliás a seu modo futurista, porque, entre outras coisas, previu a theoria da relatividade — ponderou que, quanto mais uma palavra é de uso geral, mais reveste sentidos differentes, segundo a mentalidade dos homens que a empregam. Finalmente, é ainda o grave pensador quem nos affirma que as palavras representativas de idéas abstractas se não traduzem com exactidão em lingua estrangeira: de um povo para outro, os mesmos vocabulos correspondem a imagens mentaes differentes.

Ora, essa palavra "futurismo" nasceu, como toda a gente o sabe, na Italia, não a de Cavour e Mazzini, mas a de Giolitti e Sonnino. Surgiu creado por Marinetti, em momento e condições muito peculiares áquelle formoso paiz e, desde então, atravez de quinze annos, tem ali desempenhado um papel do maximo interesse e realidade, dando nervo e regimento a muitas energias que se iam apagando no meio social, na esphera politica, nas theorias e praticas da arte. Tudo isto é bem sabido e, ainda este anno, Ronald de Carvalho, com a sua elegancia e forte erudição, mostrou, num artigo notavel, publicado pelo mesmo jornal em que ora tenho a honra de escrever, a psychologia e a acção do futurismo na vida italiana.

Parece, pois, de mão gosto, si acreditamos em Le Bon, admittir que nestas plagas do Brasil, em circumstancias mesologicas tão outras, assente praça, com a inteira accepção marinettista, o futurismo, contra o qual em vão se põem em riste tantas lanças aguçadas. Bem o entendeu o sr. Graça Aranha, que, deixando de empregar o vocabulo suspeito para symbolo de suas idéas de liberalismo na arte, prefere falar-nos sempre em espirito moderno.

Em verdade, o futurismo foi e é uma das manifestações mais nobres e plausiveis dos ultimos tempos — isto porque, despido de alguns exaggeros e "boutades" com que os seus propagandistas o tem sobrecarregado e que nem elles mesmos interpretam ao pé da letra, o futurismo, em um dos seus aspectos, traduz a palpitante, a incontestavel, a eterna aspiração da humanidade por novas fórmas estheticas e idéas de arte.

O espirito conservador só é opportuno quando se não transforma em adoração intransigente: o passado é lição, elemento historico, não escravizador do presente e satrapa do futuro.

A arte ha de ser fundamentalmente dinamica, para ser arte deveras — tem que emparelhar com a sciencia que, sem descanso, se evolve. Os esthetas hão de, por amor á belleza que cultuam, proceder como os sabios, que, por bem da verdade que procuram, acceitam a ruina, muitas vezes brusca, estrondosa, das theorias que amavam, ante o imperio das doutrinas novas que as supplantam. O artista, como o homem de sciencia, deve pôr o idéal eterno acima das fórmas passageiras que o revestem. As escolas são como as ligeiras "marionettes" da velha canção franceza — surgem, fazem *troits petits tours... et puis s'en vont*.

Naturalmente, as fórmas transitorias da verdade e da belleza não duram todas o mesmo tempo, nem sempre se nos apresentam de subito, já completas e aprestadas como Minerva no cerebro convulso do Tonante. O progresso não marcha a passos uniformes — vem por ondas, cuja approximação alteia o nivel das aguas, a principio lentamente, depois com celeridade, até que o deixa novamente decrescer, á espera de outra oscillação. Ha, no dominio das idéas, periodos de agitação intercalados de relativa calma.

Os precursores, os arautos das novas concepções de arte e de sciencia não estão, como pontos mais altos, na crista da vaga que ahí vem perturbar a breve paz do nivel inferior: pertencem apenas á parte baixa do dorso que se soergue. A eminencia cabe aos genios, aos criadores maximos, que, entretanto, caracterizando emphaticamente na sua obra a idéa nova, não lhe são os primeiros annunciadores.

Erram, pois, na percepção ou na má fé os criticos que, para combater novas escolas, cujo advenido se denuncia, buscam defeitos nos seus primeiros propugnadores, como se em todos os adeptos de todas as doutrinas se não descobrissem eivas e deslises.

Queiram ou não esses conservadores, que com argumentos "ad hominem" combatem o espirito incessante de remodelação, graças ao qual o progresso não descansa, a grande verdade é que os legitimos sabios e os artistas a valer são obreiros de continua evolução. E que vale essa pobre critica? E', por acaso, homem de sciencia o contemplativo repetidor

da geometria de Euclides, que não admite Riemann, ou o estatico, paralyzado exegeta da mecanica newtoniana, que nega Einstein e Poincaré? Que se pensaria de um empedernido proselyto de Stahl, que, neste seculo, adorando o principio do philogistico, se insurgisse contra Lavoisier e os que lhe succederam nas theorias novas da chimica? A que conceito faz jús o embezerrado metaphysico que, ainda e sempre, por apego a um passado que teve o seu proposito mas hoje é historica velharia, pretendesse immobilizar o seu espirito na crença dos fluidos imponderaveis? O triste homem não mereceria mais que uma legitima, profunda compaixão...

Pois é esta mesma commiserção que nos desperta quem, nos dias precipites de agora, de intensa evolução, quer que nos chumbemos ao passado, mirando e remirando, como padrões definitivos, certas fórmulas estheticas que elle nos legou. Podemos e devemos a estas fórmulas amar a somma de belleza que hoje nellas encontramos, comprehender-lhes o papel que representaram na sua época e no seu meio. Mas ha que vêr nellas simples marcos do passado, nunca modelos irrefutaveis que, intactos, transfiramos ao porvir.

Quem hoje obedece já ás regras aristotelicas, inflexiveis, da tragedia? Onde o mortal, estheta inteiriço, que se delicia, sem o protesto dos bocejos e cochilos, ouvindo uma longa tirada da Comedia Humana? E que ex'ito lograria quem, sobrando-lhe o talento, neste seculo de acção e energias, pintasse vigorosamente á maneira dos grandes mestres do Renascimento? Responda-me a serio, bem a serio, quem me lê de boa fé.

A' arte incumbe-lhe traduzir emphaticamente, ás vezes escandalosamente, a vida palp'tante do momento, a sua psychologia actual, com fórmulas e expressões que lhe sejam proprias, compatíveis com as mutações concretas e espirituas que o distanciam do passado. Póde alguém pretender que, nesta éra em que o aeroplano realizou triumphalmente o sonho mallogrado de Icaro, com azas que os ardores do sol já não conseguem fund'r, nestes dias em que a passagem do Mar Vermelho se faz a pé enxuto, sem milagre e mais depressa, num allucinante barco automovel, a arte possa e deva escravizar-se ás fórmulas estaticas e contemplativas dos hellenos ou dos hebreus que a Biblia consagrrou?

Admittindo que a sciencia remodela, incessantemente, numa transmutação cada dia mais formidavel, a vida, a mentalidade e a moral, póde alguém, num contrasenso cégo, illudir-se, crendo que só a arte quedou na estagnação? E, extendendo este conceito ao futuro, haverá quem supponha que amanhã, quando sobre a face do planeta, por

cima e por baixo della, os homens, senhores da velocidade, mestres na tele-communicação da imagem, da voz, quiçá das sensações, zombarem da distancia e da ausencia, serão as fórmulas da arte as mesmas que se admiravam no jardim de Academio ou na cõrte de Ramsés, em épocas para as quaes o galope dos corceis era a manifestação suprema da presteza na transmissão do pensamento e os livros se gravavam nos papyros e na cera plastica com os estylos sublis?

Negar o futurismo, como expressão de uma ansia universal por novas expressões da arte, é desconhecer a esthetica do progresso, mas do progresso em todas as suas modalidades, que são bellas, as da materia e as do espirito.

Um celebre escriptor, segundo se conta, mudou-se de Paris, quando se erigiu ali a torre Eiffel. Mas a torre, com as suas graciosas curvas logarithmicas, resistiu ao tempo, á caturrice e hoje transmite ao mundo e do mundo recebe, em ondas invisiveis, idéas e sentimentos, com que milhões de almas se communicam. Ouso acreditar que, assim sendo, a torre é uma obra de arte, que tem grande belleza...

Bem sei, bem vejo — e nisto algum leitor passadista está pensando — que, com todas essas idéas, eu cont'núo escrevendo á moda antiga. Critica pessoal, singularista. Uma coisa, porém, é não ter talento para crear, compôr novas fórmulas estheticas e outra coisa é renegal-as, com uma cegueira que me não roubou a luz ou uma teimosia de que me não tenho de envergonhar. Não contribuí em nada para o advento das modernas theorias electricas: nem por isto desprezo a maravilhosa concepção com que o genio antevidente de Maxwell rompeu doutrinas que reinavam e prejuizos que haviam conquistado fóros de sciencia.

Admiro, pois, com uma alegria que a inveja não macula, os que hoje realizam ou promovem o surgimento de obras de arte, cujo sabor novo, estranho, original, muito diverso daquelle a que estamos affeitos, sinto que anda na altura dos nossos dias, do febril desdobramento de energias, capacidades, idéas e ambições que é este momento. Na critica que a essas obras de arte faço porventura, não tenho a menor intenção de pôr os meus habitos rançosos, os meus "chinelos velhos" acima das ardentes, nobres aspirações que a humanidade sente por alguma coisa que no dominio esthetico ha de vir, que já começa a vir, melhor do que tudo quanto guardamos no archivo do passado. E consultemos este veneral documento como peça historica, para retrospecto deductivo, não como infectivel modelo que paralyse ou siquer entrave ao nosso espirito a fatal evolução para um além que não tem fim.

T O B I A S M O S C O S O



Senhora
José Lobo
da
Sociedade
de
São Paulo

(Photo M. Rosenfeld)

BALLZIZ, REVEL,

Emilio Kemp

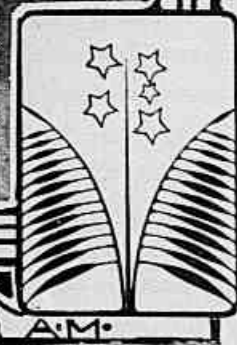
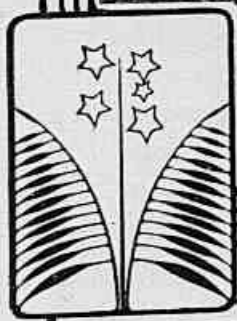
Não tenho mais o teu amôr,
— Doce consolo dos meus dias!...
Sonhos, encantos, phantasias,
Tudo desfeito com fragor!
E dentro desta soledade
O lenitivo da saudade
Acalentando a minha dor!...

Não tenho mais o teu olhar,
Nem a caricia de teu beijo
Apaziguando hostil desejo
E outro desejo a germinar!...
Sem teu olhar, sem teu carinho
Pobre de mim! irei sozinho
Por este mundo a caminhar!

Não tenho mais — aureo phanal
A me guiar — tua ternura
Florindo em votos de ventura,
Como uma bençã maternal!...
Nada me resta nada, nada
Dessa illusão desordenada
Que só me foi um grande mal!

Não tenho mais a tentaçã
Desse teu corpo capitoso,
De mil prazeres dadivoso
Na hora suprema da paixão...
Mas pouco importa! hei de, vencido,
Guardar no peito reprimido
Meu grito vil de maldiçã!

Não suppliquei o teu amôr!
Foste tú mesma quem m'o déste,
Sendo mulher e ave celeste
N'aquelle instante de fervor!...
Uniste o céu á terra adusta
E eu te julguei suave e justa,
Quando só tens fel e amargor.



P A R Q U E M U N I C I P A L D E B E L L O H O R I Z O N T E

Novembro
1924

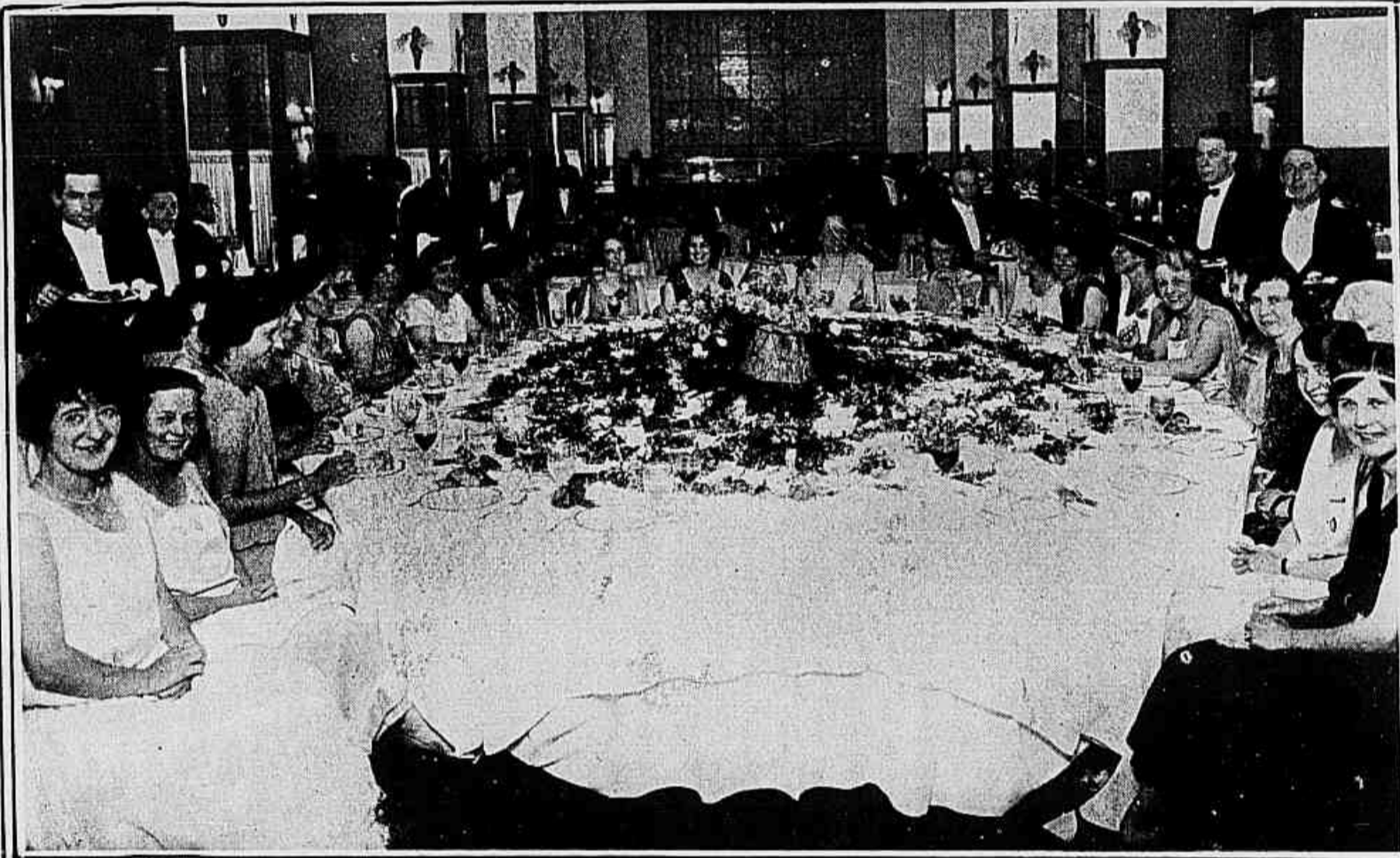


ILUSTRACAO
BRASILEIRA

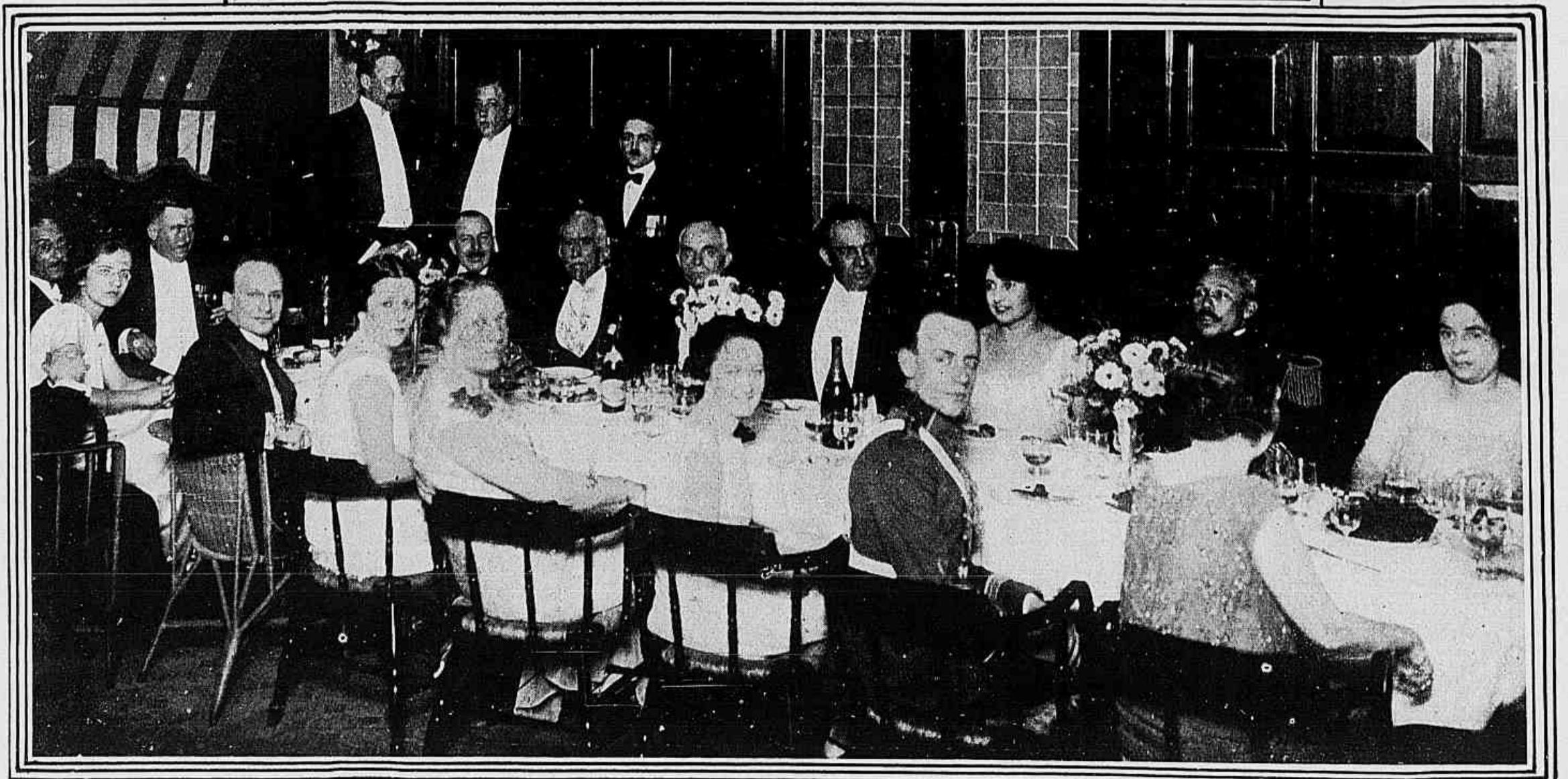


ILUSTRACAO
BRASILEIRA

O DIA
DO
ARMISTICIO
EM
SÃO PAULO



Festa da União
dos Combatentes
Banquete
da
British Legion



O DERRADEIRO HABSURGO.

M. PAULO FILHO

ALGUNS amigos de Carlos, o ultimo imperador da Austria e rei da Hungria, e derradeiro dos Habsburgos, na posse de um grande throno hoje inteiramente desaparecido, vão prestar ao pobre soberano morto uma piedosa homenagem. Esses amigos não devem ser muitos e contam-se entre meia duzia de aristocratas decalhidos e expatriados pelas diversas côrtes da Europa, notadamente de Madrid e Londres. Elles vão, segundo creio, fazer levantar, num modesto logradouro da ilha da Madeira, onde o imperador-rei exhalou, abandonado e humilhado, o seu suspiro final, o busto em bronze do infeliz, sobre um pedestal de marmore, defronte da vivenda campestre que lhe serviu de abrigo, nos ultimos momentos, quando as potencias alliadas se resolveram a despedil-o do Continente.

Considerado um principe fóra das relações internacionaes e um perturbador da ordem publica, após o seu mallogrado *raid* de restauração á Vienna, elle foi despachado com a mulher e os filhos para Funchal, sob as vistas dos governos de Inglaterra e de Portugal. Doente e desilludido, sentindo n'alma todos os resaibos da adversidade, hontem senhor de duas poderosas nações, hoje um pária, reduzido a pensionista dos inimigos, o desgraçado percebeu que os seus dias estavam marcados. E numa tarde macia de outomno, na paz suave da ilha pittoresca, cerrou, longe das pompas e sem nenhuma gloria, para sempre os olhos, que já não tinham mais lagrimas para chorar a sua e a desventura illimitada de sua nobre e velha raça.

O imperador da Austria e rei da Hungria era, talvez, o soberano que usufruia maiores titulos e que gozava de fóros de senhor multiplo, para quem seria possível, elle só, dar conta do recado e se desempenhar de tantas e tão innumeradas responsabilidades. O seu nome, no Almanach de Gotha, vae além de uma pagina, especificando-se a sua categoria entre as arvores genealogicas da nobreza real.

Com certeza, esse moço nunca pensou em reinar. Muito menos em governar. Chamado á successão do velho Francisco José, a quem não repugnou, aos 82 annos de idade, contribuir para manter na Europa o incendio infernal da guerra monstruosa, que solapou as antigas instituições, arrazando a economia do mundo, Carlos de Habsburgo recebe a pesadissima herança de um imperio e de um reino em chammas, cercado de inimigos terribes, quando, dentro do seu proprio paiz, emergindo das multidões esgotadas, vinham os primeiros protestos, desanimos e desalentos de um povo, que começava a ver claro, a comprehender que nenhuma esperanza mais poderia disfarçar o fim inevitavel, tragico e irremediavel.

Ha um livro de Garschine, romancista russo que teve a sua nomeada, hoje esquecido, intitulado *A Guerra*, que é um dos mais commoventes trabalhos que tenho admirado como catechese a favor da paz. A urdidura não é severa nem doutrinaria; é apenas, a resumida historia, singela e angustiosa, de um soldado na campanha da Criméa.

Engajado no seu regimen'o de infantaria, esse recruta campones é levado com os outros, assustado, cheio de surpresa, de confusão e de panico, para as fronteiras onde tem de lutar com o turco. Vae

para a guerra! mas não sabe que guerra é essa, quaes fo'am as suas causas, qual será o seu desfecho e porque, afinal, ella se tornou indispensavel. Elle ouviu ia'lar, vagamente, durante a execução da lei marcial que precedeu ao seu recrutamento, em tudo isso, mas, como era um estúpido, nada comprehendeu, nada adivinhou, e ali estava, longe de sua mãe — coitada da pobre velha, — que ficava em casa a morrer de dôr, longe da irmã e da namorada, que ficaram a chorar agoniadas de desespero, empilhado num *wagon* de 3ª classe, com os demais camaradas incorporados como elle, que também não se apercebiam dos factos sinistros, nem sabiam para onde iam. Durante um dia e uma noite, o trem enorme, que conduzia aquelles milhares de fardos humanos rolou pelo sul do colosso do imperio slavo, em demanda dos limites dos dominios do Sultão. De repente pára: os regimentos descem e formam ao longo da estrada. Onde estão? Os officiaes se consultam, mas a soldadesca não os escuta, nem tem nada que escutar, porque a sua função é marchar silenciosa e resignadamente para o sacrificio, sem direito a pedir qualquer explicação.

Os primeiros kilometros vão bem. Depois, vem a fadiga, as pernas tremem e alguns começam a se encostar uns nos outros, com os pés a arderem dentro das botinas grossas e pesadas, os hombros vergados sob o peso das espingas das pallidos os rostos desfigurados pelas horriveis visagens de dôr. De vez em quando, cahe um, a quem o official da companhia immediatamente chumba com uma palavra esmagadora, mandando arrastal-o para o lado, afim de ali aguardar como um trapo indigno, a passagem da ambulancia que vem na rectaguarda.

Ha um instante, em que não se póle mais. As ambulancias estão cheias e os officiaes praguejam. Um capitão estende uma praça no chão com uma bofetada porque ousou fazer-lhe uma respeitosa reclamação.

O soldado de Garschine está succumbido de medo e de terror. No povoado onde acamparam para descansar meio vivos meio mortos elle ouviu dizer que os turcos estão proximos. Os turcos! Que raça maldita seria essa? Porque elles ameaçavam a honra e a força de todas as Russias, offendendo ao Czar temido e invencivel, a ponto de ser necessario aos exercitos moscovitas avançarem até ás fronteiras, afim de contel-os e rechassal-os?

O soldado de Garschine medita boquiaberto, sem atinar com a realidade das coisas. Em creança, na escola, sempre lhe informaram que os turcos eram valentes, semi-barbaros e que usavam gorros vermelhos...

A corneta toca, rufam os tambores; é preciso marchar! O regimento põe-se de novo em fórma, e sahe, levantando nuvens de poeira com os tacões das botas dos infantes. A marcha é precipitada, porque é urgente que se chegue no dia seguinte á vista do inimigo. Cahe a noite. A sede queima o peito dos desgraçados, que caminham ferreteados pelas pontas das laminas das espadas dos seus commandantes. Algumas columnas inteiras, dizimadas também pela fome, não andam mais, fecham os olhos, tropeçam, com a impressão de que da cintura para baixo deixaram de ser creaturas humanas. As proprias mochilas parecem que têm dentro de

si grandes blócos de granito. Contudo, é preciso não parar, avançar sempre!

O soldado de Garschine pensa que está parado e que, em torno d'elle, sob a paz do crepusculo, murchas de saudades, as arvores é que andam...

Colocado, afinal, o seu regimento em posição, o heróe comprehendeu que está na offensiva pisando o territorio inimigo. Passa o dia, passa a noite, troando, cada vez mais forte, a artilharia. O soldado de Garschine é mandado para uma sentinella perdida. Só, abandonado, alta madrugada, elle soffre o irremediavel esquecimento, ferido e exausto, quando muito perto, os estampidos, ao crepitar de folhas seccas, chegam aos seus ouvidos. Quer fugir, mas a mão de alguém o agarra. Elle a aperta; talvez seja a de um russo. Fala-lhe, mas o outro, que agonisa, não responde.

E aos primeiros clarões do dia, elle, que também se contorcia e morria, poudo reconhecer, que aquelle que ali estava, e que momentos antes se extinguiu, segurando fraternalmente a sua mão, era um turco, a quem elle combatia, procurava matar!... E entregou a Deus a alma estrangulada de desespero.

Os soberanos dos antigos regimens de antes

de 1914 raramente conheciam os seus povos. O maior engano que póde perturbar um homem é acreditar que os seus actos, as suas obras, as suas palavras, os seus caprichos e vaidades possam influir na direcção espiritual da humanidade.

Carlos de Habsburgo, se houvesse lido esse livro e delle regressasse, como Dante do inferno, pallido da commoção do tragico desengano, talvez não se despojasse do throno que herdara. Elle poderia, em seguida a sua ascenção, libertar-se de uma guerra que não preparára, nem declarára, fazendo uma paz em separado, que lhe garantisse a corôa. Mas, embora medindo todo o alcance das suas responsabilidades, embora visse os seus exercitos devorados pela metralha dos alliados, quiz ser digno e perdeu-se para não trahir os compromissos de honra assumidos pelos seus antepassados!

A piedade christã deve-lhe, sem duvida, essa homenagem. Elle tem direito, na ilha da Madeira, a pouco mais do que um busto. O que a dolorosa lição dos factos aconselha é que se lhe levante um monumento, onde a Verdade e a Justiça, symbolizadas, o tenham arrependido e de joelhos diante dellas, porém, perdoando-o á face do céo e dos homens pela dignidade com que soube sacrificar-se.

Pequenos poemas

CANÇÃO MORTA DO ABANDONO

A tarde vae fugir, lentamente, de leve,
como a caricia que não ha de ser nunca esquecida.
Anda em nós, dentro em nós, o sabor do que é breve
nessa tarde que tem, como tudo na vida,
a mesma nota de amargura dolorida.

A vida nessa tarde é mais languida e lenta,
faz-se imprecisa, somnolenta,
distrahida.

A vida...
E ha sempre uma intima agonia
num gesto que ficou, como um symbolo triste.
Ronda inutil... passou! Resta, agora, macia
a minha sombra de melancolia.

Melancolia!
Quero-te assim nessa quietude, nessa vaga
sombra de azas quasi humidas, macia,
cheia de somnolencia e de abandono
e que se apaga;
como a sombra de uma arvore no outomno.

— O gesto que ficou como um symbolo triste!...
A tarde vae fugir suavemente... E' uma pluma
tremulando, a oscillar como um leque dolente.
E a penumbra a descer sobre o tedio da estrada...
Que Bem-Amada ha de sorrir nessa tarde? Nenhuma!
Que desejo virá no crepusculo? Nada!

RENUNCIA

Nimbado de ouro, cinza pallida ou de rosa,
cada minuto é uma renuncia dolorosa...

Todo gesto é de adeus no espirito que sente,
adeus ao sonho que era lyrico, á ternura
de uma voz que era bem a musica da gente.

Todo gesto é de adeus... Todo gesto que dura
um relapago ou fica, insistente, a falar
á nossa sombra, ao nosso ouvido, ao nosso olhar.

Nimbado de ouro, cinza pallida ou de rosa,
cada minuto é uma renuncia dolorosa...

POEMA ESQUECIDO

Tudo é milagre da melancolia:
— Essa funda quietude,
o silencio que vem, azas brancas, na tarde fria;
esse gosto exquisito
de saber que esse amor, como um beijo, me illude
e tem quasi o sabor de uma felicidade,
quasi;
a magoa de lembrar um sorriso, uma phrase,
um "talvez" que floriu para esconder um "não";
a ternura da dôr que acaricia
dentro de um sonho amargurado e vão...

Tudo é milagre da melancolia.

DENTRO DA NOITE INDIFFERENTE

Que funda sensação de abandono e ironia!
A noite quieta, a noite limpida e serena.
Sobre a mesa, o papel o atormenta e agonia,
branco e triste a esperar a caricia de penna.

Mas que verso dirá tanta melancolia,
tanta sêde de ter o que, ao longe, lhe acena?
Olha os livros... e o luar, que é uma vaga elegia
e a noite que desliza á mais intima pena.

"Ainda vens para mim, como um gesto apagado..."
E essa phrase, afinal, é uma lagrima fria.
E o verso fica, para sempre, abandonado.

Branco e triste, a esperar a caricia da penna,
sobre a mesa, o papel o atormenta e agonia.
E a noite quieta, a noite limpida e serena...

Emilio Moura



IDYLLIO

AGUA - TINTA
DE
BALESTRIERE

Novembre
1 9 2 4

Barão de Cotegipe

J. S. de Araújo Pinho

(CONFERENCIA LIDA NO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA)

(Continuação)

O Ministro Oriental, Rodriguez, fugindo de compromettimentos, allegava molestia para se retirar, declarando que o seu Governo prestaria adhesão ao que fosse pactuado sobre as bases assentadas entre os representantes das Potencias Alliadas, não dividando trasladar-se a Assumpção, quando concluido o Tratado, para prestar-lhe a sua assignatura.

Um movimento sedicioso, occorrido em fins de Novembro, parecia favorecido pelos argentinos. Alguns dos conspiradores sahiram da Villa Occidental ou de lá dirigiram a conspiração, não occultando que uma solução, que os incorporasse á Republica Argentina, nada teria de inconveniente. Era de presumir que a demora premeditada das negociações assentava na esperança de que a scena se transformasse.

A Villa Occidental, visinha de Assumpção, era o ponto de apoio do nosso Alliado para suscitar e manter divisões, defraudar as rendas do Paraguay, reduzindo-o á contingencia de aceitar como favor a sua incorporação ao artigo Vice-Reinado. As circumstancias se offereciam favoraveis á realização desse sonho dos politicos argentinos: — a Republica do Paraguay sem elementos de resistencia; — a do Uruguay enfraquecida pela guerra civil; — a Bolivia fraca, e allegando os argentinos direitos seus incontestaveis a duas de suas provincias. O appetite annexador do rosso Alliado estava sobreexcitado e o seu orgulho era excessivo. "Ei respondo, diz Cotegipe, áquelles que affirmam que Mitre e seu partido pensam diversamente, que são nuances. Uns querem ver se conseguem por geito o que outros pretendem pela força. Estas tendencias explicam os embarços que temos sempre encontrado para regular os negocios do Paraguay e os que estou experimentando. Espero a cada momento achar-me só no campo e nessa previsão busquei a opinião do Ministro Oriental em fórma de um conselho que lhe pedi, declarando-me elle que eu estava no meu direito celebrando os tratados com o Paraguay, se o Ministro Argentino se retirasse; e podia contar com a acquiescencia do Governo Oriental."

A nomeação de Cotegipe, de principios de Agosto, foi sem demora communicada ao Governo Argentino, para que, em chegando a Buenos Ayres, encontrasse elle o Plenipotenciario com quem devia celebrar as negociações em Assumpção. Cotegipe, entretanto, teve de esperar naquella cidade mais de vinte dias para que Quintana se dispuzesse a partir. Reunidos em Assumpção os tres representantes da Alliança, depois da audiencia de sua apresentação official, tiveram a primeira conferencia no dia 3 de Novembro e procederam á revisão dos artigos do Accordo Preliminar, de Janeiro, em Buenos Ayres.

Mas surgiu logo uma grande difficuldade. A clausula do protocollo annexo ao Tratado de 1º de Maio, relativo á prohibição de fortificações devia ser inserida no Tratado commum de paz, porque era obrigação commum da Alliança. O Plenipotenciario Argentino oppoz-se tenazmente a isso. Era o caso de considerar-se róta a Alliança. O Plenipotenciario Brasileiro não o fez; entendeu opportuno adiar a difficuldade, accetando, como o Plenipotenciario Argentino, a suggestão conciliadora do seu collega Oriental para que ficasse a questão reservada para ulterior deliberação, depois de encetada a negociação com o Governo do Paraguay.

O Argentino declarou que precisava de instrucções de seu Governo quando o Paraguay nomeou os seus Plenipotenciarios para tratar com os Alliados, protelando assim as negociações, até que surpreheu os seus collegas com uma questão prévia, na conferencia de 30 de Novembro, por elle pedida, declarando "casus foederis" o reconhecimento e convenção dos limites estabelecidos no Tratado de Alliança. Respondeu-lhe Cotegipe que a questão era prematura, devia ser adiada para depois de ouvido o Paraguay, que pelas estipulações accetadas tinha o direito de apresentar modificações ás propostas dos Alliados.

Obstinou-se Quintana em não encetar negociações, antes que aquella questão fosse resolvida. O protocollo de 30 de Novembro esclareceu lucidamente o assumpto.

O Plenipotenciario Oriental observou que o Governo Paraguayo accetára o Tratado de Alliança sem prejuizo das modificações que aconselhassem a conveniencia e a generosidade dos Alliados, precisamente quanto aos limites da Republica Argentina, — por conseguinte essa faculdade das concessões não abrangia os Alliados, que não representavam direitos proprios no caso. O Plenipotenciario Brasileiro declara a questão prematura. Os ajustes sobre limites e a clausula relativa a fortificações ficariam reservados para ser objecto de ulterior deliberação, entre os Alliados, caso se reconhecesse ser impossivel um ajuste amigavel sobre estes pontos, ou qualquer delles, com o Governo do Paraguay, o que não tinha ainda sido verificado. Entrando em largas e lucidas considerações, expostas no Protocollo de 30 de Novembro, conclue: "sustentar pela força collectiva da Alliança direitos que se promette discutir e attender, se forem fundados; — sustental-os ainda por territorios contestados pela Republica da Bolivia não se concilia com as reiteradas manifestações que ficam mencionadas e muito menos com as rectas e generosas intenções dos Alliados em relação á Republica do Paraguay. O compromisso da Alliança não se deve entender de modo que a sua força collectiva sirva para dar ao Brasil ou á Republica Argentina territorio a que não tinham legitimo direito antes da guerra, porque toda a idéa de conquista foi arredada pelo pacto de aliança. O Governo do Brasil está disposto a acompanhar seu digno alliado em quesquer concessões justas ou equitativas, mantendo assim a constante harmonia com que ambos sempre procederam. A discussão prévia destes e de outros pontos duvidosos que podem ser resolvidos no decurso da negociação, já tão demorada, nenhuma vantagem offerece. Figurar hypotheses que talvez se não realizem é complicar sem necessidade as soluções desejadas."

E firmou as seguintes conclusões peremptorias:

1º — Que em nenhum tempo deixou o Governo Brasileiro de reconhecer e sustentar o Tratado de 1º de Maio de 1365 como obrigatorio para os Alliados em todas as suas estipulações.

2º — Que não era, nem fóra jámais, sua intenção envolver-se na questão de limites argentinos, senão para prestar-lhe todo o apoio compativel com o mesmo Tratado e idéas já expostas.

3º — Que não se recusava a examinar, em tempo opportuno e em commum com os demais alliados, os meios adequados a superar a supposta reutancia do Governo Paraguayo, de accordo com a letra e o espirito do artigo 17 do Tratado de Alliança.

4º — Que, sim, se recusava a comprometter sua responsabilidade antes que fossem abertas negociações com o Governo Paraguayo, conhecidas suas propostas, examinados e discutidos seus titulos, conforme expressamente estipulou-se no artigo 2 do Accordo Preliminar de Paz e consta das reiteradas manifestações da Alliança.

5º — Que esta questão deveria ficar adiada, como ficou a da validade do Protocollo annexo ao Tratado, para depois de ouvido o Governo Paraguayo, podendo, ou não, ser modificadas essas estipulações; possibilidade admittida e sustentada pelo Governo Argentino e a que o Governo Brasileiro accedeu por insistencia do seu digno Alliado.

6º — Que em todo o periodo da Alliança o Governo do Brasil tem dado constantes provas de lealdade a seus compromissos e de espirito de conciliação nunca desmentido.

Seite, por isso, o Plenipotenciario Brasileiro que tenha surgido affinal divergencia profunda no modo de interpretar os dois pontos referidos; e, ainda mais, de não poder accetiar a suggestão de seu illustre collega para trasladarem-se as negociações a Buenos Ayres em face da declaração peremptoria de que o seu Governo se acha de perfeito accordo com o pensamento do Sr. Plenipotenciario. O Plenipotenciario Brasileiro conclue por declarar que na situação, que não desejou e muito menos pro-

vocou, só lhe resta o alvitre de entabolar com o Governo Paraguayo, si este convier, os ajustes dos Tratados peculiares ao Brasil, nos quaes não têm os Alliados que intervir, confiando o mesmo Plenipotenciario Brasileiro que esta sua resolução em nada alterará as boas relações entre seus respectivos Governos e será accetada pelos seus dignos collegas, como fundada em direito."

Não podia ser mais concludente e magistral e elevada a contestação.

O Plenipotenciario Argentino por sua vez declara:

1º — Que enquanto a dissidencia pendente não fosse préviamente resolvida, negava-se á abertura das negociações com o Governo Paraguayo;

2º — Que, no entanto, desconhecia formalmente a seu digno collega o direito de abrir isoladamente essas negociações;

3º — Que reservava ao seu Governo toda liberdade de acção para o caso em que as abrisse sem o seu consentimento;

4º — Que immediatamente se retirava desta cidade para dar conta ao seu Governo de todo o occorrido."

◆ ◆ ◆

Partiu Quintana no dia 15 e, no dia 16 tendo enalhado o seu navio abaixo de Villeta, pede socorro a Cotegipe, que lh'o presta incontinenti, mandando um vapor que o conduziu a Buenos Ayres. As cartas trocadas a respeito são da mais fina corteza diplomatica.

Antes de Quintana, se tinha retirado, no dia 5, o Ministro Oriental. Ficára Cotegipe só em campo.

O Governo Paraguayo passa-lhe nota communicar-lhe que Quintana se ausentára, declarando que por este facto ficava adiada a abertura das negociações que os Alliados deviam entabolar com aquelle Governo; outrossim, pergunta a Cotegipe se estava disposto a tratar com os Plenipotenciarios já nomeados.

Responde Cotegipe que Quintana falára em nome do seu Governo; não falára em nome dos Alliados e que elle estava prompto a encetar as negociações.

Por officio e em carta particular, leva ao conhecimento do Cons. Corrêa e do Visconde do Rio Branco essas graves occurrencias:

"Exmo. Sr. Conselheiro Manoel Francisco Corrêa — Assumpção, 17 de Dezembro de 1871 — Tenho a honra de apresentar a V. Ex. juntas por copia, sob ns. 1, 2, 3 e 4, as notas trocadas entre esta Missão, o Ministro de Relações Exteriores, Domingos Ortiz e o Representante da Republica Argentina.

Penso ser excusado commentar o procedimento pouco reflectido do Sr. Plenipotenciario falando em nome da Alliança e julgando-se autorizado a exigir o adiamento de qualquer negociação até que elle ou o seu Governo o declarasse opportuno.

A resposta do Ministro Paraguayo e a communicação, que em seguida me dirigiu, revelam não só maior intelligencia das conveniencias, como tambem uma mais justa apreciação dos interesses de seu paiz.

Foi uma feliz casualidade que eu não tivesse ainda dado sciencia ao Governo Paraguayo da minha resolução de tratar em separado, porque o passo dado pelo Plenipotenciario Argentino mais completamente me justifica.

V. Ex. avaliará o quando ha de extraordinario na tentativa occulta de obstar á abertura de qualquer negociação por parte do Brasil, depois das declarações francas no Protocollo n. 4. Ahi inui de industria referi-me aos tratados peculiares, dando a entender no decurso da discussão que os iria negociando confidencialmente até que viessem instrucções do Governo Argentino, circumstancia que não foi mencionada no Protocollo.

Mas nada satisfazia o meu Collega senão, ou chamar-se á sua opinião, ou impedir uma solução qualquer sem o prévio consentimento. Tive impulsos, ao ler a nota do Representante da Republica Argentina, de, por intermedio do nosso Ministro, Sr. Magalhães, reclamar contra tão offensivo proceder; mas, reflectindo melhor assentei de deixar

V. Ex. livremente pesar qual o partido que delle poderá tirar, e obrar como mais conveniente e acertado lhe parecer.

Esta occorrença vem coroar a serie de razões, que nos assiste, para regular por nós mesmos as questões que temos pendentes com o Paraguay; e persuado-me de que ainda o mais prevenido espirito não nos poderá accusar de falta de lealdade a nossos compromissos, e da mais extrema moderação.

Toda a minha correspondencia, desde que cheguei a esta capital, demonstra que eu previa e receiava tudo quanto ora succede; e é por isto que, revestindo-me de prudencia e resignação aguardo que naturalmente se desenvolvesse e aclarasse o pensamento do nosso Alliado. Note V. Ex. a gradação seguida no mez e meio decorrido da nossa apresentação até hoje.

1º, recusa peremptoria de reconhecer a clausula do Protocollo annexo ao tratado de 1º de Maio. Esforços da minha parte para fazel-o reconhecer, e afinal o adiamento sem esperanza de proficuo resultado.

2º, protellação **premeditada** da abertura das negociações, depois de ajustadas entre os tres Plenipotenciarios as bases do Tratado definitivo de paz.

3º, proposta de accordo prévio sobre o alcance da obrigação dos Alliados na sustentação dos limites Argentinos e Brasileiros, **condição sine qua non** para abertura das negociações. Novos esforços meus para adiar a resolução da questão, emquanto não fosse ouvido o Governo Paraguay conforme o que fôra assentado nas conferencias de Buenos Ayres.

4º, declaração, por mais de uma vez repetida, de que sem o apoio illimitado que exigia a Alliança, não tinha razão de ser; não cedendo entretanto da impugnação, que sempre oppoz, ao reconhecimento da validade do Protocollo annexo.

5º, a retirada do Plenipotenciario Argentino, sem aguardar, nem mesmo pedir novas instrucções (de que aliás não necessitava).

6º, tentativa final de obstar todo e qualquer ajuste sem o **placet** do Governo Argentino.

7º, repulsa de todos os meios conciliatorios, propostos por mim e pelo Plenipotenciario Oriental, e creio os mais convinháveis ao bom exito da negociação.

Realizada desta fórma, além das previsões de V. Ex., a hypothese, em que, segundo minhas instrucções, me seria permittido tratar separadamente, não hesitei em fazel-o, e espero desemmaranharnos da tãa em que o nosso Alliado procura enredar-nos, não sem quebra da nossa dignidade.

A negociação vae pois começar e procurarei fazer ao Paraguay as possíveis concessões, que sirvam de documento do nosso desinteresse e boa fé e o habilite com o nosso exemplo a exigir o que não se lhe deve negar para garantia de sua independencia, e cingindo-me á letra e espirito das instrucções que me foram confiadas.

Releva observar que me achei sempre de perfeito accordo com o Plenipotenciario Oriental, a quem não escapara, e por mais de uma vez me prevenira que o Plenipotenciario Argentino não trataria, valendo-se, para escapar, de qualquer pretexto. O que, porém, não peneirou elle, e ninguém penetraria, é que o pretexto fosse tão despido de razão, que bem pôde ser qualificado de futilidade.

Desculpe-me V. Ex. se em alguma expressão fui mais severo do que conviria. Exprimi meu pensamento sem embargos; considero esse o primeiro de meus deveres para com o Governo do meu paiz. — **Barão de Cotegipe.**

Ao Visconde do Rio Branco:

"Ahi vão importantes communicações para as quaes chamo a attenção de V. Ex.

A bomba, ha tanto tempo carregada, veio fazer explosão nas minhas mãos. Era mui natural; porque os adiamentos são expedientes transitorios, não são soluções definitivas.

Não estou por isso descontente, nem penso que dali resultará damno algum. O nosso Alliado ha de apresentar as coisas a seu geito, os jornaes gritarão e ameaçarão com o grande poder de Deus; mas ahi ficarão.

A justificação do nosso procedimento será facil e conclusiva.

Espero que as negociações marchem com rapidez e não prescindirei da approvação do Congresso que segundo creio, não a recusará.

Se isto acontecer, levarei commigo um Ministro Paraguay para trocar as ratificações e ajustar a convenção sobre a occupação militar, se o Governo convier, pois a este respeito não tive instrucções.

Fico ansioso por concluir.

A morte de meu cunhado, que administrava minhas propriedades, torna o meu sacrificio superior a toda a expressão. Meu sogro tem 78 annos; ficou em tal estado que receio pela sua existencia. E' mister a consciencia de estar cumprindo um dever de honra para conter-me a mil leguas

de distancia dos que me são caros e do lugar, onde corre grande risco a fortuna de meus filhos. — **Barão de Cotegipe.**"

Quintana presumira, com sua brusca retirada, ter levantado incoercivel obstaculo. O grupo opposicionista paraguay empenhava tudo por mallograr os intuitos e esforços do Plenipotenciario Brasileiro José Falcon, Ministro do Exterior, embaraçava a situação com um trabalho secreto, não só entre os membros do Congresso, como no seio do proprio Ministerio. Nas conferencias particulares, realizadas com o fim de assentarem-se as bases dos Tratados, manifestara pretensões tão desarrazadas, que se desaveio com o seu collega Plenipotenciario, Loysaga, espirito conciliador e, bem avisado das conveniencias da Republica. O momento politico se complicava. Cotegipe, em longa e franca conversação, entende-se com o Presidente Jovellaros, que era um character sisudo, mas timorato; desfaz as intrigas desbarata as machinações. Jovellaros convida-o, em seguida, para uma conferencia com os Ministros e alguns Senadores, na casa do Governo, e depois de larga discussão, acordaram todos acerca das questões suscitadas.

Em 4 de Janeiro, enceta Cotegipe com Loysaga (Falcon se demittira) as negociações em separado e assigna com o Paraguay, a 9, o Tratado definitivo de paz e o de limites, a 16 o Tratado para entrega de desertores e criminosos, a 13 o de Amizade, Commercio e Navegação.

Em 20 de Janeiro e 6 de Fevereiro o Congresso os approvou por 23 votos contra 4. Foram logo ratificados e o Senador Palacios nomeado Plenipotenciario junto ao Imperador para celebrar a troca da ratificação dos Tratados.

Era um golpe de Estado diplomatico. A retirada imprudente do Ministro Argentino para frustal-o não fez senão augmentar-lhe o alcance e a repercussão no Prata.

Di' Joaquim Nabuco que este lance diplomatico de Cotegipe foi uma obra definitiva, que rachou de meio a meio com uma machadada herculeza, a politica de Tegedor. A sua assignatura nesses Tratados separados de Assumpção é um traço sufficiente para caracterizar o seu temperamento diplomatico e a espiração que elle tirha pela hegemonia brasileira na America do Sul.

Dando ao Cons. Corrêa aquella faustosa noticia acerescente, em carta particular:

V. Ex. em seu despacho de 31 de Dezembro (3) ordena que eu sobrestreja na celebração dos Tratados, si tiver motivo para crer que o nosso procedimento dará causa a uma guerra com a Republica Argentina. Confesso que não comprehendo com que razão fundaria ella a sua declaração de guerra; não os supponho tão loucos. Peor, a meu ver, seria recusassemos, depois de termos iniciado as negociações com prévio annuncio; perderíamos, e para sempre, toda a força moral nestes paizes, e não faríamos mais do que adiar a lucta por pouco tempo, tendo então contra nós os elementos de todas estas Republicas. E' natural se mostre descontente, **maximé** por ver baldados os seus pleros; mas não passa dahi. O Governo do Brasil, logo que ratificar os Tratados, os communicará ao Argentino, e então lhe dará quaesquer explicações, mostrando que tem razão.

Si porém adiantarem-se em pedilas até minha chegada, ou dal-as com os esclarecimentos que já possui, e com firmeza; si mostrar-se **tibi** está perdido."

Em carta anterior, datada em 8 de Janeiro, elle observava confidencialmente ao Cons. Corrêa:

"V. Ex., ou o Governo parece ter muito receio do descontentamento do nosso Alliado. Esse descontentamento será irfallivel, a meros que não lhe andemos na rabadilha. A grita e roncões da imprensa não significam força, e ao contrario crescem na razão da fraqueza. A volta do Sr. Quintana, e a idéa de que o Brasil vae tratar só, tem um pouco desconcertado as cabeças, porque nunca acreditariam que nos atrevemos a tanto: tal é a sua cegueira! E' não temo nenhuma consequencia má do passo que damos e se ella viesse, antes já, que daqui a um ou dois annos; porquanto para repellir qualquer **cabeçada** não seria mister nem mais um soldado, nem mais um navio; mas é hypothese que não se realizará, esteja o Governo tranquillo.

... "Oito ou dez dias mais e o problema fica resolvido, a partida ganha ou perdida. Si for ganha, colha o Brasil o proveito, e seja eu sacrificado ás **furias argentinas**, que não me queixarei."

◆ ◆ ◆

O effeito produzido pela noticia desses tratados foi extraordinario e fulminante em Buenos Ayres. Todos os jornaes, á excepção do "Standard", levantaram unisonos uma cruzada odiosa contra o Brasil, a quem accusavam de desleal e

faltando á fé dos Tratados. A grande offensa irrogada á Republica devia ser reparada com a annullação dos Tratados; — desoccupação do Paraguay pelas forças brasileiras e — desoccupação immediata da ilha de Cerrito. Era preciso dar uma lição severa ao Brasil, destruindo o Imperio, unidos em Alliança os povos do Prata e do Pacifico, para consumir a emancipação da America, arrojando para o outro lado do oceano a corôa dos Braganças.

Era o brado de guerra. Essa linguagem exaltada e virulenta não poupava referencias pessoaes ao Representante do Brasil, que tivera a audacia, a **felonia** e **infilencia** de celebrar os Tratados com o Paraguay e a quem, asseveravam, faltaria coragem para desembarcar em Buenos Ayres.

Correspondiam por esse modo ao seu alliado leal e generoso durante os cinco annos de guerra. Foi a nossa força naval em Riachuelo que desbaratou a esquadilha paraguay, salvando a Confederação de enorme perigo e Buenos Ayres de uma humilhação.

A nossa esquadra é que abriu caminho á invasão do Paraguay, forçando as fortificações de Curupaity, Humaytá e Angustura, e descobriu o flanco inimigo, inutilizando-lhe os planos. Para o exercito que aniquilou o poder militar de Lopez, o Brasil contribuiu com tres quartas partes, e elle só, com a maior abnegação e sacrificio, perseguiu durante mezes, através de densas mattas, por sobre montanhas e banhados, o tyranno, que succumbiu no Aquidaban. Foram as nossas forças que coroarão a victoria, entrando em Assumpção. Os rossonos gastos de guerra foram extraordinarios; fornecemos até recursos aos nossos alliados para equiparem os contingentes que tinham de concorrer para as operações.

Que lucrou o Brasil?

Nem uma polegada de terreno.

A Republica Argentina enriqueceu com o nosso ouro, conservou a sua integridade, talvez a sua existencia e apoderou-se de vastos territorios.

Uma nova guerra não podia convir a nenhum dos alliados que ha pouco pugnaram juntos para reivindicar a independencia de um povo heroico até o fanatismo, em plagas inhospitas, onde jazem dormindo, lado a lado, o somno eterno, guerreiros que se bateram com equal denodo e que a santa paz da morte reconciliou.

REGRESSO

Deixa Assumpção a 17 de Fevereiro, recebidas as mais expressivas homenagens do Povo e do Governo Paraguayos, da colonia brasileira e da nossa officialidade de terra e mar, com a presença do General argentino Julio Vedia.

Entre as providencias que entendeu consentaneas á delicadeza do momento politico, fez especial recommendação ao Marechal Commandante da Divisão Brasileira para que — procurasse estar sempre de intelligencia com o Commandante das Forças Argentinas nos casos extraordinarios occurrentes, assim como — mantivesse com elle a maior harmonia; visto que as relações de amizade entre as duas nações não tinham sido perturbadas pelo facto dos Tratados em separado com o Paraguay.

Entretanto, como os interesses do Imperio exigiam a maior prudencia, a par de toda a energia, em sustentar o Governo legal da Republica e com elle a segurança e tranquillidade publica e era este o dever primordial da força de occupação, não hesitasse, neste caso, em proceder por si só, si lhe faltasse o concurso do seu collega.

Após penosa e demorada viagem, desembarca Cotegipe em Buenos Ayres, com a serenidade que o seu espirito superior mantinha deante dos perigos e no foge da acção. Tinha embainhado a espada de Alexandre com que cortára o nó gordio da complicada politica argentina. Ia agora desenvolver os recursos da sua habilidade diplomatica para acalmar os animos e chamal-os á razão. Entendeu-se com o Presidente da Republica e o Ministro Tejedor.

Em officio de 28 de Fevereiro, communica ao Governo as importantes conferencias.

Nota-se neste extraordinario documento o tacto com que a energia se amolda subtilmente a opportuno espirito de conciliação para arredar difficuldades, que se antolhavam insuperaveis. A altivez civica promove nobremente as altas conveniencias nacionaes.

Reproduzo textualmente este longo e minucioso officio em attenção á transcendencia do assumpto, como tenho praticado em relação a alguns documentos de importancia, para não desfigurar o relevo peculiar de limpidez, concisão, naturalidade e expressão mascula que caracterizam o estylo do grande brasileiro.

CONFERENCIAS

“Ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros — Reservado — Buenos Ayres, 28 de Fevereiro de 1872. — A 26 de Fevereiro, dia util depois da minha chegada a esta cidade, fui com o nosso Ministro, Sr. Conselheiro Magalhães, fazer uma visita ao Presidente da Republica, o qual mandára me cumprimentar pelo seu ajudante de ordens. Haviam-me dito que o Sr. Tejedor, Ministro das Relações Exteriores, não voltára do campo; mas encontrei-o em companhia do Presidente na casa do Governo.

O Sr. Sarmiento pretende representar o papel de um Rei Constitucional; não trata dos negocios publicos, senão por intermedio de seus Ministros. A nossa conversação, pois, versou sobre objectos indifferentes.

Ao Sr. Tejedor, que se retirára, pedi uma conferencia, que me foi logo concedida em sua Secretaria. Quando ahi entrei, sahia o Sr. Cons. Magalhães, que acabára de fazer entrega da Circular em que o Governo Imperial justifica a resolução que tomára de autorizar-me a tratar separadamente com o Paraguay. Tejedor conservava o despacho ainda fechado. Começou por perguntar-me se era exacto (o que naquelle momento lhe disséra o Sr. Magalhães) que eu me mostrara resentido e queixoso de S. Ex. pelos negocios do Paraguay, e qual o motivo? Certamente, respondi, e creio que com razão, porquanto havendo eu por mais de uma vez instado com S. Ex. para que nos puzessem de accôrdo nas duas questões, que ficaram adiadas nas conferencias de Buenos Ayres, de sorte que nos apresentassem unidos em um só pensamento perante o Governo Paraguayo, S. Ex. evitára discutil-as; entretanto, essas mesmas questões ou uma dellas fôra a causa do rompimento da negociação conjuncta; parecendo, portanto, que o Plenipotenciario Argentino levára o proposito de não tratar. Negou S. Ex. a exactidão do meu acerto: “a unica insinuação, disse, a que evitei responder foi de combinarmos os meios coercitivos contra o Paraguay, caso este recusasse as propostas dos Alliados”. Arguiu-me o Sr. Tejedor de ser eu, ao contrario, o causador do rompimento da negociação, porquanto estando assentadas as bases della na conferencia de Buenos Ayres, eu propuzera a revisão das mesmas bases, e procurara modificá-las introduzindo, ou novas clausulas, ou outras que tinham sido adiadas, dando assim a perceber que não reconhecia as ditas bases, e tinha fins diferentes e dahi e só dahi, concluiu S. Ex., nasceu a divergencia que deu em resultado o rompimento da negociação.

Observei que o Plenipotenciario Argentino não puzera a menor objecção á revisão das bases ajustadas (procedimento que o Sr. Tejedor reprovou); que o meu fim propondo a revisão fôra: 1º, corrigir alguns defeitos de redacção; 2º, incluir as estipulações sobre neutralidade e fortificações, que não podiam deixar de fazer parte do Tratado de Paz, como obrigação commun da Alliança; que nessa occasião foi desconhecida a validade do Protocollo annexo ao Tratado de 1º de Maio, e não obstante adiei a difficuldade para não romper; que a unica estipulação nova, proposta por mim, fôra a conservação das forças alliadas para a manutenção da boa ordem, e cumprimento do ajustado, proposta que retirei; e assim não podia ella ser causa do rompimento da negociação. A causa foi a questão da garantia dos limites argentinos, apresentada a 30 de Novembro depois de estarem os Plenipotenciarios Alliados accordes no Projecto commum de paz, e essa mesma questão não ficou adiada por negar-se a isso o Plenipotenciario Argentino, como aliás ficára assentado nos Protocollos de Janeiro.

Insistiu o Sr. Tejedor em attribuir á revisão dos Protocollos, e por conseguinte á minha iniciativa, o rompimento; — que para esse fim recorri aos Protocollos do Sr. Varella já inutilizados (borrados, foi a sua expressão) pelos de Buenos Ayres, quando os negociadores nada mais tinham a fazer do que abrir logo a negociação com o Governo Paraguayo, e aguardar suas allegações.

Contestei, que tal era o meu desejo, e por isso instei; mas que o Plenipotenciario Argentino, de 6 a 30 de Novembro, nos reteve com repetidos adiamentos, á espera de novas instrucções, até que apresentou-nos a questão de garantia prévia dos limites com caracter de *ultimatum*, contra o que fôra aqui ajustado.

Então e só então, declarei que trataria separadamente, unico recurso que me restava; ainda assim, limitei-me a declarar, que negociaria os tratados *peculiares* ao Brasil, deixando tempo ao Governo Argentino para mandar um outro Ministro, se o entendesse conveniente.

Disse Tejedor que nunca acreditou que eu assim procedesse sem dirigir-me ao seu Governo,

prevenindo-o da minha resolução, e por isso guardou silencio, e só protestou contra o acto quando não teve mais duvida da sua realização.

Oppuz a essa observação que a declaração ou intimação era inutil, 1º, por estar oficialmente feita no Protocollo de 30 de Novembro; 2º, por estar previamente aprovado o procedimento do Plenipotenciario Argentino; 3º, por não poder eu no Paraguay corresponder-me directamente com S. Ex.

Conclui que os Tratados nada continham que contrariasse os interesses presentes ou futuros da Republica Argentina, como S. Ex. já teria visto, por terem sido pelo Governo Paraguayo mostrados ao General Vedia.

Respondeu-me S. Ex. que ainda não *approvára nem reprovára* o procedimento do Sr. Quintana e que era um motivo de queixa que tinha contra mim o ter tido conhecimento dos tratados, e isso mesmo, em resumo, por communicação da parte contraria.

Não me era permitido, disse eu, dal-os a conhecer antes que fossem presentes ao meu Governo; este os recebera no dia 15 ou 16 do corrente, e eu aqui estava a 24, e disposto a communicar-los todos a S. Ex.

O Sr. Tejedor pediu-me que lhe transmittisse copia dos Tratados.

Respondi que talvez não houvesse tempo de tirar as copias de paz e limites, e lh'as daria confidencial e particularmente, e não por nota; isso faria o Governo do Brasil, se os approvasse.

Nessa occasião pedi tambem copia do Protesto dirigido ao Governo Imperial, e do *memorandum* do Sr. Quintana, parte integrante do Protocollo de 30 de Novembro.

S. Ex. ficou de m'os enviar antes da minha partida. Tratando das medidas tomadas pelo Governo Argentino em relação ao Paraguay, ponderei que um augmento de forças em Assumpção poderia excitar rivalidades e era desnecessario, porque tão respeitadas seriam por nós 10, quanto 10 mil homens.

O Sr. Tejedor affiançou que, quaesquer que fossem as medidas tomadas, não tinham ellas por fim acautelá-las contra o Brasil, porque estava convencido do que eu lhe dizia, mas sim contra o Paraguay, visto que hoje estavam os Argentinos sós, por abandono nosso. Protestei contra a ultima expressão, que era inexacta, e a prova era que subsistiam as mesmas ordens para que o nosso General procedesse de harmonia com o General Vedia, e conforme as estipulações do Accôrdo Preliminar de Paz, emquanto o Governo Imperial não resolvesse o contrario.

O tom geral da conversação, que durou tres horas, posto que ás vezes animado, foi sempre polido e amigavel. Ao despedir-me, perguntou-me S. Ex. si a minha partida era tão urgente que eu não pudesse espaçá-la até o dia 28, porque desejava ter ainda uma conferencia para melhor nos entendermos. Prometti demorar-me. Com effeito, ás 11 horas teve logar a conferencia assentada para hoje, e prolongou-se por espaço de duas horas e meia.

Antes de tudo falou o Sr. Tejedor da nota circular que lhe fôra entregue pelo Sr. Cons. Magalhães no dia 26; disse que não a considerava uma resposta antecipada ao seu protesto, como expressara-se o Sr. Magalhães; mas que continha algumas considerações, que pareciam accusações ao Governo Argentino, e disto se mostrou sentido.

As considerações a que se referia eram a occupação dos territorios das Missões e do Chaco sem accôrdo dos Alliados, e a falta de concurso de forças argentinas na ultima phase da guerra, o que era inexacto.

Disse-lhe eu que apenas ouvira ler a circular, e não era por isso de extranhar que não pudesse explicar o seu sentido; porém, me parecia, que o Governo Imperial mencionando esses factos não tinha em mente recriminar, e sim provar com elles que o Governo Argentino tem obrado *por si só* em casos graves, não dando ao Tratado de 1º de Maio sentido tão restricto como hoje lhe dá. Entreguei a S. Ex. copias dos Tratados de paz e de limites: accitou a do 1º e disse já possuir a do 2º. Offereci-lhe a leitura dos de extradicção e navegação e commercio; recusou porque não conteriam mais do que as estipulações usuaes em semelhantes actos. Passamos a considerar a situação actual em relação á Alliança.

Inquiri qual a intenção do Governo Argentino, e que marcha pretende adoptar. O Sr. Tejedor disse que aguardaria resposta á nota que dirigira ao Governo Imperial e segundo ella declararia, ou não, rota a Alliança. Ponderei que S. Ex. não devia contar com a não ractificação dos Tratados e pois todo o accôrdo ou conciliação que tenha por base essa condição não offerecia probabilidade de bom exito. S. Ex. respondeu-me que tambem

assim pensava; porém, que poderíamos encontrar outro meio de não quebrarmos a Alliança. Os pontos do Tratado de paz que mais impressionaram ao Ministro Argentino eram a garantia singular do Brasil á integridade e independencia do Paraguay e conservação de forças brasileiras por tempo indefinido. Expliquei, quanto ao primeiro, que o Brasil, garantindo *por sua parte* a integridade e independencia do Paraguay, deixava a porta aberta para a garantia collectiva; quanto ao segundo, que *tratando separadamente*, deveriamos tomar cautelas para execução dos nossos ajustes, *maximé*, quando não conheciamos o pensamento dos outros Alliados; mas que, dependendo a occupação militar de uma *Convenção*, estava o meu Governo livre para celebrá-la ou não, conforme o aspecto, que tomassem os negocios. Si o Protocollo da negociação do Tratado de paz, do qual se via que não nos eximimos das obrigações da Alliança; antes tudo foi ahi calculado para chegarmos ao mesmo resultado, ainda que por caminho diverso.

O Sr. Tejedor deu mostras de satisfação; pediu uma copia do Protocollo (que lhe enviarei de Montevidéo) declarando que o pensamento nelle revelado e minhas explicações modificavam as suas apprehensões e provavam que não fôra nossa intenção, negociando separadamente, romper o Tratado; pois era possivel o accôrdo. Se fôra essa nossa intenção, acudi ter-nos-hiamos aproveitado do desconhecimento do Protocollo annexo ao Tratado, que para nós é parte integrante delle.

Depois de varias considerações sobre os termos do accôrdo desejado, escrevi sobre a mesa de S. Ex., em papel seu, o seguinte:

“Que se o Governo do Brasil contestar a nota que o Argentino lhe dirigiu, reconhecendo as obrigações do Tratado de Alliança, embora tratasse separadamente, não seria esta considerada rota. Que o Governo Argentino trataria com o Paraguay e buscaria depois as garantias do dito Tratado. O Governo do Brasil volveria ao accôrdo em Buenos Ayres sobre a retirada das forças communs. Que então, ou dada esta explicação, poderiam ser ratificados os Tratados. Que o Governo Argentino se apressaria a mandar um Ministro para *arreglar* as questões pendentes ou o modo pratico do accôrdo.”

Lendo o que acima fica escripto, S. Ex. disse que era mais simples o seguinte:

“Que o Governo do Brasil declarasse em resposta á nota do Governo Argentino, que reconhece, as obrigações do Tratado de Alliança, e está disposto a dar as garantias que elle offerece. Feito o que, o Governo Argentino mandará um negociador ao Paraguay, o qual depois iria ao Brasil reduzir á *fôrma de Protocollo* as declarações da nota. Feitas aquellas declarações nenhum inconveniente ha em que sejam ratificados os Tratados.”

Parecendo-me o pensamento o mesmo accetei a correcção, sem comtudo occultar que eu procedia pelo conhecimento que tinha das intenções do meu Governo, e não por instrucções que não tivera tempo de receber.

Afinal concordamos em que si o Governo Imperial já tivesse respondido á nota do Governo Argentino poderia retirá-la, pelo que não se faria obra por ella, emquanto eu não chegasse á Côte e desse a V. Ex. conta do que entre nós occorria.

Esquecia-me mencionar que o Sr. Tejedor fez ainda uma declaração a nós muito conveniente, e foi que se estivesse na posição do Dr. Quintana teria, em vista das minhas declarações finais do Protocollo de 30 de Novembro, reaberto ou proseguido nas negociações. Era natural que a conversação, de então por diante tomasse um caracter mais intimo e assim succedeu. Notei que o Governo Argentino não tivesse prehenchido a sua Legação na Côte, justamente quando, elevamos o caracter da nossa em Buenos Ayres; que esta circumstancia e a demora, como que calculada, da negociação com o Paraguay offendiam o nosso melindre e davam-nos que reflectir. O Sr. Tejedor explicou o motivo de não ter prehenchido a Legação vaga, fundando-se em falta de pessoas de experiencia, que não possuíam elles como nós, e negou que houvesse jámais calculada demora nas negociações com o Paraguay. Acrescentou que tivera intenção de ir elle proprio ao Rio de Janeiro, e depois convidára o General Mitre que a isso se prestava. Mostrei-me então resentido com o procedimento de Mitre, e disse que, estabelecido o accôrdo, a missão deste só serviria para dar á questão uma importancia que não tinha. Qualquer *moço* com as instrucções de S. Ex. faria tanto quanto o General.



"FLOR SYLVESTRE"

..... Salão de 1924

GEORGINA DE
ALBUQUERQUE

os heróicos do idealismo

M. Paulo Filho

E' uma empreza piedosa da Associação dos Escriitores Combatentes. Tiveram elles a idéa de elevar um monumento aos seus mortos. Numa obra, cujo primeiro volume acaba de apparecer, e que deve constar de quatro outros de oitocentas paginas cada um, foram reunidos trabalhos mais característicos dos quatrocentos e cincoenta escriptores que a França perdeu no grande conflicto.

"Todos aquelles, cujas obras puderam ser identificadas e recolhidas, estão commemorados aqui. Os poetas e os prosadores, os romancistas, os autores dramaticos, os jornalistas, os historiadores, os philosophos, os geographos e os exegetas, os archeologos, todos aquelles que já tinham honrado as letras francezas; e tambem aquelles que começam ou, apenas, ai de nós! a acompanhar os passos dos mais velhos — todos, sem distincção, quaesquer que fossem as suas crenças, as suas opiniões..." Essas palavras são do Sr. Leon Berard, prefaciando o primeiro volume.

Cada reproducção é precedida de uma noticia biographica e de uma bibliographia. Foram precisos quatro annos de trabalho obstinado para ser levada a cabo a tarefa que esse livro representa. Um dos seus melhores operarios foi o Sr. Thierry Sandre, cujo nome só uma vez apparece nessas paginas debaixo de uma noticia sobre Raul-René Cousin.

Já René Piton havia consagrado um dos volumes dos seus "Vinte e cinco annos de literatura" aos escriptores mortos na guerra. Seu texto, de uma grande e bella probidade ornado de photographias preciosas, era summamente interessante, e continha o essencial. Mas, na *Anthologia*, são os proprios autores que parecem viver aos nossos olhos. Suas paginas aqui estão — suas vozes parecem poder-se ouvir...

Esse primeiro tomo contém cento e oito nomes. De Alain Fournier a Charles Muller, de Michel Psichari a Adrien Bertrand, de Emile Nelly e Franceni, elles se levantam, recontam as emoções que lhes deu a vida, e, por um momento, os seus corações, hoje para todo e sempre gelados, como que se põem novamente a bater.

Um Georges Audibert, um Paul Drouet, um Francis Lafont, um Charles Perret, um Olivier Hordade cantam os seus poemas alegres ou melancolicos, ternos ou sonhadores. Outros pensam; suas reflexões abrem, deante de nosso espirito, ora os seus delicados ara-

bescos, ora as suas fortes architecturas; o castello dos seus sonhos se levanta, leve, diaphano, na transparencia do ether intellectual. Todos esses cerebros trabalham, especulam; todas essas sensibilidades vibram.

Como era bella, forte e grande, esta geração que a França perdeu! E que puro e luminoso mundo de pensamento, de poesia e de emoção, estava destinada a criar!

Essa homenagem não é a primeira que a França presta aos seus escriptores sacrificados durante a terrivel hora da conflagração.

Ja a Sociedade dos Homens de Letras tinha feito gravar, em sua séde, a lista gloriosa desses mortos. Essa lista tinha sido, se não nos enganamos, levantada segundo o *Boletim dos Escriitores*, que faziam, durante a guerra, os Srs. Fernand Divoire e René Bazin e que constitue, hoje, uma publicação preciosa. Contém toda a historia, dia a dia, dos escriptores mobilizados, o texto de suas citações, os seus endereços, os hospitaes em que eram recolhidos, quando feridos, e, o que é bem mais triste, a noticia de sua morte...

Foi esse Boletim que deu a Maurice Barrés a idéa da medalha commemorativa dos escriptores que cahiram no campo de honra. Henry Nocque, que gravou essa medalha, representou a Victoria, como a descrevia Barrés: "Sentada, com a mais bella expressão de tristeza, num tumulto, que ella envolve e protege com as suas grandes azas. Com a cabeça inclinada, ella apoia a face nas costas da mão esquerda. E' o gesto familiar da arte antiga, para representar a dôr pensativa." Além disso, sobre esse tumulto, estão representados um livro aberto, uma espada e um kepi, para caracterisar o escriptor-soldado.

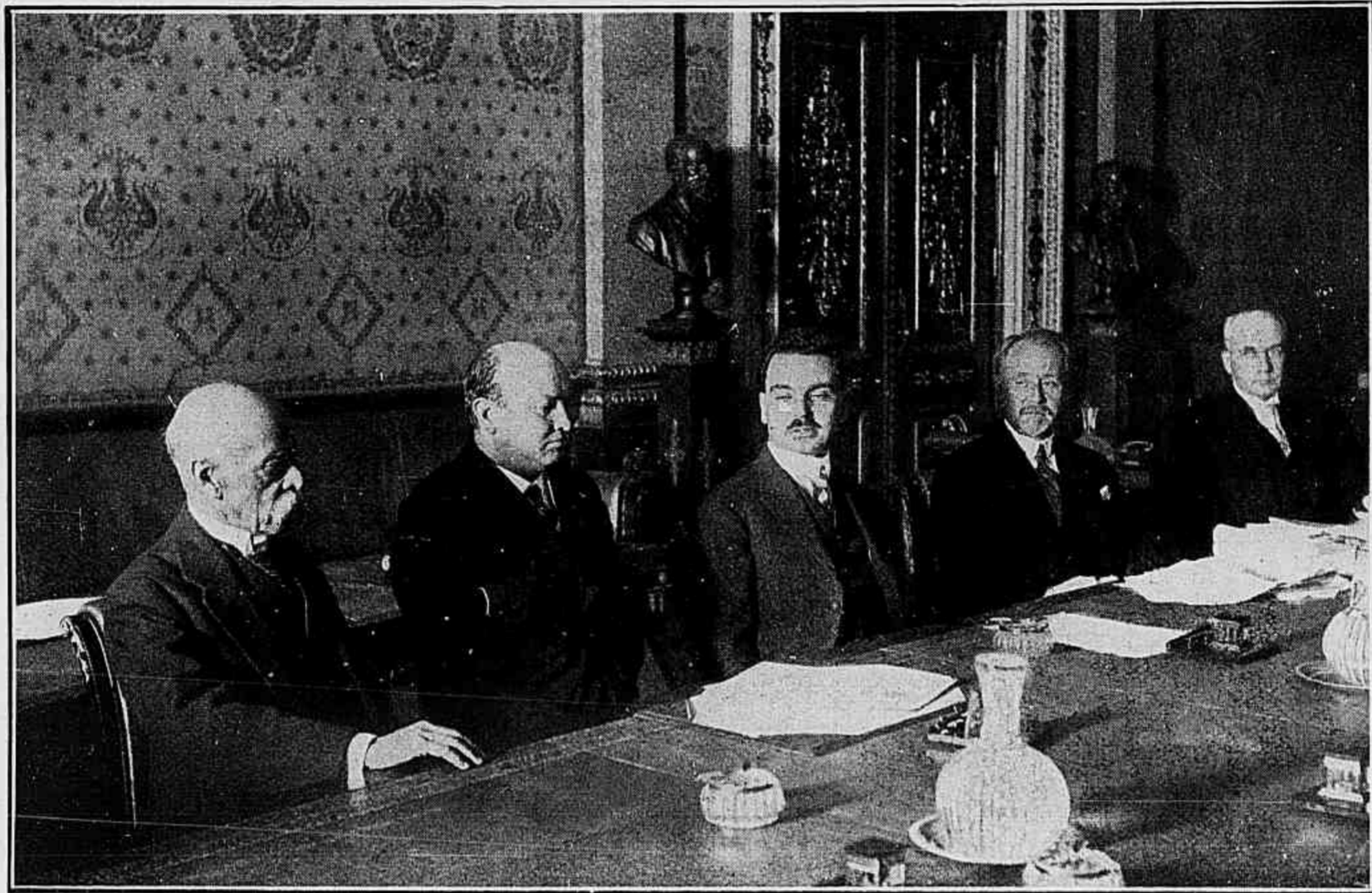
Attributos que muito bem poderiam figurar na capa da *Anthologia*.

Não ha mez, de resto, em que não seja lembrado um desses pobres escriptores, mortos no campo de honra.

Ainda ha pouco, a revista *Les Marges* consagrava um numero a Luiz Codot. Codot morreu no Havre, a 27 de Dezembro de 1914, num hospital. Tinha sido ferido em Steenstrato, no dia 4 de Novembro.

Um seu amigo fiel, Eugene Monfort, o recorda, com viva emoção.

Nunca, diz elle, um homem foi menos feito para morrer numa guerra, combatendo do que este. Era um enamorado da arte e



Sessão inaugural da Comissão Arbitral Mexico-Americana, a 18 de Agosto deste anno, na cidade do Mexico. A mesa presidencial. O Dr. Rodrigo Octavio, arbitro e presidente da Comissão, tendo á sua direita o Dr. Aaron Soares, ministro das Relações Exteriores do Mexico, o Dr. Gonçalves Rôa, membros mexicanos da Comissão, e Dr. Julio Garcia, consultor da Delegação Mexicana; e á esquerda, o Juiz Perry, membro norte-americano da Comissão.

da poesia. Do hospital onde se encontrava ferido, elle escrevia a Montfort:

“Esperavamos uma carga dos allemães. Os obuzes se puzeram a bater nos salgueiros, acima do buraco onde eu me achava. O homem, que se encontrava ao meu lado, me disse: “Estou ferido... Acho que não tenho mais nariz...” Com effeito, elle não o tinha mais. Achei do meu dever dizer-lhe que ainda o tinha, e o mediquei. O curativo feito, fui eu tambem, ferido.

Pouco soffrimento: um fio de sangue, que sahia do pescoço, do lado esquerdo.

“Os homens deitam-me num lugar mais abrigado da trincheira. Um delles põe um dedo sobre a chaga. Medicam-me. E eu fico ali, até á noite... durante cinco ou seis horas. Eu perdia muito sangue e ouvia os homens murmurarem: “Respira ainda?” — “Ainda fala?” — “Não. Elle não respira mais...” etc. E eu soffria physicamente, mas não moralmente. Sentia-me lucido e perfeitamente calmo.”

Em outra carta, elle escrevia:

“Perguntas se eu pensei que fosse morrer quando me vi ferido, no fosso, enquanto os homens falavam junto a mim? Ah! Eu não sabia. Na duvida em que me via, pensava na morte com uma grande tranquillidade. Desdobrava-me: via a minha vida passada, meus amigos, meus irmãos, minha mulher, tudo quanto eu tinha amado. Pensava, tambem, que talvez eu fosse conhecer o avesso das coisas. Sentia uma certa curiosidade philosophica. Como vês, eu não soffria moralmente. Desses momentos, guardo, uma lembrança doce...”

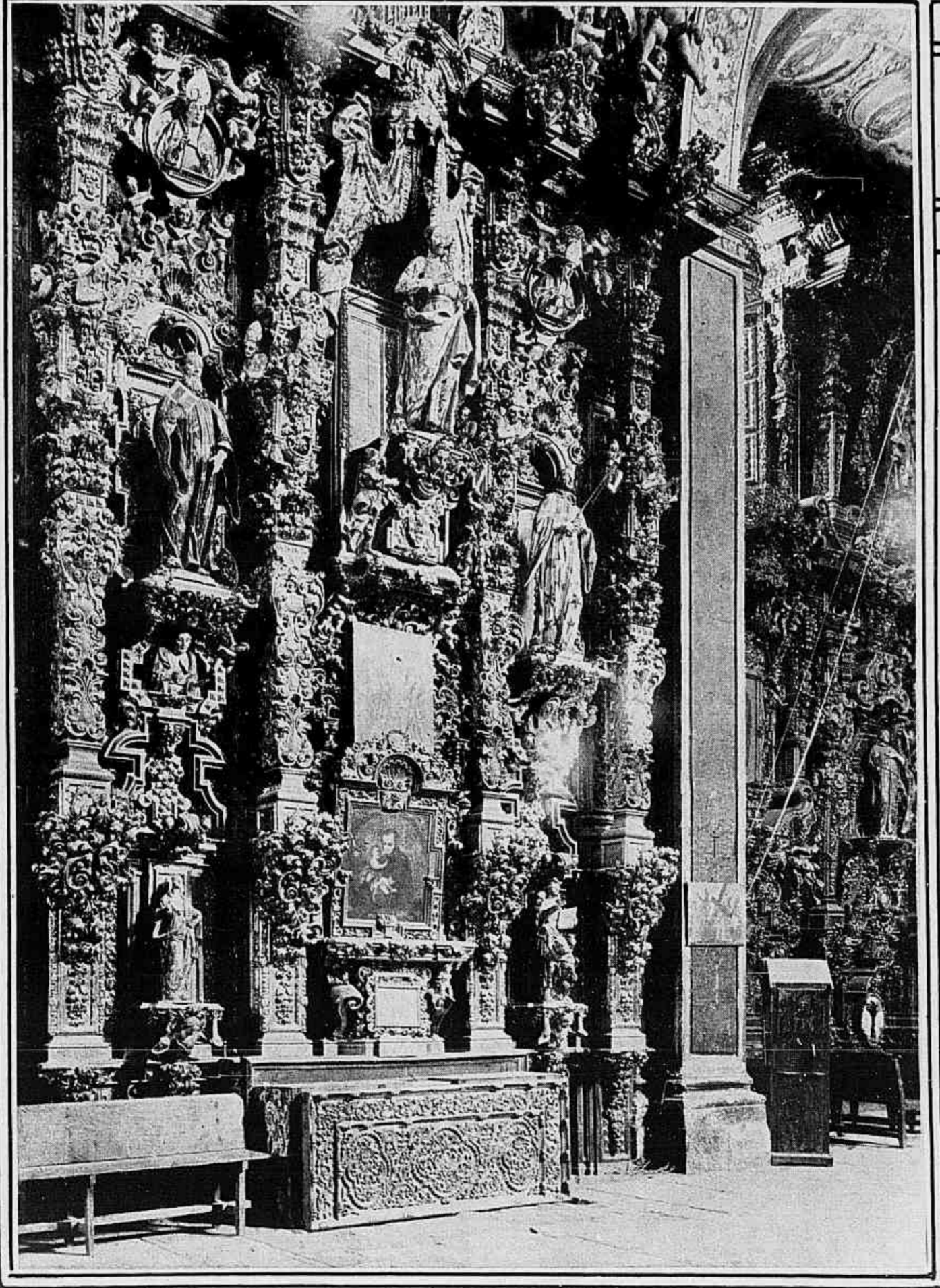
Eis como falava Codet, dois dias antes de fechar os olhos, aquelles olhos que tanto se haviam deslumbrado com as visões encantadoras do amor e da belleza

E' preciso crer que o heroismo é facil aos poetas.

Mas que heroismo será tão bello quanto este heroismo de uma extrema discreção, sem gestos, sem explosões de vozes nem de palavras?



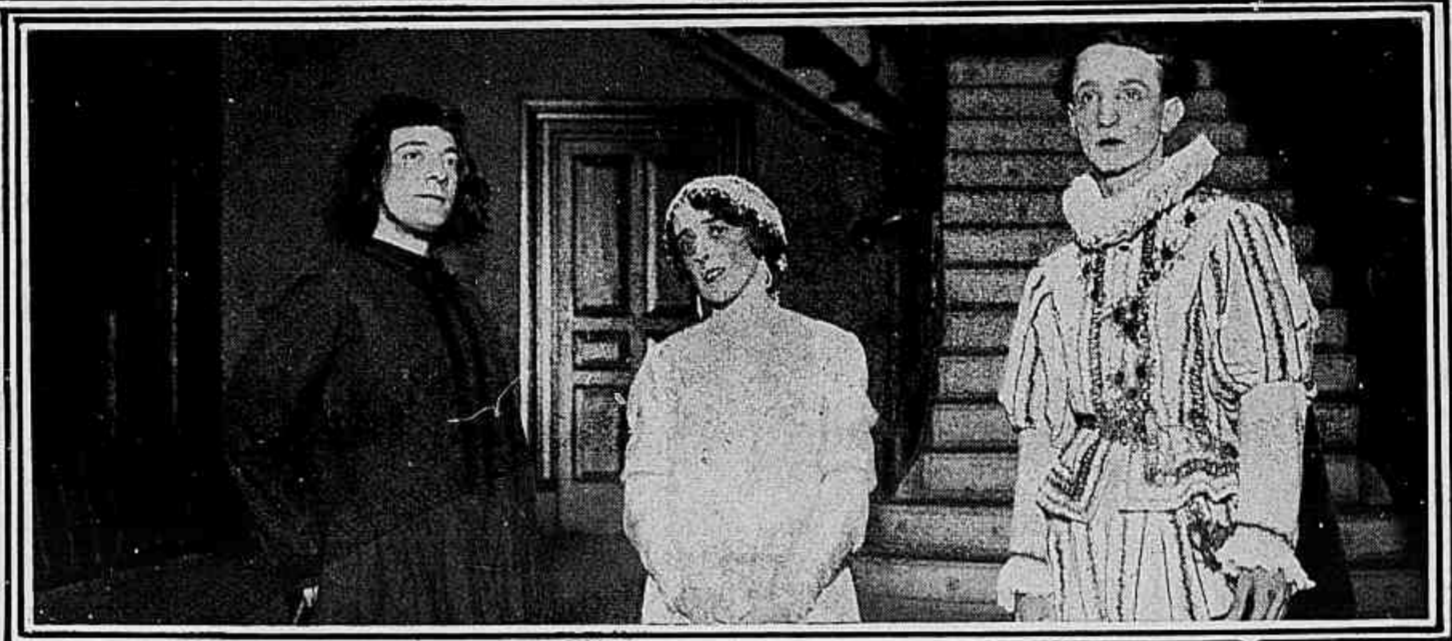
Cidade
do
Mexico



Monumento
aos Meninos
Heroes
O Sacrario



UMA
LINDA
NOITE
DE
ARTE
NO
THEATRO
MUNICIPAL



Artistas
e amadores
da alta
sociedade
do Rio
que tomaram
parte na
representação
d'"A Bella Adormecida",
Conto lyrico, letra
do Professor João Kopke,
musica do Dr. Carlos
de Campos



Dominados por uma emoção que mal podiam disfarçar, os tres amigos de todos os momentos jantavam, quasi silenciosos, naquella sala reservada do "Progredior".

Cahia a tarde de ante-vespera do Natal. Dois dias antes, haviam os tres recebido o grau academico na Faculdade de Direito, e, já agora, desembaraçados de todos os compromissos que os prendiam a S. Paulo, feita a visita de despedida ao velho convento de S. Francisco, sob cujos tectos passaram a melhor phase da mocidade, no convívio dos cinco annos do curso recém-concluído, voltavam, pela ultima vez, áquella sala, da qual se não haviam ainda apagado, totalmente, os ecos de seus jantares passados, de estudantes.

Poucas horas depois, estariam separados. O mesmo destino que os unira para os estudos, iria separal-os para as incertezas da vida pratica. Carlos Eduardo Ribeiro Saldanha regressaria ao Amazonas, como um segundo Radamés victorioso, carregando o seu diploma, os seus incessantes sonhos de grandeza, os seus grandes olhos verdes e a sua audacia infinita... Sergio Gavaicanti Linhares, aproveitando-lhe a companhia, pelo mesmo trem, re-installar-se-ia no Rio de Janeiro, onde fariam excellente figura os seus doze ternos admiraveis, o seu bom-humor permanente, o seu commentario calmo para tudo. Apenas Alvaro Cezar de Barros tomara direcção opposta, rumo do sul, levando comsigo a sua profunda ancia de trabalho, a sua grande alma de artista, o seu violoncello...

Naquella mesma sala reservada, quantas vezes não se haviam elles reunido em ceias e jantares bohemios, confiantes na discreção das quatro paredes que os cercavam e em cujos espelhos não se gravaram nem a alegria, nem a graça jovem das suas companheiras!? Especie de succursal do quarto de estudantes que occupavam em uma velha casa colonial da ladeira do Piques, era ali, naquella sala, que os tres solemnizavam as grandes datas e factos, por qualquer motivo extraordinarios, que se iam succedendo no decorrer do curso. E quantas vezes não se tinham alterado em discussões acaloradas, sobre questões de amor, sobre subtilidades de honra, sobre escrupulos moraes, sobre pequeninos nadas, enfim, que constituem o titulo da vida? Se aquellas quatro paredes pudessem falar! E como lhes era differente aquelle jantar, como lhes parecia tumular aquelle ambiente sempre alegre, como tudo aquillo já lhes falava da saudade da vida de que se iam apartar para sempre pouco depois!

No salão principal do restaurant, a orchestra dava inicio ao programma. Eram sete horas da noite. Os tres amigos permaneciam dentro da sua emoção, sem coragem de falar, sem alegria, sem prazer, sem appetite. Nos grandes momentos da vida, a inconfundível eloquencia do silencio diz muito mais do que a palavra.

Aquelle jantar, na sua significação de despedida, que, de forma alguma, se poderia modificar, anniquilava-os. Ao envés da tagarellice ruidosa dos jantares de outr'ora, pesava sobre elles uma grande tristeza, que nenhum dos tres conseguia soffrear.

Temperamentos mais ou menos diversos no seu modo de encarar as coisas, um identico sentimento os dominava naquelle momento. Todos comprehendiam que aquella reunião era a sua ultima despreocupação de moços, e, igualmente, sem duvida, a sua primeira meditação sobre o dia de amanhã!

Por muita confiança que tenhamos em nós mesmos, é sempre motivo de estremecimentos, o primeiro passo que damos ao sahir da Academia. Se se pudesse enxergar através do mysterio do futuro!

Assim pensando, os tres amigos chegaram á sobremesa. Era necessario trocar os brindes da despedida! Ergueu-se então, Alvaro Cezar e, procurando dominar-se, pronunciou, sorrindo contrafeito:

— Estamos nós aqui, numa attitude de quem vela por um cadaver, quando, bem pensado, deveriamos estar radiantes de alegria. Pois não estamos hoje formados? Onde é que já se viu estudante triste no dia da formatura? Quem tem confiança no seu valor e na sua boa vontade não tem o que temer. Cá pela minha parte, penso assim e sou, de nós tres, o que tem menos probabilidades de vencer na vida pratica.

— Bebo á saude da tua modestia! — exclamou, sorrindo, Carlos Eduardo.

— Bebamos! — completou Sergio, erguendo a taça.

O jantar tornou-se, então, mais alegre. Os tres novos bachareis ainda não tinham feito des-

A CONDECORAÇÃO

M. TAPAJÓ GOMEZ

apparecer por completo os tres estudantes das vespervas. E, ao envés de se apegarem a evocações do passado academico, puzeram-se a fazer previsões phantasticas do futuro. Atirar-se-iam, decididos, á lucta pela vida e haveriam de triumphar. Possuindo uma pequenina renda, que considerava a "pedra fundamental de uma fortuna que haveria de vir", Carlos Eduardo, com maior razão, declarava que voltaria para o Norte disposto a attingir, fosse como fosse, á situação cobichada!

— A fortuna é o bem-estar, é a saude do corpo e da alma, — dizia elle — e eu sinto que, como o novo mundo, nasci para grandezas, para crear, crescer e subir!

Por seu turno, Sergio Cavalcanti só comprehendia a vida vivida suavemente, sem difficuldades e sem preoccupações:

— De pleno accordo — concordava elle, dirigindo-se a Carlos Eduardo. — A fortuna é o ideal, mas ideal maior ainda seria se viesse sem trabalho. Tambem eu não nasci para migalhas. — E, voltando-se para Alvaro Cezar, interrogou: — E tu?

— Eu?

Era Alvaro, dos tres, effectivamente, o que tinha menos razões para optimismos. Mais do que os outros, conhecia de perto as difficuldades da vida. Ao passo que os dois amigos tinham elementos que os esperavam, elle tinha de contar comsigo mesmo, para se iniciar na carreira, pois perdidos os paes em meio do curso, só Deus sabia as difficuldades que soffrera para chegar ao fim, leccionando principiantes. Carlos Eduardo tinha a sua renda, que lhe garantia a subsistencia em qualquer parte; Sergio contava, de antemão, com a excellente situação politica da familia. E elle? Elle, coitado! tinha uma grande esperanca, tinha um pouco de coragem, tinha muita boa vontade... Levaria apenas isso e iniciaria a vida... Levaria tambem o seu violoncello... Que lhe adiantava porém o violoncello? Lá pelo sul, não sabia o que o aguardava. Talvez triumphasse, talvez succumbisse. O futuro a Deus pertence. Carlos e Sergio viviam a sonhar com grandezas. Elle?... Se tivesse de ser rico, sel-o-ia, inevitavelmente, com lucta ou sem lucta. Do contrario, se estivesse condemnado a ser pobre, não haveria de ter nenhuma desillusão. Nem havia de estranhar, que estava muito familiarizado com a pobreza. Sabereria ter paciencia para não se maldizer da sorte. O principal era viver honestamente. O resto, pouco se lhe dava. Para consolar-lhe as agruras da vida, tinha o seu violoncello. Tocaria... e, naturalmente, o seu instrumento querido não lhe haveria de negar o bem-estar da alma, que tão frequentemente nos supprime o bem-estar do corpo. Para que descrever, se no intimo, confiava em si proprio?

Todas essas reflexões não lhe vieram ao espirito naquelle momento, porque estava habituadissimo a conviver com ellas. Em todo caso, não quiz encher de lamurias aquelle resto de jantar, que, elle mesmo, conseguira momentos antes alegrar com os seus commentarios. Preferiu sopitar as suas reflexões de sempre e apparentar uma ambição que estava longe de preoccupal-o.

Ergueu, por isso, a taça e respondeu sorrindo contrafeito:

— De pleno accordo! A fortuna deve ser uma coisa deliciosa! Assim como os vivos são sempre, e cada vez mais governados pelos mortos, os pobres tambem são sempre e cada vez mais achinchados pelos ricos!...

— Pois façamos aqui o nosso pacto de honra — interrompeu Carlos Eduardo. — Amanhã estaremos separados, um no Norte, outro no Centro, outro no Sul; mas como nada impede que, um dia nos reunamos de novo, aqui ou em qualquer parte, façamos os nossos votos para que o nosso proximo jantar não seja, como este de tres estudantes pobres, mas de tres abastados capitalistas...

— Multi-millionarios! — acrescentou Alvaro Cezar.

— Tres reis de qualquer coisa — completou Sergio. — Rei da borracha, rei do café e rei dos bois!

— E como reis, se não coroados, ao menos condecorados.

— Bravos! A Legião de Honra!

— Um baronato pelo Papa!

— Seja como fór — exclamou Carlos Eduardo — assim o prometto!

— Assim o prometto! — repetiu Sergio, ao mesmo tempo

que Alvaro Cezar, tocando a taça dos companheiros, completava a algazarra, gritando egualmente:

— Assim o prometto!

II

Vinte e quatro horas depois, o esborcinado quarto da ladeira do Piques, que durante cinco annos abrigara os tres estudantes, estava vasio.

Sobre o juramento do jantar de despedida, a saudade se foi accumulando com a distancia que os separava e com o tempo que continuava a passar e que os ia lentamente envelhecendo.

No Amazonas, a audacia nativa de Carlos Eduardo tinha propicio terreno para medrar. Por essa epoca, os navios que desciam o Rio Negro, de volta de Manãos, rumo dos portos estrangeiros, navegavam sob o peso formidavel da borracha valorisadissima, que era disputada a ouro. E o ouro entrava pela cidade a dentro em jorros, em catadupas, num despropósito, como uma onda invasora, como uma avalanche irresistível, desafiando a honestidade alheia e tornando-se, pelas suas seducções infinitas, a preocupação maxima de todos.

Para attender á excepcional procura da grande riqueza do Estado e tirar partido da sua maravilhosa valorisação, o governo arrendou, e fazia correr por sua conta, cinco grandes navios cargueiros, entre os principaes portos consumidores dos Estados Unidos e da Europa e Manãos.

De seis em seis dias era um que zarpava, carregado de borracha embarcada pelos mais fortes exportadores da praça; e para maior gaudio do bairrismo nativo dos seus filhos, cada navio ostentava na pôpa a bandeira brasileira tremulando, no mesmo mastro, junto á bandeira do Amazonas...

Toda gente atirava-se ás explorações do mercado. Inventaram-se os mais fabulosos negocios, formaram-se emprezas colossaes, syndicatos poderosissimos; e o ouro continuava a invadir a cidade, num movimento avassalador que parecia não ter fim.

Para conquistal-o, todos os meios serviam. Na formidavel concurrencia que se estabeleceu, punham-se de lado velhas praxes e velhos escrupulos que pudessem servir de estorvo á sede de independencia financeira de quem quer que fosse.

Commettiam-se as mais desassombradas velhacarias, praticavam-se as mais increditaveis negociatas. O governo, fechando os olhos e cerrando os braços, acobertava uma série interminavel de assaltos ao Thesouro, com os quaes se iam locupletando os proceres da situação.

O dinheiro allucinava, e, ao que parece, as regras que governam a allucinação do ouro, não são, positivamente, as mesmas que regem a honestidade...

O Estado atravessava uma phase, ao mesmo tempo de fartura de dinheiro e fallencia de escrupulos para conquistal-o.

O exemplo vinha de todos os lados e era dado a todos os momentos impressionando como uma tentação diabolicamente irresistível.

Carlos Eduardo, mercê das excellentes relações de que dispunha na alta roda administrativa do Estado, conseguiu, um anno depois de seu regresso, um dos mais importantes logares na secção encarregada dos navios arrendados para o transporte de borracha. Vinha-lhe dahi uma remuneração larga que, adicionada aos rendimentos que já possuia, lhe permittia uma grande despreocupação sobre o dia de amanhã.

Naturalmente, não se resumiam nisso as suas ambições de grandeza; mas com essa base inicial, com o formidavel prestigio de que gosava, na praça, no commercio e no Governo do Estado, facil lhe seria attingir á oportunidade de realisal-as, de um momento para outro.

Ao contrario do que succede geralmente com os que sobem, não se esqueceu dos dois amigos academicos, dos quaes estava separado havia apenas um anno. Escreveu-lhes, descrevendo a situação magnifica da praça de Manãos e aconselhando a que para lá fossem tentar fortuna. Promettia-lhes a sua protecção e pintava a oportunidade como excellente para que pudessem realizar o voto do jantar do "Progredior".

Ao contrario de Carlos Eduardo, que parecia ter enveredado pelo caminho decisivo da fortuna, Sergio Cavalcanti, que vivia a sonhar com as seducções da carreira diplomatica, aguardava, no Rio, o momento da sua nomeação para uma promettida legação brasileira na Europa.

A falar verdade, não era bem a carreira que o seduzia — que essa, no fim de contas, não se segue sem algum trabalho, no mínimo, o de aprender as linguas estrangeiras. O que o atrahia era a possibilidade de viajar, que era a sua maior ambição.

Se tivesse fortuna, consumir-lhe-ia a renda percorrendo o mundo, conhecendo todos os recantos do mundo, amando todas as mulheres do mundo. Mas a verdade era muito outra. Quando estudante tivera vida mais facil, porque recebia uma excellente mesada do pae. Mas isso já se tinha modificado muito. O proprio pae, vendo que elle não se mexia, não se atirava a coisa alguma, foi cortando, cortando. Mesmo os seus doze ternos já começavam a perder a linha, de modo que a demora da nomeação começava a parecer-lhe um desastre.

Foi nessa situação de expectativa ansiosa e de principio de desanimo, que o encontrou a carta de Carlos, convidando-o a tentar a vida no Amazonas, de modo que elle acolheu a idéa com uma profunda alegria e com um enorme entusiasmo.

As noticias da carta eram sedutoras. Carlos Eduardo pintava-lhe ao vivo o scenario que o cercava. E Sergio teve, num momento, a antevisão de um futuro menos incerto, mais de accordo com as suas velhas aspirações. O Amazonas, de longe, começava a tentá-lo... Quem sabe não estaria ali a terra da promissão? Elle, afinal, já estava, havia um anno naquella situação esquelada: aguardando a vaga da Europa... Se tentasse? Depois a fama do Amazonas corria de bocca em bocca, como a terra das fortunas magnificas, rapidas, mysteriosas. Além disso, Carlos não seria capaz de chamal-o se não fossem as probabilidades de triumphar, que o meio lhes offerecia. Se tentasse?

Resolveu não reflectir muito. Uma troca de telegrammas com o amigo lhe deu completas informações sobre o assumpto; e, pouco tempo depois Sergio desembarcava em Manáos, levando meia duzia de contos de réis, a quanto conseguira reduzir tudo quanto possuía: algumas joias, varios objectos de arte, muitos livros.

Com esse capital não quiz acceitar o emprego que Carlos lhe offerecera, na secção de navios do Estado; preferiu tentar a vida por conta propria, installando um escriptorio de negocios e para elle pedindo a preferéncia do amigo.

Inteiramente estranho no logar, a nova carreira que abraçara não parecia corresponder-lhe a expectativa de grandes lucros immediatos. O tempo se ia passando, e alguns mezes depois, ao contrario do que esperava, Sergio verificou que não lhe seria tão facil, ou pelo menos tão rapida, a independencia.

Graças ao auxilio de Carlos, o escriptorio ia tendo a sua renda vagarosamente augmentada; mas isso era muito differente do que esperava!

Pensando bem, elle, de accordo com o conhecido conselho amazonense, antes de desembarcar em Manáos, deixara o escrupulo na confluencia do Rio Negro com o Amazonas... Estava, assim, em condições de realizar quaesquer especies de negocios que lhe permitissem attingir, fosse como fosse, aos fins que o tinham levado até ali. Evidentemente, para isso, era preciso oportunidade; mas como essa oportunidade estava tardando!

Alguns mezes depois, uma novidade sensacional atravessava, rapida, a cidade; no alto mar, entre Belém e a Europa, naufragara um dos navios do Estado, levando consigo, para o fundo do mar, toda a sua tripulação e carga, andava por muitos milhares de contos de réis.

A noticia percorreu vertiginosamente todos os cantos de Manáos, onde a sorte do navio interessava tanta gente. Com o desastre, além de tantas existencias uteis que desapareciam, perdia-se uma enorme fortuna em borracha; e isso representava um grande desequilibrio nas rendas publicas, razão por que os commentarios fervilhavam.

Recebendo a noticia, como toda gente, como um golpe formidavel, Sergio Cavalcanti correu ao escriptorio; e, espalhando sobre a sua secretaria uma pasta de documentos recentes, verificou que no bojo do navio sinistrado viajara uma pequena partida de borracha que adquirira de sociedade com Carlos Eduardo, e com a qual iniciava transacções com uma forte firma importadora de Hamburgo.

Na meia-luz da tarde que cahia, sósinho no escriptorio, deante dos documentos espalhados sob seus olhos, o choque que recebeu foi horrivel. Aquella partida, que o mar tragara em poucos minutos, era o fructo de todas as suas economias de dez mezes de lucha, reunidas ás de Carlos Eduardo, que, associando-se ao amigo, nella interessara além de todos os seus capitaes, o seu credito, tomando dinheiro emprestado, para a tentativa!

O sinistro surgiu-lhe na imaginação como uma hecatombe formidavel para os dois! Pelo seu espirito chegou a esboçar-se um subito arrependimento de ter cedido ao convite de Carlos, ficando-se no Amazonas. Aquelle naufragio era uma catastrophe irreparavel para os dois, para elle principalmente, que ia ficar em situação peor do que atravessara até então. Pensou, então, que, se tivesse ficado no Rio, áquellas horas, já nomeado, naturalmente feito secretario ou auxiliar de uma legação qualquer, estaria no estrangeiro e livre daquellas preocupações terriveis que o assaltavam. E ia pensar então que estaria longe, calmo, viajando, quando, repentinamente, uma idéa lhe perpassou pela cabeça como um corisco chammejante.

Seria possível?! E Sergio, arrebatando os dois documentos da sua mercadoria naufragada, aproximou-os da lampada electrica e devorou-lhes os dizeres, as cifras, a tremer, a tremer, suando frio. Elle tinha ali, diante dos olhos, naquelles papeis singelissimos, todo um audacioso plano de conquista da fortuna, que o acaso feliz lhe punha nas mãos. De accordo com o compromisso assumido com os exportadores, o governo era o immediato, o unico responsavel pelos accidentes que, por ventura, viessem a soffrer as partidas de borracha que transportava em seus navios. Nada mais simples, portanto... Dependia unicamente de Carlos Eduardo e Carlos Eduardo era, como elle, ou mais do que elle, interessado em salvar-se daquella situação, que lhes era a ruina definitiva: facil seria forjar novos documentos, mediante cuja apresentação o escriptorio de Sergio poderia reclamar do Thesouro, não a importancia real da sua partida, mas uma importancia vinte, cinquenta, cem vezes maior, que lhes permittisse da noite para o dia, entrar na posse definitiva da fortuna ambicionada.

Que lhes importava, a elle e a Carlos, o modo como chegariam a essa posse? Elle, afinal, não fôra ao Amazonas para viver de sonhos nem de esperanças. Quando entrara no Rio Negro, fizera o que o proprio commandante do navio lhe aconselhara: deixara o escrupulo, e com o escrupulo a consciencia, a dignidade, enfim, esses sentimentos todos, que só se exigem aos pobretões, porque não se lhes pôde exigir dinheiro.

A falsificação dos documentos podia ser em cinco minutos feita por Carlos Eduardo. Era só uma questão de escrupulo... Elle, afinal, já estava cansado de esperar pelo momento opportuno. Esse momento chegara; e quanto a Carlos... Ora! Carlos não havia de ser melhor do que elle!

E Sergio, sem mais perda de tempo, mettu no bolso os documentos preciosissimos que o interessavam, guardou os demais no cofre e ia a apagar a luz para sahir, quando Carlos Eduardo lhe entrou, esbaforido, pelo escriptorio a dentro:

— Sergio! — gritou elle; e, numa excitação tremenda, ligou o ventilador atirando o chapéu para cima de uma papeleira.

— Calma! meu caro, estás horrivel! Que é isto? Nem pareces tu! — respondeu-lhe, baixo, Sergio Cavalcanti, fazendo-o sentar-se na poltrona que tinha junto á secretaria.

Os dois entablaram conversa; e, á proporção que Sergio lhe ia expondo, com todos os seus detalhes impressionantes, o excellente plano que acabára de architectar, Carlos sentia que a calma lhe ia voltando miraculosamente.

Aquillo era, realmente, extraordinario!

Sem grande esforço, elle se certificou de que, effectivamente, a posição que occupava lhe permittia, não só substituir os dois documentos de Sergio por outros de valor muitas vezes maior, com que pudessem os dois arrancar do Thesouro uma formidavel indenmisação por uma partida phantastica de borracha, como, principalmente, desafiar que a falcatura fosse provada ou sequer suspeitada.

A propria tripulação do navio naufragara, e, portanto, não poderia nunca o seu commandante articular contra elle a menor accusação.

Era, de facto, um plano magnifico! A sua realisación dependia apenas delle e de uma firma commercial connivente e disposta a acceitar as consequencias da arrojada mystificação; mas, desde que a firma commercial ali estava, representada por Sergio, que lhe abria os olhos para uma excepcional oportunidade para fazer fortuna, que mais?

Era só, da parte delle, uma questão de escrupulo...

Um pouquinho de coragem e estaria tudo feito. Por um momento vacillou, deante de um possível fracasso de plano. Que seria delles se se descobrisse a falsificação? Seria um processo horrivel, depois a cadeia — uma vergonha! Mas cadeia?... Tolicé! Pois se fossem prender todos os que estavam aproveitando da situação, a cadeia de Manáos estaria transbordando... Talvez mesmo houvesse uma cadeia em cada rua da cidade; e todas estariam abarrotadas.

— Nem penses nisso, meu velho, — affirmava Sergio ao amigo, titubeante. Nem penses nisso. Lembra-te que é a nossa salvação, e mais do que isso, a nossa independencia. A fortuna da noite para o dia!

Pelo espirito dos amigos, como nos grandes films sensacionais, passaram, rapidas, todas as seducções da fortuna! Irmanados os dois pelo mesmo aneio, pelo mesmo sonho, pela mesma ambição de riqueza, veio-lhes á memoria o compromisso da despedida de S. Paulo; e comprehenderam que, para cumprir o juramento, talvez nunca mais se lhes apresentasse outra oportunidade.

Lembraram-se, então, de Alvaro Cezar, o amigo distante, que não quizera acceitar o convite de Carlos, e preferira deixar-se ficar na sua pequena cidade natal, onde era promotor publico, pois não tinha outras ambições senão casar-se com "uma paraguaya de biscuit, pianista de raça, maravilhosamente linda", de quem era noivo.

Pensaram que, naquelle momento, Alvaro Cezar não estaria, como elles premido por tão serias preocupações de espirito; mas, ao mesmo tempo, pensaram, tambem, que essas preocupações poderiam desaparecer rapidamente e transformar-lhes a vida na mais suave das delicias humanas.

Era, não havia duvida, uma simples questão de escrupulo e as suas velhas aspirações se mudariam na mais ridente realidade. O proprio Alvaro Cezar, coitado!, á distancia, dava-lhe o exemplo doloroso do luctador pelo ideal inatingivel: promotor publico, a queimar as pestanas no estudo e na applicação das leis cada vez mais complicadas do paiz, sujeito a um ordenado miseravel, sem horisonte!... Para chegar a isso, sem probabilidades de passar disso, francamente, não valia a pena ter perdido tantos annos em estudos!

— Sim, — respondeu Carlos, despertando das suas evocações. — Sim, é a nossa independencia! Neste momento estava me recordando do nosso juramento. Lembras-te?

— Do nosso compromisso, Sr. Conde... — retrucou Sergio sorrindo. Está em tuas mãos, Carlos.

E o compromisso dos tres amigos, de simples pilheria que, até então, lhes parecia ter sido, passou a possuir para elles uma seducção absolutamente inedita.

— E' uma simples questão de escrupulo — insistiu Carlos Eduardo.

Dias depois, o plano tinha sido posto em execução. Foi necessario interessar nelle um outro funcionario da secção de navios, de modo que o assalto dado ao Thesouro teve de ser dividido em tres partes eguaes. Mesmo assim, vencidos todos os obstaculos da burocracia, o uberimo Thesouro do Estado, no seu abarrotamento verdadeiramente lendario, cinco mezes depois do sinistro, pagava á firma Sergio Cavalcanti a linda somma de vinte e quatro mil contos de réis, ou sejam, oito mil a cada um dos tres interessados no negocio.

Certo, os dois principaes autores de tão formidavel chantagem não haviam de ter a ingenuidade de se deixar ficar naquelle meio cuja unica attracção consistia para elles na conquista que já tinham feito.

Sergio, sem demora, pouco depois se re-installava no Rio de Janeiro, e ahi, com uma prudencia e um tino verdadeiramente extraordinarios, collocou a fortuna solidamente, de fôrma a se assegurar uma renda mensal que lhe proporcionava vida regaladamente nababesca. Carlos só alguns mezes depois pode rever as aguas da Guanabara, de modo que, quando chegou ao Rio, já não encontrou Sergio que, pouco antes embarcara rumo da velha Europa.

Como já o havia feito o amigo, Carlos procurou empregar da melhor fôrma a fortuna, interessando-se em grandes emprezas e adquirindo magnificas propriedades no centro. Muito rapidamente conquistou o titulo de um dos principes da sociedade carioca.

Quando os interesses lh'o permittiam, fazia-se de viagem para a Europa e para a America, cruzando-se varias vezes com Sergio em pleno mar ou com elle se encontrando no estrangeiro.

Apesar da vida dispendiosa que levavam, os dois amigos, economicos por indole, não consumiam a renda inteira da fortuna, de modo que, com o correr do tempo, fortuna e renda em motu-continuo, augmentavam fatalmente.

De uma feita, em que os dois amigos se encontraram a bordo do mesmo transatlantico, de viagem para o Brasil, veio-lhes, naturalmente, á palestra a evocação do jantar de despedida, de S. Paulo. Lembraram-se de Alvaro Cezar, de quem nunca mais tinham tido noticias e trocaram impressões sobre o compromisso que, havia quinze annos, tinham assumido.

Por essa época, a fortuna já lhes andava pelo triplo. Por que não tentar obter a sonhada condeco-

ração, offerecendo, cada um, a renda de um anno, para uma instituição religiosa de caridade, qual-quer? Que lhes custava distribuir com os neces-sitados, um pouco do muito que desfructavam? Demais, o gesto, além de completar o compro-misso de S. Paulo, iria, naturalmente, lhes au-gmentar o prestigio de que gosavam por toda parte. Sem sacrificio, podiam contribuir para o bemestar alheio; e isso, em parte, lhes diminuiria um pouco, perante a consciencia, o grande crime commettido na aquisição da fortuna.

Durante a travessia, combinaram os planos para levar a effeito o novo projecto. E foi ainda Sergio quem de tudo se encarregou com o mais completo exito, movimentando os elementos de que dispunha.

O donativo dos dois millionarios, repercutiu sympathicamente por toda parte, focalizando-os, durante algum tempo, como os verdadeiros nomes do dia. E poucos mezes depois, a pilheria de S. Paulo era uma realidade incontestavel. De Roma recebiam os dois amigos o titulo de conde, de envolta com uma mesma benção papal.

Perante o tribunal da propria consciencia, cada um poderia ser para o outro, no minimo, um patife. Perante a gratidão dos necessitados por elles protegidos, seriam duas almas beneme-ritas, e abençoadas. E para a sociedade do seu tempo, como, de resto, para as sociedades de todos os tempos, eram dois millionarios, duas po-tencias sociaes, dois grandes homens, em summa, o Sr. Conde Carlos Eduardo Saldanha e o Sr. Conde Sergio Cavalcanti Linhares...

Se o jantar do "Progredior" lhes tinha sido uma profecia, a profecia para ambos já se tinha cumprido: estavam riquissimos, condecorados, cheios de prestigio, felizes.

De Alvaro Cezar nunca mais tinham tido noticias. Os annos se succediam, e, naturalmente, de promotor publico talvez já tivesse chegado a juiz de direito, talvez já estivesse casado com a "paraguaya de biscuit", talvez com ella, executas-se magnificas peças de piano e violoncello, talvez já fosse paê de uma porção de filhos, enfim, talvez já tivesse experimentado todas as sensa-ções da vida pacata e burgueza a que se deixara arrastar.

Elle, afinal, com a sua grande alma de artista e a sua infinita bondade tinha mesmo nas-cido para uma vida assim.

III

Dois annos haviam já passado sobre estes acontecimentos, quando, uma noite saham Ser-gio e Carlos da Opera de Paris; e, como estivessem em hotel proximo, resolveram descer o Boulevard, a pé, quando, ao passar pelo "Café des étoiles" foram subitamente despertados por uma musica que vinha de dentro.

Num instante de surpresa, entreolharam-se e, instinctivamente, irresistivelmente, tomaram pelo Café a dentro. A concurrencia áquella hora da noite, não era grande. Ao fundo, no alto do pa-lanque da orchestra, executava-se o penultimo numero do programma. Era uma "romanza" para violoncello e piano e intitulava-se "Mes sou-venirs". O solista era um typo de cerca de qua-renta annos, cabellos grisalhos, quasi brancos, cara raspada, encovada e sulcada de rugas. Tin-ha os olhos fechados e punha toda a alma na melodia que executava.

Carlos e Sergio estavam verdadeiramente es-tupefactos. Seria possivel? Aquella "romanza" era de Alvaro Cezar, que a compuzera ainda em S. Paulo! Apesar dos annos passados, a memo-ria musical dos dois não se enganava; elles re-conheciam a composição do companheiro de es-tudos.

Os dois amigos não cabiam em si de emo-cionados. Commemoravam naquella dia o seu vi-gesimo anniversario de formatura; e era extraor-dinario que, para maior emoção daquella data, lhes fosse dado ouvir aquella musica que os le-vava, repentinamente a vinte annos atraz da vida percorrida!

Sentaram-se; e sob a caricia daquella melo-dia, Alvaro Cezar lhes voltava á memoria com toda a sua bondade, a sua grande alma sempre sonhadora, e o seu violoncello extraordinario. Na-turalmente, elle publicara a sua "romanza" que, correndo o mundo, ali estava, sentida como elle costumava sentir-a nas suas horas de musica. O programma não lhe citava o nome como autor; attribuia-a a um Paul Vieux, que não passava de um simples pseudonymo do amigo perdido. Mas, e se não fosse pseudonymo? E se se tratasse de um plagio musical? Não valia a pena apural-o?

Quando a "romanza" acabou, chamaram o garçon e mandaram um recado ao violoncellista. Gostariam de trocar com elle duas palavras. O garçon correu a cumprir a ordem; mas a orches-tra rompeu numa marcha final, executada ás car-reiras; de modo que, só depois de findo o pro-

gramma, o violoncellista se apresentou deante de Carlos e Sergio.

Não foi, porém, necessario o menor esforço para que os tres se reconhecessem. Alvaro Ce-zar ali estava em pessoa, com o seu chapeu desa-bado e a sua velha capa negra jogada ao hombro.

— Alvaro! — exclamaram ao mesmo tempo os dois amigos, erguendo-se deante do recém-che-gado, que se sentiu como que immobilizado pela emoção.

— Vocês? — perguntou elle. — Possivel? Vocês dois aqui? Carlos?... Sergio?...

E os tres, entre interjeições expressivas de surpresa, trocaram effectuosissimos abraços.

— Mas tu? Tu aqui? E assim?

— E' verdade! Eu mesmo, em carne e osso!

— Mas como?

— E' curioso! E ha muito tempo?

— Ha cerca de seis annos.

— E' extraordinario que tenhamos estado tantas vezes em Paris e nunca te tivessemos en-contrado!

— E estás feito violoncellista?

— Sim, desta orchestra.

— Tu?

— E então? Que ha de mais nisso? E' um meio honesto, como qualquer outro, de se ganhar o pão... São as contingencias da vida — respon-deu Alvaro — Vocês, pelo que vejo, estão ricos...

— E já pensaste que fazemos hoje vinte an-nos de formados?

— Já me tinha lembrado. Ha datas que não nos sahem do coração. Nunca me esqueci da nossa vida de estudantes; e quanto mais os an-nos avançavam, mais se me apertavam as sau-dades de S. Paulo, da minha mocidade, de vocês dois...

— O nosso jantar de despedida, lembraste?

— Sim... o nosso jantar, o nosso compro-misso...

— E deixaste o Brasil ha muito tempo?

— Ha seis annos mais ou menos.

— Vives aqui com a familia?

— Familia? — perguntou Alvaro Cezar, at-tonito.

— E então? Não te casaste? E a paraguaya?

— Eu?... Sim... vivemos aqui, muito per-tinho por signal, no predio da esquina, num quar-to andar.

— E' extraordinario! Naturalmente ficaste enfarado da vida do sul do Brasil... Aquillo deve ser mesmo uma coisa horrivel...

— Sim... não... — balbuciou Alvaro.

— Comprehando, vieste attrahido pela arte. Era a tua vocação...

— Mas podias antes ter ido ao Amazonas.

— Estarias como nós.

— Ricos, não?

— Ricos, meu velho! Cumprimos o nosso ju-ramento, estamos ricos e condecorados. Se tives-ses ido...

— Quem sabe? Cada um tem o seu destino a cumprir... Vocês apanharam, então, o Amazo-nas dos bons tempos?... Como foi isso?

— E' uma historia longa... Tu has de sa-ber. Mas conta-nos, antes, como vieste dar com os ossos em Paris.

— A minha historia... uma historia triste...

Vocês, então não sabem?

— Absolutamente!

— Pouco paramos no Brasil.

— E o Brasil é tão grande!

O café esvasiava-se Era a hora de fechar; e os tres amigos desceram o Boulevard e poucos passos adiante alcançavam o predio de esquina, em cujo quarto andar residia Alvaro, em um bello quarto que dava para um esplendido terraço in-terior.

Installados ao redor de uma pequena mesa de centro, os tres amigos serviam-se de vinho do Porto. Fazia frio e Carlos e Sergio sentiam uma curiosidade intensissima pela narração que iam ouvir.

— Querem, então, conhecer a tragedia da mi-nha vida? Teem razão... Vejo que ainda são meus amigos.

— E' natural, tu comprehendes.

— Comprehando... vocês venceram, eu ca-hi... De nós tres o naufrago fui eu. Vocês fize-ram fortuna, têm prestigio, têm dinheiro, são da Legião de Honra, não?

— Não, Condes pelo Papa.

— Pois eu, para não morrer de fome, tive de appellar para o meu violoncello.

— Vocês se recordam de que eu me ia casar com uma paraguaya. Pois casei-me... Casei-me! Eu deveria, talvez, ter reflectido um pouco mais. Havia entre nós uma immensa differença de fa-milias. Da minha, vocês sabem que se procla-mava a pobreza tradicionalmente honesta. Da familia della, não se conhecia quasi nada. Nin-guem sabia comprehender nem explicar a ori-gem do bem-estar de que gosavam, pois o homem que veio, depois, a ser meu sogro não passava

de um simples commerciante de bazar, por signal um bazar que não era dos melhores da cidade.

— Vocês se lembram de que nas férias do 5º anno fui visitar meus paes. Lembram-se? Pois foi quando a conheci.

— Quando fui para S. Paulo cursar a Acade-mia, deixei-a creança. A' minha volta, tres annos depois, encontrei-a moça. Soffrera uma meta-morphose deslumbradora! A creatura que se me apresentava deante dos olhos era toda uma fasci-nação inexplicavel! Da creança que eu conhecera surgira uma mulher impeccavelmente formosa! Surgira de dentro de si mesma, como uma ma-ravilha!

— Eu tinha, naturalmente, o prestigio do meu titulo de estudante quasi ás portas da formatura. Ella possuia o prestigio de uma belleza sem par — e ahi está por que nos approximámos, por que nos cariciámos, por que nos illudimos.

— Passei, nessa ocasião, tres mezes delicio-sos. E, quando dei accôrdo de mim, estava ver-dadeiramente apaixonado, irremediavelmente per-dido de amores... Vivia a pensar nella, a sonhar com ella, a tel-a bailando em minha memoria como uma allucinação divina e diabolica ao mes-mo tempo.

— Uma tarde, encontrei-a sentada no banco de seu jardimzinho, sob uma linda latada de epoméas. Ao vel-a, senti que qualquer coisa de muito in-timo deveria passar-se pela sua alma. Quiz des-vendar-lhe o segredo e perguntei-lhe então em que pensava.

— "Penso — respondeu-me ella — que seria uma creatura feliz se pudesse ter a certeza de que os meus pensamentos lhe interessam..."

— "Era, evidentemente, o motte que eu deveria glosar..."

— Perguntei-lhe se era verdade o que me dizia, e ella, estendendo-me a mão, puxou-me para que me sentasse a seu lado. Confessei-lhe que ia em visita de despedida e ella estremeceu violenta-mente. Perguntei-lhe então se realmente me ama-va e ella, fitando-me os olhos brilhantes, pergun-tou-me, por sua vez:

— "E tu? Amas-me?"

— "E começou a chorar."

— Foram essas lagrimas que me decidiram. Passei-lhe o braço pelo pescoço e, como ella se entregasse sem a menor resistencia, magnetizado pelos seus olhos, embriagado pelo perfume de sua carne moça, apertei-a num abraço frenetico e as nossas boccas se collaram num beijo longo, beijo infinito, um beijo que valia pela união definitiva dos nossos dois corações e dos nossos destinos.

— Mas... não continuarei a descrever-lhes a intensidade do nosso amor porque me é muito doloroso. E francamente gosto muito pouco de recordar essas paginas do meu passado, em que ella e eu, diariamente escreviamos o lindo poema da nossa felicidade.

— Fui um verdadeiro louco por essa mulher, que não posso evocar sem emoção.

— Do nosso casamento nasceu, ao fim do pri-meiro anno, uma filhinha, um anjo com que Deus, de ante-mão, acariciava a minha velhice. Quando a mãe se foi, tinha ella dois annos. E já era lin-da, e já era infeliz!

— Tres annos durou a nossa vida de casados, tres annos durou a minha felicidade. Na cidade de Laguna, onde eu era promotor publico, surgiu, um dia, um engenheiro americano, que ia ali em exploração de minas — umas fatidicas mi-nas de carvão, que se dizia haver nas circumvisi-nhanças.

— Insinuante, falando o hespanhol e o portu-guez como a propria lingua, com attitudes de-nunciadoras de um typo de alta linhagem, imagi-nem vocês a influencia que esse personagem ha-via de ter sobre o espirito das meninas casadeiras da cidade...

— Não lhes será difficil calcular... Esse ho-mem, entretanto, na fatalidade de seu destino, ti-nha uma sinistra missão a cumprir! O seu campo de acção foi o meu lar, a victima de seus instir-ctos perversos, a minha felicidade."

Alvaro enxugou uma lagrima indiscreta que lhe brotára nos olhos. Sacou a cigarreira, offe-receu cigarros aos outros que o escutavam em silencio, e proseguiu:

— "Era tão grande a sympathia que o ame-ricano dizia sentir por mim, que longe me andava a suspeita da sua mentira! Os seus estudos sobre as possibilidades das minas, que já tinham passa-do á sua propriedade, chegavam ao seu termo. A minha posição permittia-me auxiliá-lo grandemen-te nos seus projectos. Um pouco mais, elle for-maria uma grande companhia exploradora, na qual já me havia de ante-mão interessado, com um bom punhado de acções, como recompensa dos serviços que lhe prestara."

— Naturalmente, esse homem, que assim pro-cedia, inspirava-me a mais completa confiança. A sua attitude, do mais absoluto respeito para com minha mulher, dava-me o direito de considerá-lo

como um verdadeiro enviado de Deus, para me estender a mão dádiosa e protectora.

“Os meus vencimentos, pequenos como vocês devem imaginar, proporcionavam-me uma existência difficil; de modo que as promessas com que elle me cumulava justificavam as grandes esperanças que eu já começava a sentir, de um futuro mais feliz, mais tranquillo.

“Minha mulher, até então, vivia, como eu, conformada com a nossa vida de pobres; mas tinha, naturalmente, como eu, os seus desejos, que a nossa situação precaria não me permittia satisfazer.

“Ah! vocês não poderão comprehender como é doloroso para um marido sentir a impossibilidade de satisfazer a um pequenino desejo da mulher!

“Por isso mesmo, eu já começava a esperar o futuro com uma certa impaciencia; quando, cerca de um mez antes de ser formada a companhia, todos os meus planos, todos os meus sonhos, todas as minhas esperanças se foram por agua abaixo!”

De novo Alvaro Cezar accendeu o cigarro, que tres vezes se apagara no decorrer da narrativa. Carlos Eduardo fechou a porta que dava para o terraço, pois o frio da madrugada começava a apertar.

Eram duas horas da manhã quando Alvaro continuou:

“— As taes minas fatidicas falharam por completo, arruinando os projectos do americano! Imaginem vocês que, todas ellas juntas não pagariam as despezas com uma grande instalação para sua exploração regular.

“Para mim, aquillo era um verdadeiro desastre! Mas o americano não se perturbou. Ao contrario, animou-me, pois immediatamente voltava as vistas para outros negocios, não mais em Laguna, mas no Rio, centro de grandes probabilidades e de grande futuro.

“Começava, então, a encorajar-me de novo, quando, um bello dia, ao chegar em casa, de volta do escriptorio, recebi em plena face a grande bofetada que o destino me reservava, havia já muito tempo: minha mulher fugira com o americano, deixando sobre o nosso leito um papel em que escrevera apenas isto: “Perdoa-me! mas não pude resistir mais”...

“Compreendi então tudo aquillo, e não perdi a calma um só momento. Elles não poderiam estar longe da cidade, de accordo com a informação que me prestára a minha filhinha, que encontrei em casa entregue aos cuidados da creada, e que, com a ingenuidade dos seus dois annos, me dizia que a mamã sahira a passear de automovel.

“Naquelle momento tragico de minha vida toda a historia daquella fuga se esclarecia rapidamente. Ligando factos e coincidencias, comprehendi que a infidelidade de minha mulher datava havia já de longos mezes!

“Não vacillei um só instante. Tomando um automovel, corri ao encalço dos dois desgraçados; e, quando já havia caminhado dez minutos vertiginosos, cortava-lhes a frente numa encruzilhada do caminho.

“A scena que se passou foi horrivel! Uma verdadeira tragedia! Ao mesmo tempo, de pé, com os olhos fóra das orbitas, num só movimento rapido, eu e o americano erguimos os nossos revolvers e disparavamos! Dominado por uma furia de verdadeiro louco, completamente desvairado, não percebi que uma bala me penetrára o peito. Vi apenas que o americano tombava mortalmente ferido na cabeça, rolando do automovel

á estrada, enquanto eu, alvejando minha mulher, prostrava-a morta quasi instantaneamente com duas balas no coração e uma na bocca! Depois, sentindo enfraquecer-me nas pernas, caí sem sentidos, no fundo do meu automovel.”

Alvaro Cezar estava de pé, no meio do quarto, tinha os olhos arregalados, e, de tão livido dava a impressão de um cadaver que se levantasse e vociferasse.

Sergio e Carlos, por sua vez, mal disfarçavam o golpe tremendo que aquella tragedia lhes produzira no espirito. Num movimento instinctivo de olhar commentaram o gesto allucinado com que o amigo lhes punha a nú os seus escrupulos de honra, e, num rapidissimo despertar de consciencia, sentiram-se incapazes de articular uma syllaba.

Alvaro Cezar não podia imaginar o que se estava passando no intimo dos dois amigos e por isso proseguiu:

“— Ah! têm vocês a minha historia... e imaginem o que não foi a minha vida daquelle dia em deante. Quando voltei a mim, passados quatorze dias, durante os quaes estive entre a vida e a morte, estava preso, respondendo por crime de duplo assassinato. Matára o americano... matára minha mulher!

“O processo provou que os dois já eram amantes havia muitos mezes!

“O meu crime foi, durante muito tempo, o commentario sensacional da cidade, porque se revestiu de condições excepcionaes e consequencias imprevisas. Fui unanimemente absolvido duas vezes. Na terceira e ultima vez que me apresentei em jury, o veredictum inappellavel me condemnou a seis annos e meio de prisão celular.

“E’ inacreditavel, mas é a verdade.

“Vocês sabem perfeitamente o que é o Jury no Brasil.

“Cumprida a minha pena, voltei á liberdade.

“A liberdade!

“Não fóra a minha filhinha e eu teria preferido acompanhar as minhas duas victimas. Ella, porém, chamava-me e eu tinha de correr ao seu appello.

“Minha carreira estava inteiramente desmoronada. Que mais podia eu fazer em minha terra, depois daquelle desastre? Era preciso fugir, fugir o mais depressa possivel daquelle meio, onde por signal, minha vida estava condemnada pelos irmãos de minha mulher.

“Um casal francez, com quem mantinhamos relações excellentes e que tomara conta de minha filha, desde o dia do crime até á minha liberdade, estava, havia muito, com tenções de vir para Paris. Velhos já os dois, tinham-se apegado de uma maneira extraordinaria á minha filha; de modo que não tinham coragem de afastar-se della.

“Combinámos então o que haveríamos de fazer. Os velhos apuraram todos os seus haveres no Brasil, e, ha seis annos mais ou menos, aqui nos installámos todos.

“Vivemos felicissimos neste quarto andar. Os velhos vivem de sua renda e eu da minha orchestra.

“Minha filha está hoje quasi moça. Tem quinze annos e é linda como a mãe, que tinha tambem quinze annos quando conheci...”

“Vocês hão de vel-a, amanhã ou depois.

“Os dois velhos já a fizeram sua herdeira universal. E’ o nosso encanto, a minha unica alegria, a minha unica razão de ser na vida.

“Aqui chegando, appellei, como já lhes disse, para o meu violoncello, do qual nunca me afastei, pois mesmo na prisão, por uma consideração especial, deixavam-me tocar.

“E assim me fiz musico profissional.

“Ha seis annos, toco naquella orchestra, e ha seis annos vivemos os quatro aqui, no meio de uma felicidade que não tem sido perturbada, eu e os velhos com uma unica ambição, com uma unica preocupação, com um unico anseio, a felicidade de Teresinha, minha filha.”

Um relógio distante bateu tres horas.

Carlos e Sergio estavam commovidissimos. O amigo que, a principio lhes dava a impressão de um naufrago, dava-lhes agora a idéa de um heroe. Pensando bem, elle era dos tres o mais desgraçado, mas era tambem o mais digno.

— Uma tragedia, realmente, commentou Carlos.

— Não se diria que fosses capaz de um gesto semelhante.

— Ninguem sabe do que é capaz, senão no momento opportuno. Basta sentir-se ferido em seus melindres, em seus sentimentos, na honra.

— Pobre amigo.

— Pobre por que? Sinto que fiz o meu dever! Cada um nasce para cumprir o seu destino. O meu...

— Tens razão, Alvaro. Todos nós trazemos do berço o caminho traçado que havemos de seguir na vida.

— Ao passo que o nosso jantar de despedida, de S. Paulo, foi verdadeiramente profetico para mim e para Carlos, — disse Sergio — para ti... não passou de um jantar...

— De nós tres, só tu ficaste pobre... Alvaro já vinha percebendo que a attitude com que o ouviam os dois amigos não era a que a velha amizade que os unia esperava.

A insistencia com que falavam da fortuna e, principalmente, da condecoração que possuíam, denotava que Carlos e Sergio procuravam diminuir o amigo para se enaltecer perante elle. De fórma que, depois da longa narrativa que acabava de fazer, ao envés da palavra confortadora que esperava, ouvia dos amigos mais uma vez, o doloroso achincalhe:

— De nós tres, só tu ficaste pobre...

— Nem fortuna, nem condecoração, nem...

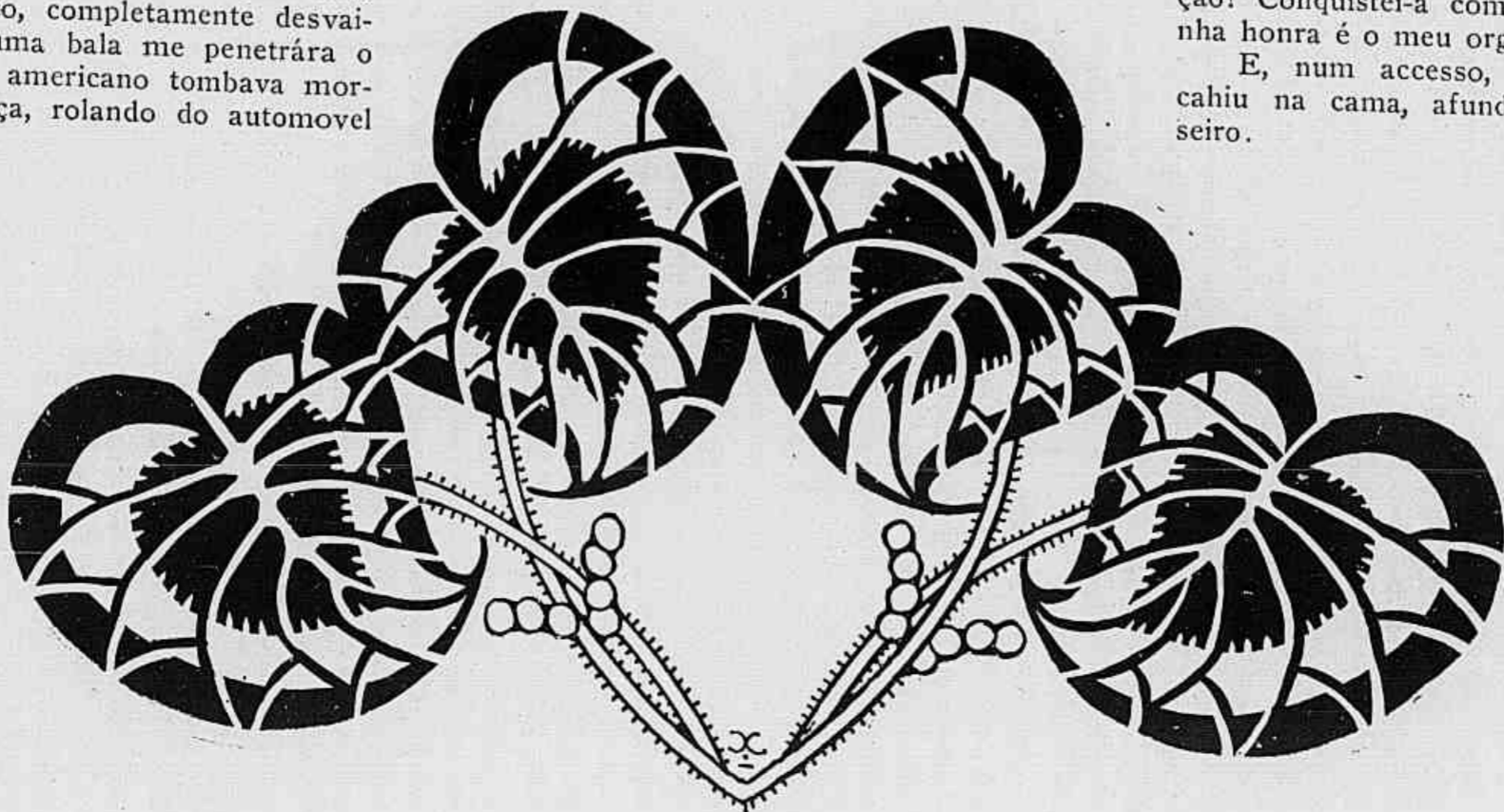
Foi por isso que, não se contendo mais, Alvaro Cezar, dando um pulo no meio do quarto, exclamou:

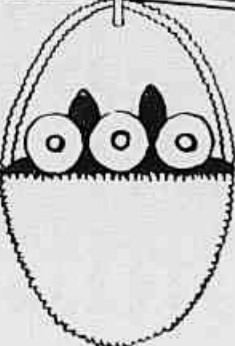
— Não! Não é verdade! Não ha condecoração mais digna do que aquella que se conquista com o proprio sangue! Na defesa da minha honra, tambem fui condecorado! Não! não é verdade o que vocês dizem. Tambem fui condecorado! Aqui está.

E num movimento rapido, num tranco, como um verdadeiro louco, arrebatou o collarinho e a gravata, arreventou os botões e escancarou a camisa. E, batendo, com a mão a tremer, sobre a cicatriz da bala, que o americano lhe cravara no peito, gritava, como um desesperado:

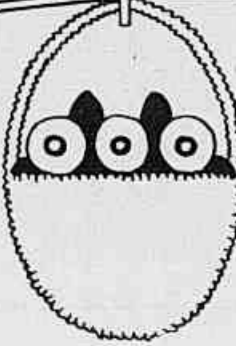
— Aqui está! Aqui está a minha condecoração! Conquistei-a com o meu sangue! E’ a minha honra é o meu orgulho! Aqui está! Aqui está!

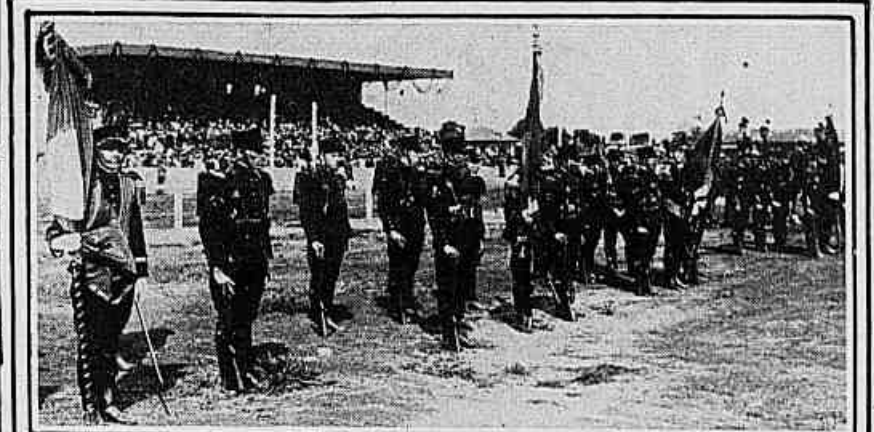
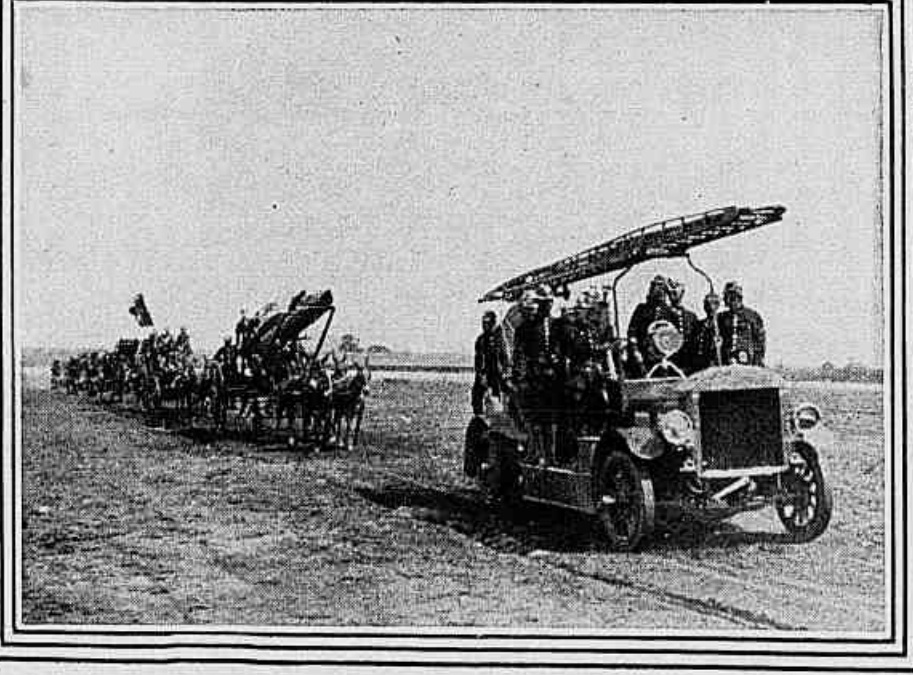
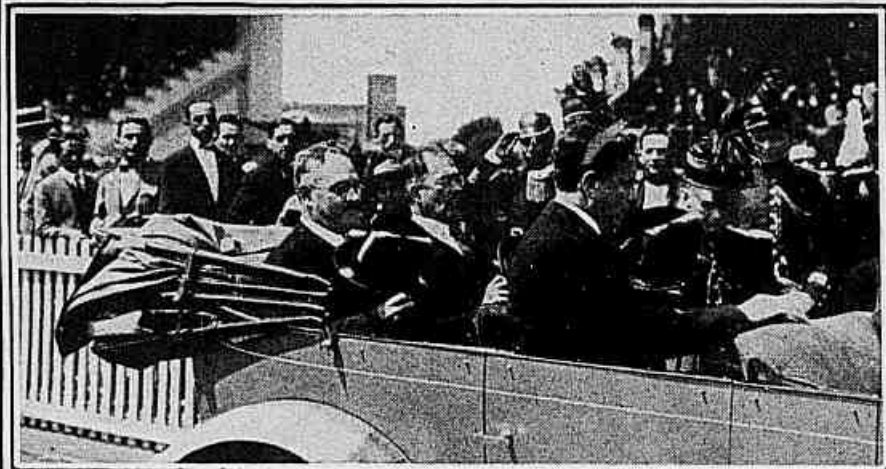
E, num accesso, a chorar convulsivamente, caíu na cama, afundando a cabeça no travesseiro.





Senhora Botafogo do Rio Branco





O DIA 15 DE NOVEMBRO
EM SÃO PAULO
Recepção no Palacio dos Campos
Elysios
Parada da Força Publica
no Prado da Moóca

E V O C A Ç Ã O

· MADRUEZ · DE · NAVA ·

A historia é sempre um passado que revive á admiração de um olhar curioso e um sorriso de ternura... E, vae contando a vida que passa tumultuosa, adormecida nos archivos em pergaminhos illuminados e papeis antigos em que bateram os avoengos, a lacre vermelho, sinetes de armas, e — quanto mais velha — mais empoeirada, mais esquecida, todavia, sempre curiosa e ensinadora...

Falo da historia da nossa terra a proposito de mais um livro, agora publicado em que ella resplandece concisa, numa evocação deliciosa desde o tempo em que o Brasil começou a sentir as primeiras convulsões pela liberdade que voou num grito de d. Pedro nos memoraveis campos do Ypiranga.

E a vida passada no tempo da cõrte do velho rei vem á memoria com os factos que se congregaram para a realisação duma aspiração nacional, e que elle depois soube com clarividencia prevenir ao filho: "Pedro, si o Brasil deve separar-se de Portugal, antes seja para ti, que me saberás respeitar, do que para algum aventureiro" —, porque o principe havia dado os primeiros passos para a separação, mas sem segurança do novo *regime*. E José Bonifacio levou-o como que pela mão até o 7 de Setembro. O rei velho finara-se em 1821 e Portugal recusou-se então a reconhecer o Brasil nação livre...

Por ahi começa o raconto delicioso de um periodo de quasi um seculo. A linguagem fluente do autor leva-nos a ver o prelude da nova éra monarchica, a ouvir o retintim de espadas e gritos de commando no reducto colonial em movimento subversivo, ouvindo os echos longinquos da Revolução Portugueza.

Ainda a cõrte brilhava na grandeza dos serenins do Paço da Boa Vista.

Um lapso de mezes e já a liberdade sacudia as cadeias lusas latejando no patriotismo dos coloniaes.

O gigante luctou mas foi vencido pelo principe que mais tarde o dominaria, suffo-

cando-lhe a revolução miguelista na defeza do throno de d. Maria II, com a mesma abnegação com que antes respondeu ao povo amotinado do Rocio que ficava na regencia do Brasil!

São os factos decorrentes de outros, que, se a memoria muitos omitta, outros revive claramente como se elles de novo passassem...

Os patriotas que pela imprensa e na Maçonaria discutiam o magno assumpto estão nas *Paginas de Historia* devidamente definidos. Ás tres grandes provincias, S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas que se collocaram á vanguarda das grandes idéas e iniciativas, dá o autor o titulo de "Triangulo da Independencia". Explica porque não se proclamou no Rio a Independencia e relembra esse dia glorioso.

Em quasi todos os factos passados dahi em diante, uma figura de mulher bonita, resalta abroquelada pela estima imperial. A politica começou a trazer a d. Pedro, ao influxo dessa mulher, simultaneamente, alegrias e sabores...

O seu temperamento revela-se numa bondade que de subito transformava-se em collera, acabando quasi sempre com um gesto de piedade e arrependimento...

E a outra mulher, que ficava no Paço esquecida por elle, tem nas *Paginas de Historia* um capitulo que a integra na opinião dos historiadores modernos. A sua figura delicada e bella — e todos julgam-n'a feia — está immortalizada no Instituto Historico, numa velha pintura de Manuel Dias — o Romano — feito em 1819, com um sorriso angelico, de bondade e ternura, illuminando-lhe o rosto claro, sob a velhice da patina...

Podemos por ahi, admirar-a, vel-a quasi, tal qual foi na vida atormentada.

Tocando varios pontos da historia o autor escreveu ainda outros capitulos sobre Joaquim Gonçalves Léo, o Centenario da Constituinte, Varnhagen, Museu Mariano Procopio, No Congresso Internacional de Historia da America, O Instituto Historico e Geogra-

phico Brasileiro, Dois de Julho, Subsídios para a historia da Imprensa no Brasil, Contribuições para a historia do Theatro no Brasil, onde se desenvolve *pari passu*, desde o theatro de Anchieta, iniciado com o Auto — *Pregação universal*, seguindo-se-lhe outros autos e mysterios, a historia de tocadores e autores, historia grotesca, galante, dessa arte de fingir a vida!...

E fechando o livro, substancioso de ensinamentos, Max Fleuiss presta carinhosa homenagem a seu pae, que foi o grande desenhista e lithographo Henrique Fleuiss.

A piedade filial aproveitou a oportunidade para arrancar do esquecimento o nome desse homem — que além de vibrante jornalista e fino humorista, iniciou o estudo de xy-

lographia no Brasil e talvez a lythographia, porque, segundo parece, Luiz Aleixo Boulanger, que veio para o Brasil em 1827, só depois de 1840, começou a trabalhar em lythographias que se editavam em Paris!...

No portico lembra o autor ao filho que herdou o nome do avô, em delicada dedicatória, que saiba amar e engrandecer o Brasil, percebendo-se ahi a evocação dessa nobre figura de artista que o engrandeceu e amou, apesar de estrangeiro!

Realmente, foram homens dessa estirpe que fizeram o Brasil dar os primeiros passos para o seu engrandecimento.

Este e outros escreveram-lhe com talento e trabalho a historia de arte, para tornal-o gigante no futuro que é a vida que passa...

o o o o o



R I O D E J A N E I R O

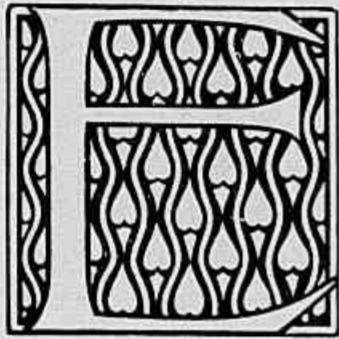
C a s a

o o o o c d a o o o o

M o e d a

Lingua III Linguagem III

de Hermes Fontes



DIREITO de qualquer escriptorzinho incipiente, ou de qualquer analphabetão escolado em homem pratico e moderno, malsinar os restos mortaes da Grammatica — essa pobre-velha inoffensiva, cuja alma-penada ainda é o “remorso vivo” dos que não tomam

chá em pequeno, isto é, dos que antes de saber ler sem soletrar, entram a digerir literaturas e encyclopedias, *in-folios* e incunabulos, altas sabenças e altas magias.

Pudessem elles soterral-a nas cinzas do falso *havana* com que baforam o seu desdem, ou amortalhal-a nas névoas do seu tedio opolaxico! Porque não lhes falta, algumas vezes, a boa razão. Os grammaticos são, em geral, uns sujeitões pesados, que teimam em fazer parar, a todo pretexto, o bonde da Vida, para acertar uma crase ou supprir uma synalepha...

E não vêem a carroça em frente, nem o andaime ao lado, nem a necessidade de obviar o transitio e desentupir o becco.

Evidentemente, a nova fauna da civilisação não comporta esse velho especimen — velho e retardatario, sem a agilidade dos *sportmen* e sem o ademane dos “almofadinhas” footingantes.

Talvez por isso, um dos nossos criticos, dos mais cultos e interessantes, decretou, numa hora de admiravel bom-humor, a inutilidade das grammaticas.

Estou quasi a concordar com a sentença. Não, propriamente contra as grammaticas, mas, possivelmente, contra os grammaticos. Por que a grammatica, verdadeiramente, não pôde ser inutil. Se já chegou a hora do seu *esse delendam*, digamos que é nociva, incommoda, indigesta. Inutil é que não.

Uma cousa, aliás, é malsinal-a, por amor da ignorancia (e é essa a regra geral) e outra cousa é malsinal-a por amor do livre transitio das idéas e do inividualismo do estylo.

Já a esse respeito tonitroava o velho Silvio Roméro contra os “que sabem collocar pronomes, mas não sabem collocar idéas”...

Convenhamos, entretanto, que não é nenhum ideal inatingivel o de conseguir-se de um mesmo escriptor idéas e pronomes bem collocados.

E', talvez, antes, pura questão de methodo. Ha uma idade de aprender grammatica (collocar pronomes e particulas) e outra é aprender firmal-os ou abolil-os (e collocar idéas). Para destruir a grammatica, ha preliminarmente a necessidade de conhecel-a, pois já está nos estrategistas que é perigosissimo combater inimigos desconhecidos...

Não vae nisso ironia. Estou até em reconhecer que os que clamam contra os grammaticos, são em geral os mais intelligentes, e os grammaticos raramente o são. Tambem, na idade escolar, nem sempre os meninos mais bem comportados são os mais espertos. Mas isso não importa negar que os meninos ao mesmo tempo mais in-

telligentes e mais applicados terão no futuro mais agilidade mental do que os “gazeteiros” e “recalcitrantes”, futuros destruidores da grammatica e da logica.

Os que entre os dez e quinze annos concluem regularmente o seu curso gymnasial, poderão, entre os vinte e os trinta, collocar suas idéas ou suas ambições, sem atropelar a “pobre-velha” e despejar-lhe os cacarecos inoffensivos.

Em França e na Inglaterra, é de mão gosto falar de grammatica entre escriptores. A grammatica ficou com a puericia e o collegio. Se são escriptores, é porque sabem escrever.

Em França, por exemplo, não se discute mais grammatica. Tudo anda perfeitamente acertado e parafusado. As raras duvidas sobrerestantes e que não puderam ser technicamente deslindadas, foram submettidas ao bom gosto e á autoridade da Academia Franceza.

Em verdade, seria horrivel occupar-nos em saber se Shakespeare ou Cervantes, se Carlyle ou Guyau tinham boa grammatica. Mais horrivel, porém, seria poder provar-se que elles a tinham má, ou não a tinham sequer...

Bem sei que a floresta virgem é mais bella e mais esthetica do que o campo agricultado. Mas a lingua circula mais nas cidades que nos campos. E nas cidades não ha florestas virgens: ha hortas e capinzaes. E entre a grama bruta da zona rural e os jardins cuidados da zona littoranea, não ha de haver *l'embarras du choix*...

Eu não quero dizer que a grammatica é a silvicultura do estylo, nem que a expressão livre é a floresta virgem das idéas. Quero dizer, simplesmente, que os grandes robles do pensamento humano, de Platão a Nietzsche, de Voltaire a Anatole, de Pascal a Bergson, têm podido frondejar e fructificar, sem estragar as leis fundamentaes da geologia e da botanica, isto é, sem abolir, no caso, o bom equilibrio dos valores verbaes.

No Brasil, aliás, o grammatico é, de certos aspectos, uma entidade necessaria: não o grammaticão de redingote e caixa de rapé, mas o grammatico-estheta, um Carlos Góes, por exemplo.

Porque o erro está em julgar-se que a grammatica é a arte de complicar e difficultar a livre expressão.

E não o é, felizmente. Ao contrario. Os que se queixam, ou chasqueam das complicações grammaticas, vivem diariamente complicando cousas simples e escrevem (os jornaes andam cheios) *innundar, tradição, sachristão, sepulchro, poly-clinica*, — batatões correntes a que a boa grammatica manda extrahir os *h*, os *y*, as duplicatas e outros kistos graphicos.

Sei de um escriptor orgulhoso e convencido da sublimidade do seu estylo, que, a despeito de malsinar os grammaticos e apontar nos outros erros de syntaxe grammatical, esquece que ha tambem uma syntaxe literaria e escreve assim:

— “Eu estava, naquella tarde macia em que tive a alegria alvoroçante de receber o meu amigo, em goso de férias do meu anno lectivo...”

Como se vê, é o estylo virgem, que não corta o cabelo, nem apara as unhas.

O que o escriptor ia dizer, seria naturalmente isto: "Eu estava em goso de férias, quando, naquella tarde macia, tive a alegria alvoroçante de receber o meu amigo".

Ha no caso, portanto, duas campanhas a mover: uma, contra os sujeitos futeis que julgam escrever classico do seculo XV, em dias do seculo XX, sujeitos que vivem arrancando á boa expressão do pensamento o que lhe ha de mais vital — nervos, musculos, sangue, vigor, comtando que o periodo caiba em vinte linhas, nem mais, nem menos, nem de mais para não parecer incontinencia e indisciplina estylistica, nem de menos para não sacrificar recursos e realces anacolutos e hyperbatons...

E outra, igual ou maior campanha, contra os que ousam substituir a naturalidade das palavras bellas pela chalaça e pela gyria vagabunda.

O que se quer é limpidez e mobilidade, viveza e graça, frescura e brilho, nervos sadios vibrando como crystaes sonoros. Não é certo que a boa grammatica impossibilite essas cousas...

A's vezes, tenho a impressão que os inimigos da grammatica vão matal-a, lapidando-a... a batatas.

Os Samsões libertadores, não tendo a caveira de burro para clava, servem-se de todos os projectis — ferros velhos e ferraduras novas.

Devemos estar sempre com os libertadores: mas só com aquelles libertadores, que, se empunham o facho da revolta, é por não supportarem o guante da tyrannia. E entre uns e outros, entre os bons e mãos, libertadores, ha os de meio-corpo, herões da primeira influencia, sem convicções inveteradas e que são contra a grammatica, mais para uma questão de *allure* modernista. E, por isso mesmo, não vêem o andaime, nem vêem o cartaz — *olha o buraco*, e, por isso, catrapuz! acabam cahindo... por elegancia.

E' o caso de um alto e culto espirito, pondo-se a censurar um joven poeta.

— "Nós escrevemos: *nisto, numa, nelle*; outros, mais escrupulosos, escrevem: *n'isto, n'uma e n'elle*.

O Sr. (o nome do poeta) vae além e escreve — *'nisto, 'numa, 'nelle*. Por que será?"

Deante da extranheza e da pergunta não será talvez inoportuno explicar:

— *Nisto, numa, nelle* é mais simples. E, talvez por mais simples, mais esthetico. E com ser mais esthetico, não é menos grammatical. Porque a boa tendencia é a de supprimir apostrophes e enfeites dispensaveis.

Reduzido, porém, o caso a uma especie de anatomia grammatical, não é dos "mais escrupulosos", como julga o critico, é dos mais ignorantes escrever — *n'isto, n'uma, n'elle*. Porque, se fizermos questão da apostrophe, não será depois do *n*, será antes. Por que será? Por esta razão: *Nisto* ou *em isto, nelle* ou *em elle*. A figura *antithese* (misericórdia, leitores!) troca o *m* por *n*. E a fig. *apherese* supprime o *e* de *em*. A virgula no alto (apostrophe) assignala a suppressão do *e* de *em*. E, porque o *e* estava antes e não depois do *m* (que a antithese converteu em *n*), a escripta rigorosa seria — *'nisto, — 'numa, — 'nelle*.

Assim dizem os grammaticos...

O que não se comprehende é que certos cavalheiros perfeitamente immunes da tyrannia grammatical se revoltam contra o cadaver e venham prégar a guerra-santa contra a pobre senhora, aliás já esquartejada e enterrada pelos jornaes de melhor circulação, em cujas columnas, ha "futurismos" e "synthetismos" desta marca (em titulos e cabeças):

— "Em Anchieta, só tem um chafariz publico."

— "Hoje, no despacho collectivo, foi feriado amanhã."

— "Os estivadores na Saude degladiam-se á bala."

Os pescadores de "perolas" têm diariamente farta colheita. São innovações, simplificações, apesar das crases á pau e das synalephas de gata parida (*N'Alvear* n'houve nada, etc).

O melhor será, talvez, deixar-se a cada um fazer a sua "grammatica" e o seu "estylo".

No linguaajar da roça, *ter estylo* é ser "educado".

Infelizmente, os ultimos "estylistas" não primam por isso...



SANTO AMARO

SÃO PAULO

o "Pallida Homenagem"

Luiz Palmeirim

(A Enrico Bonacchi, meu querido amigo, esta "pallida homenagem")

QUANDO eu conheci aquelle homem magro e triste, devia elle andar pelos quarenta e dois ou quarenta e cinco de idade. Bom homem e muito amavel, dava a impressao desta gente que envelhece fóra do tempo e que muitas vezes pergunta a si mesma por que vingança de Deus teria vindo ao mundo. E era vel-o impertigado sempre, sempre correcto, e vestido com uma decencia que cheirava á pobreza, mas limpinho e bom. Não entrava num ministerio que não cumprimentasse o porteiro — a quem dava a mão comprida e cheia de ossos —; que não saudasse com a maior consideração o correio do ministro, que não perguntasse com respeito ao porteiro do elevador: como "iam sua Exma. esposa e filhos".

Não accitava que pessoa alguma se incommodasse por sua causa e, se por acaso passava o secretario de S. Ex. O Ministro, o homem curvava-se e não dizia palavra. Apenas as abas do velho frack abanavam-lhe as pernas que dançavam dentro das calças pretas, acompanhando o movimento dos braços balouçantes.

De uma vez, lembro-me bem, vi abrir-se uma das portas e surgir a figura de S. Ex. O Ministro. O visitante curvou-se o mais que podia e o Illustre Secretario de Estado passou sem dar importancia. Deu-me pena e não me contive que não perguntasse ao continuo do gabinete:

— Quem é aquelle homem? Como se chama?

— Não sei, não senhor. Nem sei o nome d'elle. Nós, aqui no Ministerio, só o conhecemos pelo "Pallida Homenagem".

— Ora essa, disse eu, rindo. "Pallida Homenagem"?

— E' como elle diz... Chega todos os dias á mesma hora, bem cedo, e desfaz-se em cumprimentos. Mas não incommoda, não faz perguntas... Parece que é boa pessoa, coitado... Eu, disse o continuo, até cheguei a pensar que fosse maluco. A's vezes, apparece com um jornal debaixo do braço e mostrando a noticia, commenta apenas: "E' uma pallida homenagem que prestei ao Sr. Ministro!" Parece que é elle que escreve e vae pedir para os jornaes darem as noticias. Sabe quando fazem annos os empregados do Ministerio; informa-se da saude de cada um; telephona para saber dos doentes e — coitado! — no dia seguinte publica tudo no jornal. Nós achamos graça e agradecemos a boa vontade, mas elle faz uma cara triste, sorri, dá de hombros e commenta:

— Não tem importancia... E' uma "pallida homenagem" ao meu amigo.

— E que faz elle, todos os dias, no Ministerio?

— Nunca ninguem soube. Isto que lhe disse: prestar "pallidas homenagens". E' bom homem, afinal. Ha dias, encontrei-o no café ali defronte, falando ao telephone. Delicadamente tirou o chapéo surrado e disse:

— Muito obrigado a V. Ex.

Extranhei e perguntei-lhe com quem fallava tão attentiosamente. E elle respondeu com a maior simplicidade:

— Não sei. Parece-me que é a menina do telephone. E a uma senhora nunca se deve falar de chapéo na cabeça. Afinal... se não custa nada... uma pallida homenagem... e ellas gostam.

O continuo foi fingir que tratava de alguma coisa e eu fiquei olhando o "pallida homenagem". O que mais me chocou foi a figura pacifica e immutavel do pobre homem, que continuava fazendo reverencias e que, um dia na vida, tinha evocado numa simples

phrase um, talvez, grande drama de amor: — "e ellas gostam"! Aquelle homem tinha gostado de alguém, de uma mulher. E fui-me approximando. Estava encostado a uma janella larga, dando as costas para a rua, e, quando eu passei, elle desceu levemente a cabeça num cumprimento amavel e perguntou:

— V. Ex. está passando bem? Todos os seus? De saude?

— Felizmente, bem.

E ficámos amigos. A pouco e pouco e á proporção que o nosso conhecimento ia crescendo, a nossa amizade foi sendo maior até que chegámos a ser quasi amigos intimos. Os meus filhos nunca foram tão presenteados, a minha mulher sempre teve flores vicosas nas suas jarras e o meu amigo não deixava de esperar por mim quando eu sahia para me perguntar se "desejava alguma coisa". E não era massador, não era meloso, não tinha cousa alguma de sabujo. Era assim, apenas assim: amavel.

Chamava o taxi que vinha longe, mandava parar os bondes que me convinham e sabia sempre onde as coisas se vendiam mais barato. Eu não queria que o pobre homem se incomodasse, mas elle, eternamente com a mesma phrase, cortava-me a palavra e repetia sempre:

— Se eu tenho tanto prazer em ser agradavel a V. Ex.! Queira perdoar: é uma pallida homenagem, sim?

E eu achava graça e ás vezes enternecia-me. Esquecia-me do guarda-chuva em casa e elle fazia questão de me offerecer o seu. Esquecia-me o dinheiro e a bolsa do meu amigo estava sempre aberta. Onde vivia? De que vivia aquelle homem que eu tinha conhecido no ministerio? Não sei. Nunca soube.

Um dia contou-me, muito tempo depois de nos conhecermos, um pouco da sua vida. Pedindo mil desculpas se estava incomodando, aos quartos de hora, foi-me fallando da ingratidão de uma mulher a quem elle prestára as suas homenagens muito sinceras, mas que ella não as correspondera como devia, fugindo com um visinho que morava em frente e era bruto como um predio de cimento armado. E a revolta do meu amigo não era positivamente pela ingratidão da mulher: era pela brutalidade de um homem que maltratava "uma mulher indefesa e que, afinal de contas, era uma senhora!" E foi a unica vez que o vi indignado.

Nunca conhecera o Amor. Cumprimentava-o respeitosamente, tirando-lhe o chapéo, como se saudam os Monarchas. Não se approximava: tinha medo d'elle.

Deixou crescer uma barbinha em bico. Passou a ser a sua companheira na vida. Acariciava-a como poderia fazel-o ao rosto de uma mulher bonita, e os fios brancos eram bem lavados e escovados todas as manhãs. O fato irreprehensivelmente limpo, as botas engraxadas sempre e nem uma casquinha de caspa na gola do frack. E como nunca o vi com outra roupa, conclui que era uma alma limpa por dentro e por fóra. Perguntei-lhe, num dia de bom humor e quando já tínhamos confiança:

— Como consegue ter sempre a mesma roupa e tão limpa sempre?

E elle respondeu, sorrindo:

— Coitadinho! E' que o meu frack gosta muito de café! E' uma pallida homenagem...

Passei muito tempo sem o ver. Uma tarde, na Avenida, tornei a encontral-o. Achei-o muito abatido e triste. Desabafou commigo e disse-me que estava desempregado e que todas as economias se tinham ido. Offereci-lhe um emprego e elle, sorridente e

amavel, tornou a dizer-me que não consentia que eu me incommodasse. Tranquillizei o pobre homem e como de momento nada tivesse para o collocar e não queria machucal-o com uma esmola, disse-lhe que havia um amigo meu que tinha varias contas para cobrar e que a elle talvez conviesse o emprego: nas cobranças teria boa percentagem e era negocio serio. Aceitou e no dia seguinte entreguei-lhe um maço de contas, algumas de credores renitentes e contadas já como perdidas.

Durante muitos dias, não appareceu e — Deus me perdõe! — cheguei a desconfiar da honra do meu amigo. Mandei-o seguir. Elle lá ia, todos os dias, á casa ou ao escriptorio de cada credor. Batin á porta, de mansinho. Outras vezes, esperava pacientemente que o devedor sahisse. Ficava firme, impertigado, com o papel na mão.

— Hoje não pôde ser. Venha amanhã.

O homem olhava o céu, estendia o beijo inferior e soprava a ponta do nariz. Havia resignação e não havia improperios. Tornava a guardar o recibo na carteira e lá ia, bater a outra porta. No dia seguinte voltava. O credor tornava a dar uma desculpa e o mesmo assobio na ponta do nariz. Mas não largava o devedor até receber a conta. Esperava-os em toda a parte. Indagava os cafés que fre-

quentavam; sabia os costumes de cada um; a que horas estavam em casa e quanto tempo se demoravam em casa de qualquer amizade. Ia aos theatros, ás casas de chá, aos cinemas, á Camara, a todos os sitios, até receber. E não falava; não pedia senão uma vez Mortificava, aborrecia. E fez dinheiro, assim. Não queria outra vida.

Ha dias, mandei-o receber uma conta velha. (Eu bem sabia que as contas velhas não se pagam e que as novas se deixam envelhecer, mas...) O homem foi. Tornou a ir. O mesmo sorriso, o mesmo cumprimento, a mesma massada. O credor não se conteve e jogou-o pela escada, com furia. Bateu com a cabeça no lagedo e foi para a Santa Casa. Soube do accidente pelos jornaes e fui vel-o. Mal falava e o medico disse-me que era um caso desesperado: que morreria sem remedio.

O homem conheceu-me e abriu os olhos no mesmo eterno sorriso de contentamento. Por signaes disse-me que a conta fatidica estava debaixo do travesseiro e numa voz entrecortada pelos primeiros sopros da morte, ainda lhe ouvi:

— E'... u...ma palli...da homena...

E morreu.

Levei-o hontem ao cemiterio. Foi a unica pallida homenagem que lhe prestei.

o o o o o

Outomno... Melancolia...

Outomno...
Melancolico outomno fumarento...
Como á terra fecunda o placido colono,
Outomno,
aos teus caprichos me abandono,
Outomno, ao teu mysterio me acorrento!

Que tristeza nas arvores! Que frio!
Cada folha, dansando,
é como Salomé,
num corropio,
mostrando
a ponta alvissima do pé...

Outomno... Melancolia...
Que doce, que nostalgica harmonia
no tango lento
que baila o vento!
Tu me dás a impressão
de um coração
que chora,
sentindo o mal que o devora.

Nos jardins, abandonadas,
apunhaladas,
murcham as ultimas flores,
como fadas
resignadas,
orphans de beijos e amores.
Outomno côr de cinza... Que incerteza
revela a propria Natureza
desde que te aproximás,
com o teu rosario de rimas,
envolvendo todo o espaço
na communhão de um abraço!

Despem-se, uma por uma, as arvores gigantes.
Que céu tão lindo e que doçura em tudo!
A relva é um manto de velludo,
sobre o qual, em requebros delirantes,
as folhas bailam convulsivamente,
macabramente.

Outomno! Entrás-me n'alma como alguém
que eu espero, de ha muito, e que não vem...
E's para mim, no exilio em que me vejo,

como um sonho
risonho,
feito de astros,
jasmíneos seios e alvos alabastros,
na apothese de um beijo!

Sombras aladas! Illusões perdidas!
Quantas mulheres esquecidas,
quantas miragens,
quantas caricias,
evocas, triste Outomno fumarento,
ao meu espirito sedento
de outras delicias,
de outras paizagens!

Coberta, assim, de folhas tortas,
de folhas seccas, de folhas mortas,
lembra a rua um tapete de Silvan,
desses que a gente vê, divinos
de tão finos,
nas lojas de Stambul e de Teheran.

Outomno!
E's como o principe encantado
de um conto maravilhoso,
que é muito rico porque é feliz,
que é muito rico só porque é dono
da flor mais bella do seu paiz.

Tu me fazes pensar,
neste momento de repouso,
neste momento amargurado,
nas brancas noites de luar
da minha terra sem par.

Tu me fazes pensar
na belleza das cousas,
na inclemencia do mar,
no silencio das lousas,
nos deuses que passaram
e nunca mais voltaram...

Outomno... Que noite fria!
Outomno... Melancolia!

Galatz, Rumania, Setembro de 1924.

O S O R I O D U T R A



"VESTAL"

CARLOS OSWALDO

◦ ◦ ◦ ◦ ◦ Salão de 1924 ◦ ◦ ◦ ◦ ◦

Nas paginas da historia da musica brasileira através dos tempos, Francisco Manuel da Silva — ou simplesmente Francisco Manuel, tem um capitulo que se destaca. E' que á sua inspiração feliz devemos o Hymno Nacional Brasileiro, e tanto basta para que a sua memoria e o seu nome nos sejam caros.

A musica brasileira através dos tempos, Francisco Manuel, por Tapajós Gomes

Francisco Manuel foi socio honorario da Sociedade Municipal Campesina, socio fundador da So-

ciedade Philharmonica, fundador da Sociedade de Beneficencia Musical e era official das Ordens da Rosa e de Christo. Com a morte do Padre José Mauricio, era considerado o maior musico brasileiro. Musico de valor e compositor inspirado, deixou elle um grande numero de composições, entre

Nascido no Rio de Janeiro, a 21 de Fevereiro de 1795, era Francisco Manuel filho de Joaquim Marianno da Silva e de D. Joaquina Rosa da Silva. Desde menino estudou no Conservatorio dos Jesuitas, que, não se sabe por que Balbi chamou de "Conservatorio dos Negros", e teve como professores, primeiramente o Padre José Mauricio e depois o celebre musico Segismundo Neuckomm, que veio para o Brasil recomendado ao Conde da Barca por Tallrand, e que foi nomeado professor de D. Pedro e da Imperatriz D. Leopoldina.

Francisco Manuel aperfeicou-se em piano, canto, violino violoncello e harmonia, materias que, depois, leccionava indifferentemente.

Para bem se aquilatar da vocação musical de Francisco Manuel, basta referir um pequeno episodio de sua vida de artista. Ao terminar os seus estudos, tocava elle em orchestra da Real Camara, dirigida pelo maestro portuguez Marcos Portugal, rival de Neuckomm, inimigo, perseguidor e invejoso de Francisco Manuel como de José Mauricio.

Despeitado pelos extraordinarios predicaos artisticos de Francisco Manuel, resolveu Marcos Portugal amesquinhal-o deante de todos os seus collegas da orchestra. De violoncello que era, deliberou obrigar-o a tocar violino, sob a ameaça de dispensal-o se lhe não correspondesse ás exigencias.

Tratando-se de um instrumento difficillimo, que apenas conhecia superficialmente, comprehendeu perfeitamente Francisco Manuel a infinita maldade que se occultava por detraz daquela exigencia, filha do despeito e do ciúme; não se alterou, porém, o glorioso musico brasileiro. Ao contrario, dedicou-se de corpo e alma ao seu novo instrumento; e, em resultado, elle que já era um violoncellista notavel, tornou-se um notavel violinista, para maior desespero daquelle que temia ver-se obumbrado pelo seu talento.

Tendo-se extinguido, em 1831, o Conservatorio dos Jesuitas, foi instituida, annos depois, uma aula gratuita de musica no Collegio das Bellas Artes, que, mais tarde, se transformou na actual Escola de Bellas Artes. Para dirigil-a foi nomeado Francisco Manuel. Alguns annos antes, creou Francisco Manuel a Sociedade de Beneficencia Musical, da qual foi eleito director em 28 de Abril de 1834. Foi, depois, nomeado director da secção musical do Collegio Pedro II, tendo escripto um compendio de musica para uso de seus alumnos.

Em 26 de Junho de 1841 foi nomeado mestre compositor de musica da Imperial Camara.

Mercê da sua posição official, estabeleceu-se entre o Imperador e o artista uma convivencia mais frequente, surgindo, então, a idéa da fundação de um estabelecimento para o ensino gratuito da musica, idéa pela qual Francisco Manuel se bateu denodadamente, tendo conseguido vel-a tornar-se realidade a 27 de Novembro de 1841, quando o Imperador assignou o decreto creando o Conservatorio de Musica do Rio de Janeiro, em que se transformou a aula annexa ao Collegio das Bellas Artes. A direcção do Conservatorio foi confiada a Francisco Manuel.

Em 17 de Maio de 1842, com a morte de Marcos Portugal, foi Francisco Manuel nomeado Mestre da Capella Imperial, cargo que exerceu durante vinte e tres annos, isto é, até ao fim de sua vida, e no desempenho do qual se houve com um brilho e com uma competencia verdadeiramente notaveis.

Por decreto de 5 de Março de 1843, como um premio por elle conquistado, em virtude dos seus serviços prestados ao Brasil e á arte, foi condecorado com o habito da Rosa. Por decreto de 21 de Janeiro de 1847, o governo imperial approvou o programma do Conservatorio, que foi, afinal, installado em um das salas do Museo Nacional, no dia 19 de Agosto de 1848.

Administrado por uma Commissão composta de um director, um thesoureiro e um secretario, o Conservatorio funcionava graças á protecção do governo imperial, que lhe destinou dezeseis loterias para a sua manutenção.

A secção feminina do estabelecimento foi installada no Collegio da Sociedade Amantes da Instrucção, começando a funcionar no dia 10 de Novembro de 1852 á antiga Rua dos Barbons, n. 10, e tendo como director Francisco Manuel, primeiro interinamente e depois em caracter effectivo, por nomeação de 5 de Fevereiro de 1855.

Dependente, como ficou, do auxilio das loterias, o Conservatorio lutava com grandes difficuldades para manter-se, o que deu lugar a uma reforma operada a 22 de Janeiro de 1855. Nem por isso, entretanto, a situação melhorou, pelo que foi o Conservatorio annexado á Imperial Academia de Bellas Artes, por decreto de 14 de Maio de 1855.

Com essa reforma, ficou o Conservatorio constituindo a 5ª Secção da Academia de Bellas Artes — o que representa um passo atraz na historia do estabelecimento, que, até então, vivera independente.

A deliberação do governo, porém, chocou profundamente o artista que idealisara e creára o Conservatorio, de onde sahiu, entre outros, o nosso immortal Carlos Gomes. Graças, porém, á boa vontade do Visconde de Bom Retiro, então ministro do Imperio, foi adquirida uma casa proxima á Academia de Bellas Artes e nella installado o Conservatorio de Musica.

Com o decorrer dos annos, foi a situação melhorando até que chegou a ser lançada a pedra fundamental do edificio proprio do Conservatorio, cuja inauguração, realizada a 9 de Janeiro de 1872, o grande artista não teve a fortuna de assistir, por ter fallecido a 18 de Dezembro de 1865, na casa n. 48 da antiga rua do Conde, hoje Visconde do Rio Branco.

Morto Francisco Manuel e como uma homenagem digna de sua memoria, o governo, por decreto n. 8.226, de 20 de Agosto de 1881, tornou o Conservatorio novamente autonomo

as quaes um **Te-Deum**, que foi cantado por um côro de 652 cantores, com acompanhamento de uma orchestra de 242 figuras, sob a propria regencia do autor, por occasião da inauguração da estatua de D. Pedro I, no dia 30 de Março de 1863, na Praça Tiradentes.

Entre os cantores que tomaram parte nesse **Te-Deum**, citam os historiadores os nomes do Conselheiro Rodrigues Alves, o grande e inolvidavel Presidente da Republica, de Joaquim Nabuco, de Vieira Fazenda, de Moreira Pinto, de Moncorvo (pae) e de Luiz Betim Paes Leme.

Compoz ainda Francisco Manuel as **Matinas de S. Francisco de Paula**, notavel pagina musical de uma inspiração felicissima; um **Hymno** destinado a ser cantado nas festividades do baptisado do Principe D. Afonso. Muito louvado e applaudido, esse **Hymno** valeu a Francisco Manuel por uma consagração, tendo o Visconde de Macahé, então ministro do Imperio lhe escripto uma carta de agradecimento em nome do Imperador; outro **Hymno** escripto para a Coroação de D. Pedro II, além de outro **Te-Deum** offerecido a D. Pedro II, quando ainda Principe, o qual, entusiasmado ante essa formosa composição, prometeu mandal-o á Europa — promessa que, aliás, não chegou nunca a realizar-se.

Em 2 de Dezembro de 1854, anniversario do Imperador, collocou-se no Rio a pedra fundamental do edificio da Pinacotheca Imperial. Nessa solemnidade os alumnos do Conservatorio cantaram um côro escripto por Francisco Manuel, sobre versos de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo. "A musica terna e saudosa da composição do Sr. Francisco Manuel da Silva foi com tal perfeição executada, que commoveu o auditorio" — escreveu o "Periodico dos Pobres", do Porto, em uma correspondencia do Rio de Janeiro.

Sobre um outro poema de Araujo Porto Alegre, escreveu Francisco Manuel uma peça de theatro intitulada "O prestigio da lei".

A sua ultima composição foi um **Hymno** feito por occasião do regresso de um dos batalhões da guerra do Paraguay.

Publicou tambem, em 1838, um **Compendio de Musica**, dedicado ao Imperador; em 1842 outro **Compendio dos principios elementares da musica**, para uso do Conservatorio, e ainda outro **Compendio preliminar de musica** offerecido "ás diletantes do paiz".

Alóra as citadas existem varias composições de caracter popular e muitissimas outras de diversos generos, conservadas ineditas pela familia. Francisco Manuel, entretanto, celebrisou-se graças ao hymno que compoz em Abril de 1831, num momento de rara inspiração, entusiasmado com o acto de abdicção de D. Pedro I. Esse hymno, tambem chamado 7 de Abril, foi proclamado pelo povo como o Hymno Nacional Brasileiro, tendo sido cantado pela primeira vez no dia 7 de Abril, em um espectáculo de gala que se realisou para solemnizar a partida de D. Pedro, de D. Amelia e de toda a familia real, para a Europa.

Resa a tradição que o Hymno Nacional Brasileiro foi escripto sobre o balcão de uma casa commercial, á Rua Senhor dos Passos, entusiasmado, como se achava Francisco Manuel pelo acto da abdicção de Pedro I. Essa tradição é referida nos trabalhos de Moreira de Azevedo e de Ernesto Senna, sobre o immortal compositor brasileiro e aceita pelo illustre professor Guilherme Theodoro Pereira de Mello, autor do excellente trabalho "A Musica no Brasil, desde os tempos colonias até o primeiro decenio da Republica", ao qual pertence a maioria das notas que formam e orientam o presente esboço biographico de Francisco Manuel.

Comprehende-se perfeitamente e justifica-se por si o entusiasmo popular ao cantar a pagina gloriosa e proclamal-a o Hymno Nacional Brasileiro. E' que o hymno do primeiro Imperio era o da Independencia, da autoria do proprio D. Pedro I, que abdicára; de modo que, influenciado por esse facto e empolgado pela marcialidade da producção de Francisco Manuel, não foi difficil ao povo consagral-a como o Hymno Nacional Brasileiro.

Quando foi da proclamação da Republica fez-se um concurso para apresentação de um hymno destinado a substituir, por outro, o Hymno Nacional, que era considerado, no fim de contas, o Hymno Nacional "da Monarchia". Desse concurso sahiu victorioso o grande e inolvidavel Leopoldo Miguez, então director do Conservatorio de Musica.

Ao que se diz, consultado sobre a impressão que lhe causara a audição do hymno que deveria substituir o Hymno Nacional, o Marechal Deodoro da Fonseca respondeu seccamente:

— "Prefiro o outro."

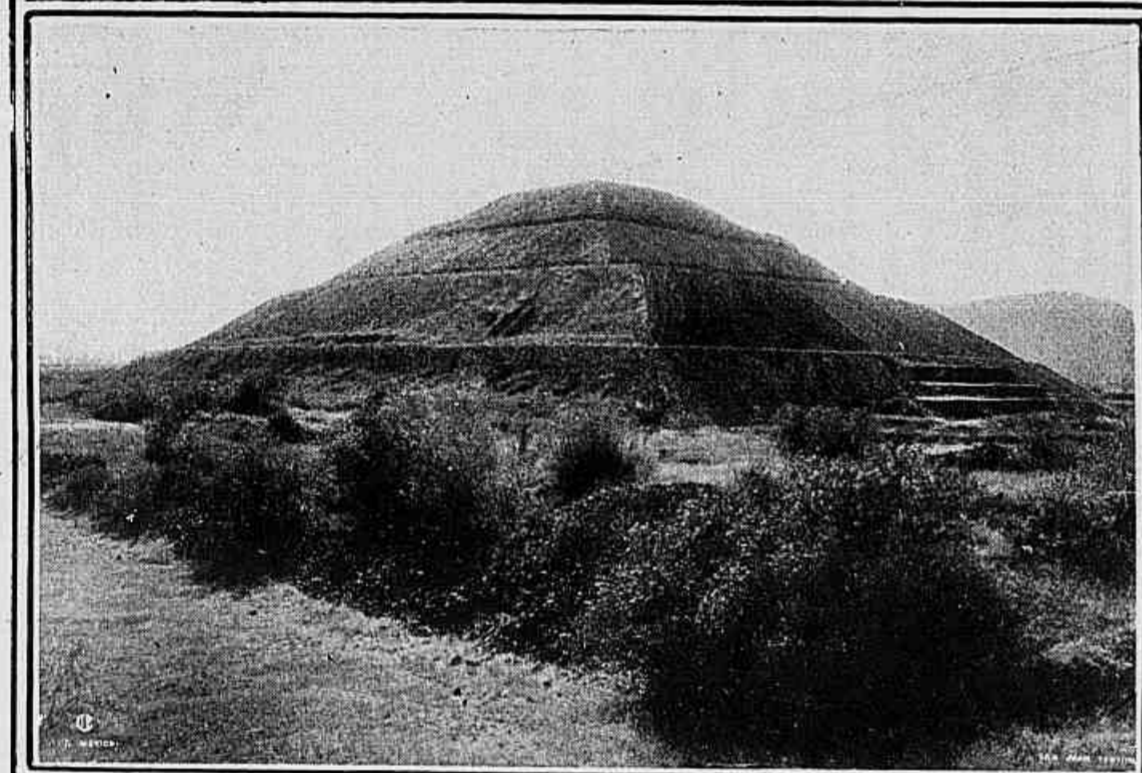
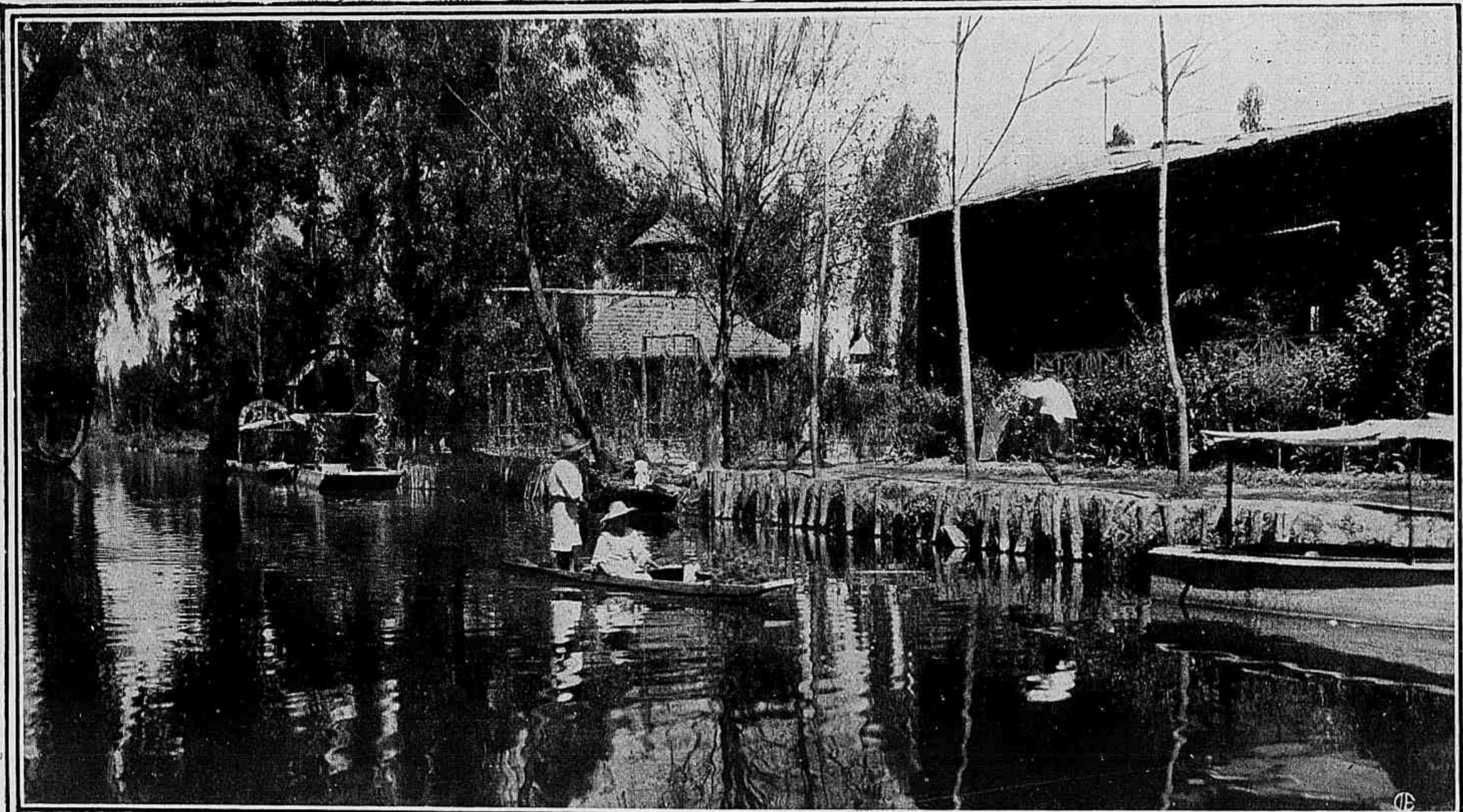
Dahi o decreto n. 171, de 20 de Janeiro de 1890, que tornou official o Hymno Nacional de Francisco Manuel, já consagrado pelo povo através de quasi sessenta annos!

Não possuindo os surtos verdadeiramente geniaes do Padre José Mauricio, todavia, era Francisco Manuel um notabilissimo talento artistico, cuja inspiração, na phrase de Moreira de Azevedo, foi sempre agitada pelo patriotismo.

Compositor fertilissimo, de inspiração fecunda e facil, a sua grande fertilidade "condescendia muitas vezes por extrema bondade e se sujeitava a empenhos de amigos e irmãos de Arte" — diz-nos o **Anno Biographico Brasileiro**. Dahi o haver elle deixado composições "que não lhe honorificam o genio. O mau gosto popular e a influencia do theatro italiano arrancaram de sua fecundissima inspiração, protectora de interesses alheios, la-



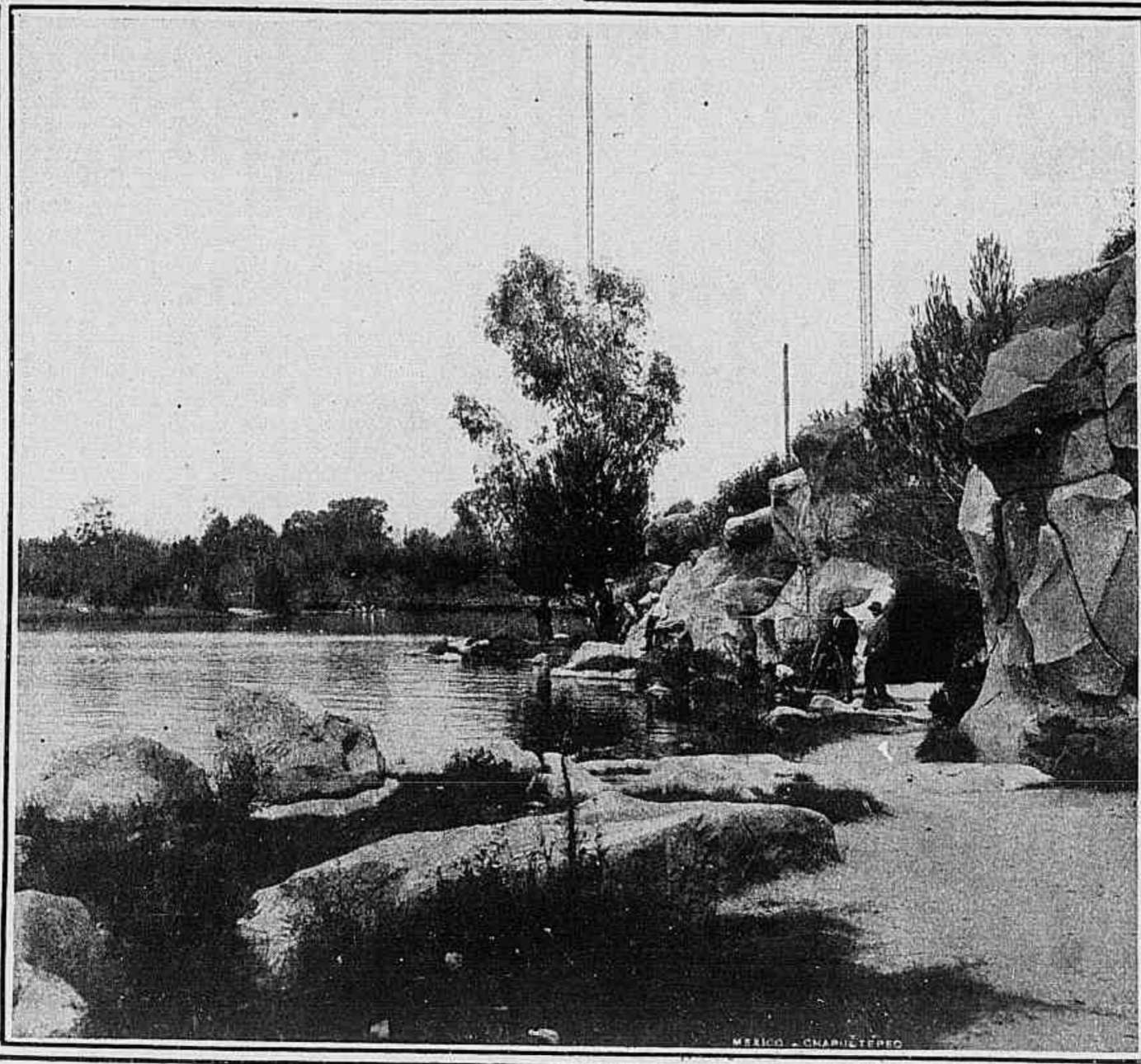
Busto de Francisco Manuel que está no Instituto Nacional de Musica



Mexico

Xochimilco

Pyramides de
S. Teotihuacán



Paizagens

Santa Anita

Grutas de
Chapullepec

Cruzada sanitaria A sua feição esthetica

HA um discurso na Cruzada Sanitaria que é uma illustração flagrante da obra e do character de Amaury de Medeiros, o que elle pronunciou na inauguração do monumento a Oswaldo Cruz.

Não se póde fugir, lendo essas paginas, a comparação, que se impõe, da obra do grande hygienista como a deste joven brilhante, tenaz e combatente. E' claro que existem as proporções diferenciadoras de espaço e de tempo. Mas a gente a percebe, bem viva, no poder de organização, na tenacidade que se reveste de heroismo, na mudez á surdina da maledicencia; no senso esthetico que a orienta e engrandece.

Já não direi do seu idealismo que é a propria alma das obras humanas impereciveis; a sua força inicial e renovadora.

Amaury de Medeiros não é um exclusivista na sua cruzada sanitaria. Não cahiu no circulo estreito do especialista, adstricto á idéa de que o Brasil reclama, antes de tudo e acima de tudo, o oleo de chenopodio e outras drogas salvadoras. Seria uma injustiça, senão uma faltasinha de escrupulo accusar de tal estreiteza de horizonte a esse luctador cuja actividade vertiginosa abrange modalidades as mais variadas e proveitosas á civilização pernambucana. Elle faz a hygiene; défende o bom gosto, corrige o ridiculo recenseamento federal da cidade, apurando-lhe a população de trezentos e cincoenta mil almas; promove o conforto das massas populares, lançando-se, heroicamente, á solução do problema da casa operaria para libertar o Recife, dos seus milhares de habitações infectas... Só esta marcha da sua actividade lhe assegura, pelas gerações que hão de vir, a mais justa das glorificações.

A factura da Cruzada Sanitaria bastaria, aliás, como defesa á accusação leviana. Não faz um livro desses, que é um dos melhores exemplares da arte typographica brasileira, onde as vinhetas estylisadas de J. Carlos, o typo, os desenhos são amostras da mais intelligente preocupação artistica, um proselyto feróz, cuja suggestão pela idéa unilateral e absorvente cegasse para os outros aspectos radiosos da vida.

Os menores detalhes de composição elle os orientou numa ancia de perfeição identica á dos melhores esthetas. Não se pense, por exemplo, que as illustrações do volume foram desenhadas á vontade do artista, Sr. Henrique Moser. Mesmo porque o Sr. Moser, sem alguém que o dirija, dá certamente com os burros n'agua.

Amaury de Medeiros traçou o thema de cada illustração; guiou, cortou sem cessar o transbordamento do Sr. Henrique, viciado a decorar igrejas em estylisções de cabaret e perpetrar outros delictos estheticos semelhantes. Sómente para a esquisse do Semeador, que é a primeira illustração do volume, inutilizou uma duzia de desenhos. O incrível máu gosto do Sr. Moser repontava, frondejando. E elle mesmo teve que posar, afinal, para conseguir a figura desejada.

Mas, no proprio estylo dos discursos da Cruzada Sanitaria, nos periodos onde a sombra de um pensamento menos claro não cai, perturbadora, no rythmo ardente, na imagem nova, que foge á hediondez dos logares communs; em tudo isso a gente percebe a intelligencia que, incessantemente, reclama novos e varios caminhos de acção.

A transcripção de um trecho desse discurso resume, plasticamente, essas qualidades: — "As arvores novas que aqui vicejam e crescerão devem representar os carinhos da geração futura; os velhos coqueiros que foram conservados, devem demonstrar o zelo das gerações que passam e da velhice fecunda, pelos feitos do sabio e do patriota; o lago que aqui deixamos a reflectir o azul infinito do céu, deve significar a gran-

deza de nossos designios e o nosso respeito pelas coisas infinitas e eternas.

"Abrimos uma area para trazer-lhe tambem, de vez em quando, a homenagem quasi divina dos sons.

"No logar de honra traçámos uma cruz e no centro della, entre plantas vermelhas como sangue, elevámos a herma do nosso idolo como um altar a indicar o seu martyrio e a sua gloria."

Nestes periodos, como em tantos outros da Cruzada Sanitaria, afflora, mal contida, a psychologia de um estheta em rythmos da mais pura poesia. Se os decompuzessemos em decasyllabos ou alexandrinos, elles tomariam a fórmula de poemas...

E' a esse estheticismo que Amaury de Medeiros deve a alegria que suavisa, engrandece e perpetúa o seu trabalho. Nunca a maxima de Carlyle — trabalhar cantando — foi tão admiravelmente comprehendida. Não se ouve, sequer, o estridor da batalha, coberto pelos cantos dos guerreiros...

A sciencia perdeu, nas mãos desse joven estheta, todas as suas asperezas. O povo approxima-se dos pavilhões do Departamento e dos postos ruraes, sem o receio que sempre lhe inspirou o dogmatismo dos medicos revestidos de sobrecasaca e cobertos de cartola.

Um aspecto commovente da cidade é o espectáculo matinal das mães humildes que levam os filhos á polyclinica infantil do Departamento de Assistencia e Saúde. A impressão triste que se poderia receber das creaturinhas doentes, dissolve-se no ambiente risonho, no parque cheio de flores, na luz infantil da manhã que veste o grande edificio.

Até aqui se impõe a semelhança das duas cruzadas redemptoras. Oswaldo Cruz "conseguiu que o predio de Manguinhos fosse um dos mais bellos e rendilhados exemplares do estylo mourisco — um palacio tão grande e tão rico na sua architectura, que bem poderia ser a morada de principe e de fadas."

Amaury de Medeiros, no edificio do Departamento de Assistencia e Saúde, no jardim que o emmoldura, na propria indumentaria das suas visitadoras soube imprimir a simplicidade e a graça que distinguem o senso esthetico... e o bom senso.

A Belleza, principio ainda agora mal definido, deve-se identificar á verdade, como queria Keats nos seus versos celebres. Por isto, só se pódem immortalizar as obras revestidas de Belleza. E nas sociedades é ella que tem o poder por excellencia de elevar a imaginação, estimular, purificar a sensibilidade.

A architectura, como todas as artes, é, na realidade, um meio educativo de subido valor, attrahindo e aperfeçoando o que ha de mais nobre na natureza humana. Deante da massa imponente de um edificio recortado em linhas delicadas, a alma se toca de uma emotividade solemne.

Acabo de ler o admiravel livro vulgarizador de John Belcher, presidente honorario do Instituto Real dos Architectos Britannicos — Os principios da Architectura — onde elle accentúa esse character de necessidade da arte ligada ás necessidades da vida individual e social.

A arte não é, assim, uma "inutilidade necessaria", mas uma necessidade absoluta. E' o proprio autor da Cruzada Sanitaria quem conclue confessando o character utilitario da arte quando reconhece "a influencia suggestiva da elegante construcção de Manguinhos sobre a mentalidade dos seus pesquisadores". Nem Amaury de Medeiros, com a sua cultura e a intuição esthetica que é latente nas intelligencias muito vivas, fugiria á nobre suggestão. Não é possivel comprehender a sua actividade, o labor que estúa no Departamento de Assistencia e Saúde: os pesquisadores curiosos e attentos, as visitadoras tutelares, os enfermeiros, os laboratorios, toda uma renovação de methodos, processos, actividades tumultuando, comprimida

entre as paredes de côres gritantes de um certo edificio inesthetico que eu muito conheci e em cujo espaço fronteiro não medrava a graça de uma flôr nem a bençam de uma arvore. Era por isso, talvez, que allí, não raro, se fazia a hygiene com a mentalidade indecorosa da supressão, a lapis vermelho, do numero alarmante do obituario da cidade...

Tal edificio, tal mentalidade...

Imagine-se a obra de um Oswaldo Cruz trabalhada entre as quatro paredes de uma alfurja camouflada com uma fachada de ultima hora, feita por um constructor das Arabias Sr. de Assis...

Emquanto os manipuladores da pseudo riqueza architectonica vão emporcalhando o Recife com as suas fachadas, Amaury de Medeiros realizou o milagre de fazer do Departamento um predio onde a gente pôde descansar os olhos numa sensação de desafogo. O proprio parque que elle organizou mostra essa preocupação da belleza ao lado de tantas outras nobres preocupações. Vidas vegetaes que a natureza levou um seculo a encher de seiva e a dilatar, aniquila-as em algumas horas a ignorancia dourada num acesso

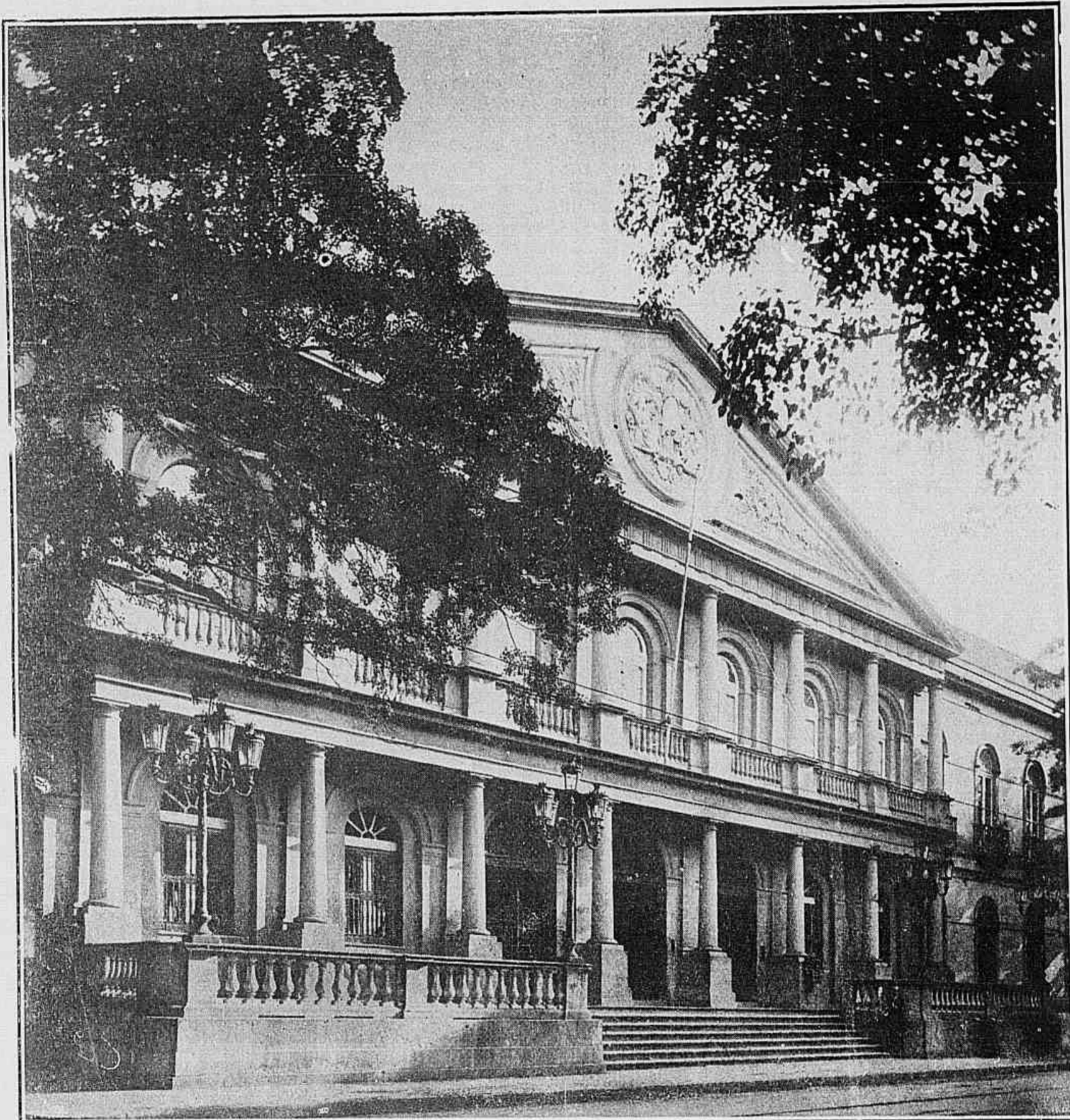
de localidade allucinante. Mas no parque do Departamento de Assistencia e Saúde, os velhos coqueiros que marcam tão bem a payzagem pernambucana, farfalham as palmas verdes...

Resta unicamente, para completar a dignidade do parque, que o seu organizador mande dynamitar, um por um, picar a machado, empilhar cobertos de petroleo e fazel-os arder num fogo vingador os ficus benjamin que por allí tambem alastraram...

Essas nobres preocupações fazem da Cruzada Sanitaria a propria biographia de uma personalidade marcada em tons inconfundiveis de amor á sciencia e á belleza. Nellas podemos surprehender-lhe as qualidades inconfundiveis de super homens, sempre suspeitas aos individuos gregarios que sommam a média dos valores correntes.

As aguasinhas paradas, que não sahem nunca do mesmo leito mesquinho, arrepiam-se de odio ao sentir, pertubando-lhes o repouso esteril, as correntes transbordantes e fecundas...

Recife, 924.



Santa Casa de Misericórdia do
Rio de Janeiro

TABOÁ DE SALVAÇÃO.

Comedia em 3 actos
de Carlos Maul.

TERCEIRO ACTO

(O MESMO SCENARIO DOS ANTERIORES)

SCENA I

Maximiano e Marietta

MAXIMIANO. *(Com um jornal aberto lê alto para a mulher)*

"O escandalo das obras do porto. Politicos e altos funcionarios comprometidos. A attitude do senador Quintanilha". Que miseravel que é esse Quintanilha!... *(Continúa a ler)*: "O illustre senador Quintanilha denunciou aos seus pares a escandalo: a negociata das obras do porto, em que estão envolvidos diversos personagens de destaque na politica do paiz. Trata-se de uma transacção que vi ava entregar a um grupo de capitalistas internacionaes o monopolio da exploração do porto com grave prejuizo para os nossos interesses. Segundo estamos informados, os intermediarios do negocio receberiam cerca de dois mil contos que seriam divididos entre um deputado, um jornalista e um alto funcionario muito conhecido na nossa sociedade."

MARIETTA

Mas esse Quintanilha não estava com vocês?

MAXIMIANO

Estava... Eu bem disse ao Silvares que era perigoso metter mais gente no negocio... Esse bandido vendeu-se. Como estava no ultimo anno do mandato e não tinha certeza da reeleição, foi dizer ao governador que o Silvares o incumbira de atacal-o... E o idiota do Silvares, esquecido de que um politico intelligente nunca escreve cartas, escreveu-lhe longamente sobre o assumpto... Deu-lhe um documento que atirou por terra todos os nossos castellos... O governador annullou o contracto e os jornaes nos estão atacando desabridamente...

MARIETTA

Mas ainda não citaram o teu nome... Por emquanto a questão é com o Silvares e o Quintanilha. Foste um miéro intermediario. Não conheces o governador...

MAXIMIANO *(Apanha um numero do "Universo")*

E que máo amigo que é o Terra. Depois de defender o negocio, virou de bordo. Eu sei que elle já recebeu dinheiro dos banqueiros adversarios para mudar de orientação. Admira isto: *(Lê)* "O contracto do porto. Somos insuspeitos para apreciar o brilhante discurso do senador Quintanilha, principalmente porque fomos dos que mais encarniçadamente se bateram por esse contracto agora tão malsinado. Queriamos e queremos as obras do porto, porque estamos convictos da sua necessidade. Queremos porém, que se faça uma operação vantajosa e não um negocio de perigosa consequencia para o Thesouro publico, como parece ser esse que acaba de ser denunciado. As graves accusações contidas no discurso do senador Quintanilha devem ser bem esclarecidas para que fique resalvada a dignidade do Parlamento..."

MARIETTA

Que grande sem-vergonha!

MAXIMIANO

E' o que menos me irrita... Está no seu papel. E' um advogado... Defende os constituintes que lhe appa-

recem e que melhor lhe pagam... Ha argumentos para tudo... Nós é que estamos de peor partido... Contavamos com uma bella quantia... Perdemos o nosso tempo.... *(Accende um cigarro)*.

MARIETTA

Éra a esperança neste negocio que nos animava a tratar do alto os nossos credores... E agora?

MAXIMIANO

Precisamos fugir um pouco da sociedade. Fechemos as nossas portas... Encerremos o periodo das recepções... Evitemos que se fale do nosso nome...

MARIETTA

Tratemos do casamento de Isaura... Felisberto não saberá do caso... Felizmente elle não lê jornaes... Tem dito varias vezes que os detesta...

MAXIMIANO

Elle está resolvido a casar com Isaura. Procurou-me na repartição para contar que tivera uma entrevista com ella e ficára satisfeito. Disse-me que ella não lhe respondera affirmativamente mas que tambem não o repudiára. Pedira-lhe apenas tempo para pensar...

MARIETTA

Isaura é uma moça de juizo.

MAXIMIANO

Felisberto virá hoje, conforme me assegurou, buscar uma resposta definitiva.

MARIETTA

Apressamos o casamento. Felisberto não gosta de ver o nome nos jornaes, e nós por isso, poderemos insinuar a conveniencia de serem celebradas as ceremonias na intimidade... Sem festas... Talvez numa das suas fazendas. E' um optimo pretexto para sahir do Rio. Pedirás uma licença de um mez...

MAXIMIANO

Isaura tem nas mãos a nossa salvação... Ella é boa... Salvar-nos-á. E, demais, se Felisberto não lhe desagrada, será feliz...

MARIETTA

Por que não conversamos com ella francamente? Eil-a que chega mesmo a proposito... *(Isaura entra pelo terraço com um grande ramo de rosas)*.

SCENA II

Os mesmos e Isaura

ISAURA

Olha estas rosas, mamãe, e vê como são lindas!

MARIETTA

De onde são?

ISAURA *(Collocando o ramo no jarvão)*

Mamãe não é capaz de imaginar de quem as recebeu...

MARIETTA

De quem havia de ser?

ISAURA

Diga!

MARIETTA (*Sorrindo*)

Do sr. Felisberto...

ISAURA

Ora, mamãe! O sr. Felisberto não tem dessas delicadezas...

MARIETTA (*Apprehensiva*)

De quem poderia ter sido então?

ISAURA

Da Josephina. São rosas cultivadas por ella.

MAXIMIANO

Josephina? Aquella dactylographa que foi nossa vizinha?

ISAURA

Essa mesma... E mandou-me uma carta que ainda não abri... (*Rasga o envelope, e lê silenciosamente. Depois tenta guardar a carta, melancolica*).

MARIETTA

Sente-se aqui a meu lado, minha filha. Precisamos conversar. (*Isaura senta-se*).

MAXIMIANO

Conversem á vontade. Eu vou até á cidade e não demoro. (*Beija a filha e sae*).

SCENA III

Marietta e Isaura

MARIETTA

Que te escreveu a Josephina?

ISAURA (*Suspira*)

Nada de importancia, mamãe... Queres ouvir? (*Lê alto*): "Minha querida Isaura. Saudades aos teus. Junto vão algumas rosas do meu jardimzinho. Cultivei-as com muito carinho. São as primeiras que colho. Enfeitei com ellas as tuas jarras. Com estas flores, mando-te tambem, minha boa amiga, uma noticia sensacional: estou noiva. Encontrei afinal aquelle que o destino me reservava para companheiro. E' um collega do banco. Trabalhamos juntos ha muito tempo... Um dia fizemos confidencias. E eis que resolvemos casar. Sinto que serei muito feliz. Casar-nos-emos, continuaremos a trabalhar lado a lado, satisfeitos..." (*Interrompe a leitura e dobra a carta*). A Josephina encontrou a felicidade...

MARIETTA

Dahi a poucas horas poderás escrever-lhe tambem com a mesma alegria... Comunicar-lhe-ás o teu proximo casamento com o sr. Felisberto...

ISAURA (*Triste*)

Tão depressa?

MARIETTA

E, por que não? Elle ficou de visitar-nos hoje para pedir a tua mão. Eu soube que vocês tiveram um encontro demorado em que elle manifestou abertamente o seu desejo...

ISAURA

E' verdade... Mas não pensei que houvesse tomado uma resolução tão prompta... Nem eu lhe dei uma resposta decisiva.

MARIETTA

Isso é o menos... Dar-lhe-ás agora a resposta, accetando o pedido, não é assim?

ISAURA

feita a... vossa vontade...

MARIETTA

A nossa vontade só?

ISAURA

A minha tambem...

MARIETTA

Abre esse coraçãozinho... Gostas do sr. Felisberto?

ISAURA

Gostar, propriamente não... Sympathiso com elle...

MARIETTA (*Sorrindo*)

Sympathia é quasi amor... Que poeta escreveu isso? Parece que foi Camões...

ISAURA

Com certeza foi...

MARIETTA

Não poderias encontrar um marido melhor do que o sr. Felisberto. E' moço, gosta de ti, é rico... Sobre-tudo muito rico...

ISAURA

Sobretudo muito rico...

MARIETTA

Has de viver contente... Uma moça como tu, com a tua educação, não é para qualquer brutamontes... Nós não temos nada... A ultima esperança de teu pae apagou-se com o desastre das obras do porto. Coitado! Elle aborrece-se muito... Trabalhou tanto... Para no fim das contas ver naufragar todo o seu sonho... Estamos velhos, fatigados... Não creio que tenhamos outra oportunidade que nos assegure um futuro socegoado...

ISAURA (*Ironica*)

A minha mocidade vale bem uma fortuna. Ainda não perdemos de todo a sorte...

MARIETTA

Estou satisfeita em saber que não farás nenhum sacrificio...

ISAURA

Sacrificio? Nenhum...

MARIETTA

Teu pae vae tirar um peso da alma quando souber da tua resolução... Elle andava sempre tão preocupado com o teu futuro... (*Olhando fixamente a filha*): Estás triste?

ISAURA

Não... Estou commovida...

MARIETTA (*Animada*)

Ah! Nem tens motivos para tristeza. Deves estar radiante com a certeza de que vae ser feliz. O sr. Felisberto é um rapaz alegre que adivinhará as tuas vontades. Elle fará tudo para te agradar. Passaremos dias esplendidos na sua fazenda de S. Paulo. Depois faremos uma viagem á Europa. O teu grande sonho... A Europa... Paris... Não é isso o que desejas?

ISAURA

O que todos nós desejamos... (*Virgílio Flores aparece de surpresa no terraço*).

SCENA IV

Marietta, Isaura e Virgílio

MARIETTA

Seja bem apparecido. A que devemos essa agradável surpresa?

VIRGILIO (*Entra, cumprimenta, mesureiro*)

Passei por aqui, e aproveitei a occasião para entregar-lhes um convite para a grande festa de amanhã no Assyrio...

ISAURA (*Retirando-se*)

Com licença, sr. Virgílio...

VIRGILIO

Retira-se com a minha chegada?

ISAURA

Oh! não. Eu volto já... (*São*).

SCENA V

Marietta e Virgílio

MARIETTA

Não repare, sr. Virgílio... Ella vae preparar-se para uma solemnidade... A mais importante da sua vida.

VIRGILIO (*Curioso*)

Posso saber, sem ser indiscreto?

MARIETTA

Póde. Mas com uma condição: não dizer nada no seu jornal...

VIRGILIO

E' tão mysterioso assim o caso, que não posso registral-o, nem na chronica mundana?

MARIETTA

Assume o compromisso de honra de que guardará segredo?

VIRGILIO

Assumo.

MARIETTA

Trata-se do casamento de Isaura. O pedido será feito hoje...

VIRGILIO

E quem é o felizardo?

MARIETTA

O sr. Felisberto Moreno... Não lhe parece uma boa escolha?

VIRGILIO

Magnifica! Tão magnifica que smto desejos de romper o compromisso de não divulgar a noticia...

MARIETTA

Não faça isso, sr. Virgílio...

VIRGILIO

E por que toda essa reserva?

MARIETTA

Queremos que o casamento se realize na maior intimidade, talvez mesmo fóra d'aquí...

VIRGILIO

Uma retirada estrategica?

MARIETTA

Retirada, propriamente, não. Um afastamento temporario da sociedade... Precisamos descansar...

VIRGILIO

Ha de perdoar-me, d. Marietta, mas devo dar ao menos uma nota ligeira...

MARIETTA

Consentirei, se escrever o que lhe vou dictar.

VIRGILIO (*Tira do bolso um block-notes e um lapis*)

Combinado.

MARIETTA

Tome nota. Dirá que a senhorita Isaura, filha do casal Maximiano, foi pedida em casamento pelo sr. Felisberto Moreno, capitalista e fazendeiro em S. Paulo e que por motivo da morte de um parente do noivo a cerimonia realizar-se-á numa das suas propriedades, partindo immediatamente os recém-casados para a Europa, em viagem de nupcias...

VIRGILIO

O seu pedido será attendido. Não accrescentarei mais do que alguns adjectivos que a sua modestia esqueceu.

MARIETTA

O sr. disse que trazia um convite para a festa do Assyrio. Que festa?

VIRGILIO

Não leu a minha chronica de hoje?

MARIETTA

Não tive tempo ainda...

VIRGILIO

Publiquei até o programma. Uma maravilha! Um assombro! E' uma festa de caridade em beneficio das familias dos Esquimãos!

MARIETTA (*Sentimental*)

Coitados dos Esquimãos!

VIRGILIO

Mme. Generosa de Alencastro, a nossa grande philanthropa, recebeu um telegramma da Groenlandia, dizendo que uma tempestade de neve havia sepultado alguns milhares de Esquimãos. Caridosa em extremo, organisou immediatamente a festa em beneficio dos sobreviventes...

MARIETTA (*Indecisa*)

Não sei se poderemos ir...

VIRGILIO

Faça um esforço... A senhorita Isaura ha de gostar muito. (*Tira do bolso um pedaço de papel*): Veja alguns numeros do programma. Patapoff, bailarino russo, imitador do bello sexo... Prestidigitação pelo celebre professor Malvaloca... Versos pelo poeta dos *Lampeões apagados*, sr. Pedroso. Um trio de Beethoven pr'a violão, cavaquinho e flauta... E' um numero originalissimo... Depois de um discurso explicando os fins altruisticos da festa, terão começo as dansas. Não perca, dona Maritta. Vae ser o grande successo da estação...

MARIETTA

Farei o possivel... Se Isaura quizer...

(*Continua*)

ESPERANÇA

(Fragmento do poema, declamado em Juiz de Fóra e no Instituto Nacional de
Musica, desta capital, pela Senhora Angela Vargas Vianna.)

Neste paiz do sol, cheio de eterno encanto,
Grande não que fluctúa em diluvio de côres,
Das nayades ouvindo o indefinivel canto,
A Esperança desperta em divinos ardores.

Namorada da luz, como rútilo helianto,
Ella estremece e canta, incendiada de amores,
Da esmeralda sem fim vestindo o régio manto,
Pelo campo que estala em cardumes de flores.

Com as gemmas a fulgir nos reconditos veios,
A terra estúa e brota em ondas de verduras,
Como a Venus Fecunda em perpetuos anceios.

E a alma do Brasil, a arder em chammas puras,
Como as aguias do azul nos gigantes torneios,
Palpita ébria e enlevada e arroja-se ás alturas.

Rio, 1924.

L I N D O L P H O X A V I E R



“POESIA DA VIDA”

ARMANDO VIANNA

Salão de 1924

○ Primeiro Poema

MARIO SÉTTI.



ENINO ainda, Bento Teixeira Pinto já gostava dos livros. Na sua infancia, quando as outras creanças se divertiam em correrias pelas ladeiras de Olinda, botando botes de papel nas enxurradas de inverno, armando alçapões sob as frondes dos cajueiros da praia, trepando nos laranjaes por lhes colher os fructos de ouro, elle ficava em casa, relendo as lições ou folheando uma brochura que lhe viera ás mãos.

Mas, eram tão raros os livros naquelle tempo! Não existiam bibliothecas nem livrarias e por poucas se contavam as pessoas que liam.

Sem embargo, o enfeitamento de Bento Teixeira Pinto pela litteratura viçava, emplumava-se, como que queria tomar azas... Sonhos, illusões, esperanças, fossem o que fossem, elle não esmorecia.

Assim, completando vinte annos, accitou um convite de Jorge de Albuquerque, terceiro donatario de Pernambuco, e com elle embarcou no brigue *S. Antonio* para Portugal. Ali poderia estudar, frequentar bibliothecas, fazer relações proveitosas, cultivar o seu espirito avido de saber.

Tinha saudades da sua terra, da sua gente, tinha, mas a ansia do aprender era maior.

E partiu.

Rude foi a viagem. Temporaes adversos, vagas a se empolarem diante do navio, coriscos a sarjarem o céu, ventos a flagellarem a mastreação. E, depois, quando amainaram as tempestades, achanando-se o mar, azulando o firmamento, surdiram piratas francezes que abordaram o brigue, saquearam-no, avariaram-no, deixando-o sem governo no meio do oceano.

E ainda restavam dezenas de milhas a navegar!

As correntes maritimas, todavia, arrastaram a embarcação até ás costas portuguezas e ali uma caravella lhe deu o cabo, conduzindo-a a Lisboa.

Fructuosa foi, então, a estada de Bento Teixeira Pinto na patria dos seus avós.

Sete annos depois, volvendo a Olinda, recolheu-se ao seu engenho de assucar, escrevendo longas horas do dia e da noite, num grande sonho de produzir.

E venceu.

Os prélos viram, em breve, o seu poema "Prosopopéa" — primeira flor da litteratura brasileira, nascida, como tantas outras glorias do Brasil, em um poetico, socegado e formoso engenho de Pernambuco.

Do "Terra Pernambucana", inédito.



Theatro Municipal do Rio de Janeiro
Frente e lados da rua Treze de Maio

Logogates COMMUNS.

HA uma pagina de Addison, que parece escripta para o Brasil. E' a do *estofador politico*, incluída em quasi todas as selectas com que innocuamente nos estafaram o cerebro no aprendizado do inglez.

O personagem de Addison era um typo com fortes vincos de preocupação entre as sobrancelhas e com andar e gestos de pessoa sempre atarefada.

Era o maior madrugador da vizinhança. Acordava com a estrella d'alva e as cotovias, para ler o "Correio" e inteirar-se dos negocios politicos de toda Europa. Tinha mulher e filhos, mas que lhe importava? Interessava-se mais pelas complicações da Polonia e pelo throno do rei Augusto e quando este soberano abdicou, o estofador falliu, fechou a loja de moveis e estofos, e mudou-se.

Addison já o havia esquecido quando, muitos annos depois, passeando uma vez em Saint-James Park, sentiu uma tosse de pessoa que vinha atraz, tosse garganteada como de proposito para o chamar.

Vira-se e quem havia de ser, senão o seu velho conhecido, o estofador? Vestia roupa mais poida e tudo nelle indicava decadencia e ruina, excepto o enthusiasmo pela politica internacional.

— O' o rei da Suecia, como lhe parecia o rei da Suecia?

Tambem o preocupavam umas questões da Sublime Porta e previa para breve uma lucta decisiva entre papistas e protestantes, que mudaria inteiramente a face religiosa da Europa dando tambem outro rumo á sua politica geral. Afinal, des-

pediu-se, mas voltou logo depois para pedir emprestado meia corôa a Addison.

Compadecido pela penuria de tão grande estadista, Addison não lhe recusou a meia corôa e passando-lhe a moeda, ponderou-lhe que queria pagamento dobrado quando o grande Turco fosse expulso de Constantinopla.

— Ah, isto é pouco provavel, replicou-lhe o estofador, é mesmo quasi irrealisavel nas condições actuaes da politica europeá...

Quando penso que até o meu vendeiro se preocupava com a futura presidencia do paiz, eu que gosto de fazer pequenas reflexões, não deixo de perguntar: quando ha de fallir o meu vendeiro? quantos estofadores politicos haverá por todo este paiz?

CUMPRIMENTOS

Bom dia!

Não ha banalidade tão insulsa como a dos cumprimentos de agora. Talvez nem haja uma inconveniencia maior.

Quando o homem trazia a vida em constante perigo e ao virar de uma esquina podia perdela por uma estocada, vá que se lhe desejasse "bom dia". Andava-lhe no encalço a peste, um duello, um auto-de-fé.

"Bom dia" era como Deus te livre dos *unfatori*, dos *D'Artagnans*, do Santo-Officio. A sinceridade da saudação continha a de um bom voto.

A' crença ingenua nesse voto, correspondia uma saudação por igual amistosa e sincera.

Mas hoje que descemos á rua com a inteira confiança de um "bom dia", confiança na policia na hygiene, na assistencia; sem temor de uma surpresa má (abstracção dos autos) e preparamos o nosso "bom dia" com a alegria e recompensa do trabalho, as distrações do repouso e da folga, o bom livro, o bello theatro, o *footing* das avenidas sonoras de luz e musica com o enxame doirado das bellas mulheres — para que o ex-voto do "bom dia", senão pela sobrevivencia passadista, sem expressão qualquer? Se lhe buscarmos sentido, a saudação será de flagrante inconveniencia. Com o apurado senso de analyse e refutação do espirito moderno, recebe-se o "bom dia" e caminhamos já cogitando se de feito temos o bom dia. Então o sol, ha pouco vivo e alegre já nos parecerá pallido e morno; veios d'agua de palhetas irisadas já não veremos, mas só a agua barrenta de poças e sargetas; o céu agora enfarruscou-se; as feições estão amassadas de tedio e cansaço; os *rushs* das avenidas, irritantes—upa! decididamente, aquelle "bom dia" estragou-nos o dia!

PARENTES RICOS

Porque não escreveu Carlos Lamb uma pagina sobre os parentes ricos?

Poor relations é admiravel, mas se o "poeta de Agathocles" pudesse replicar á Agathocles sobre os inconvenientes dos parentes ricos, quanta cousa aguda poderia revelar-nos?

Parentes ricos são a peor calamidade da nossa especie: lembranças de Job no fogo das suas

chagas. Defraudam-nos e arvoram-se em nossos protectores e conselheiros, pepinos indigestos e amargos *soda-and-bitter*...

Se lhes fugimos ás relações, é que nos morde a inveja, interpretam. Se lhes procuramos os salões, é que andamos com alguma pretensão no ar ou algum pedido engatilhado, suppõem.

Conversamol-os? Frequentamol-os? E' que lhes pretendemos a filha, embora a filha seja tão bella como esses espanta-passaros que os meninos armam nas cercas das roças, mal ajambradas bonecas de panno...

Um mar extenso nos separa nas opiniões e gostos. Admiramos os genios? Elles, os onzeneiros como elles. America do Norte por Poe, por Longfellow, por Hawthorne, para nós. Para elles, Estados Unidos por Rockefeller, pela lei de Lynch, pelo petroleo.

A Hollanda pelos tons esfumados da paizagem, a terra planturosa, os moinhos que bracejam sobre a planicie onde o vento canta e doideja á solta encrespando a agua tranquilla dos canaes.

Para elles a Hollanda pelos licores fortes e pelo — queijo, pelo queijo, sim senhores!

Entre tantas disparidades e disparates de pontos de vista, um sentimento como élo de aproximação entre nós: a generosidade da sua obtusa admiração pela sua fortuna, sua estrella, sua carreira, e tambem, porque não direi? — sua admiração pelo nosso labor. E é de ver a generosidade com que nos apresenta em sociedade:

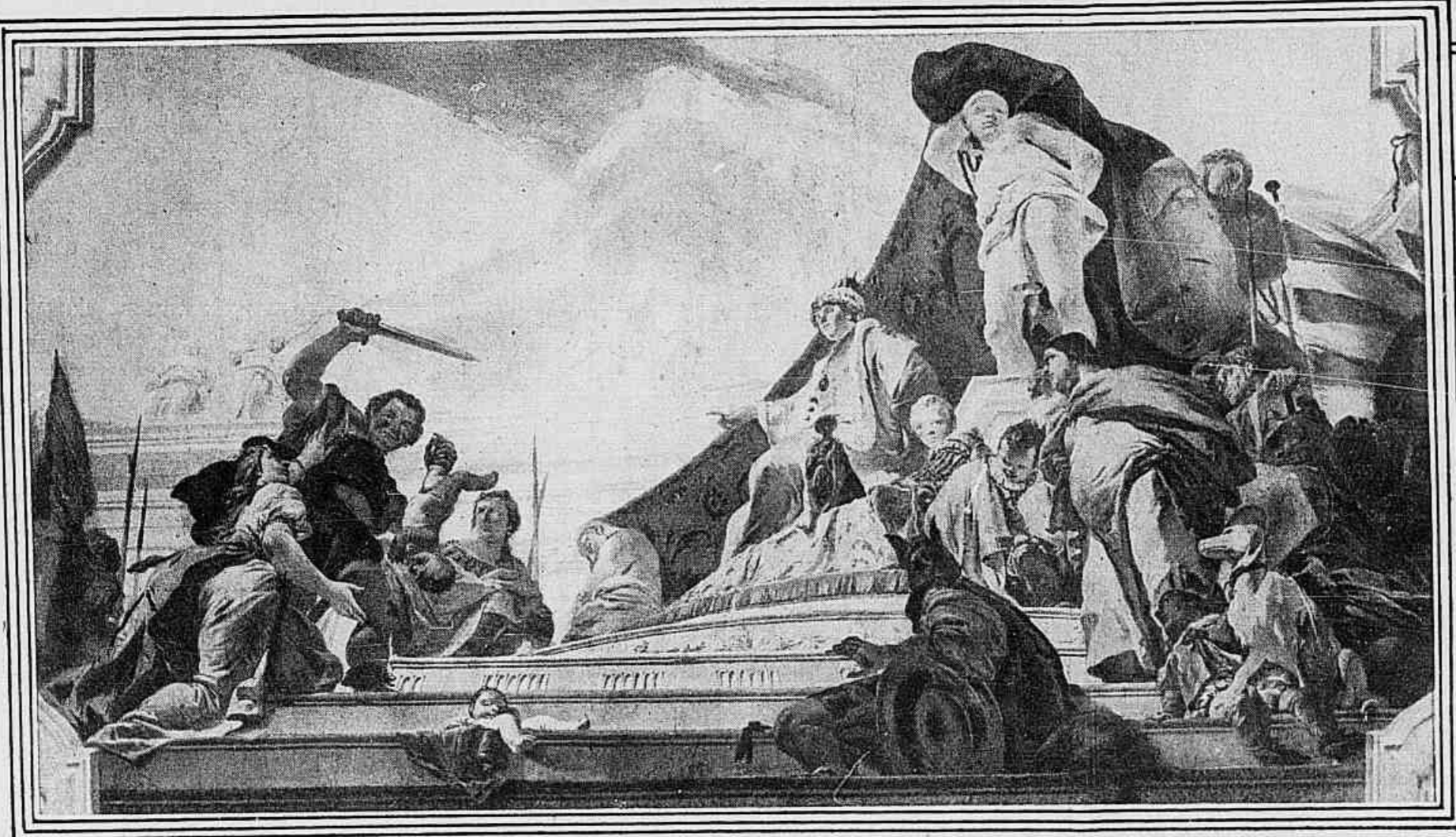
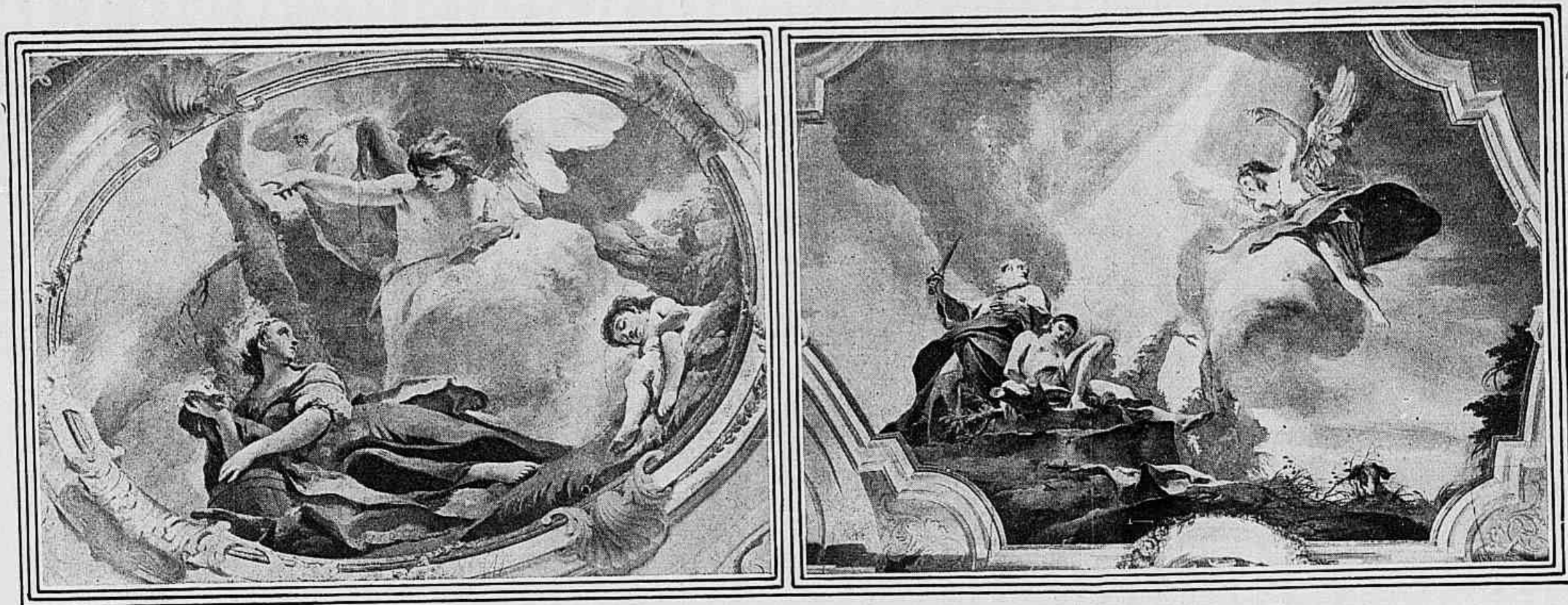
— E' um escriptorzinho esperançoso!

C E S A R I O P R A D O

o o o o o



Em casa de Claudio de Souza, ha um anno. Recepção offerecida ás artistas Gabrielle Dorziat e Vera Vergani e ao escriptor theatral italiano Dario Niccodemi.



TIEPOLO - PALACIO ARCHIEPISCOPAL - UDINE





No *boudoir* da elegante carioca não pôde faltar o mais moderno e mais fino dos perfumes, ultima criação de Gustav Lohse — Berlim.

Agentes Geraes
A. M. BITTENCOURT & C.
Rio
Buenos Aires, 87
Caixa 902.
S. Paulo
15 Novembro, 56
Caixa 2027.

J P
W I E R T Z
B E R L I N

Fandall

DE LOHSE

SUGGESTÕES DO BOND



O homem ia muito tranquillo lendo o seu diario, sobre a chronica policial, porque é amigo das emoções fortes e nem a politica, nem a vida social, nem os theatros têm para elle interesse, porque diz que isso já foi publicado com vezes.

Lia, pois, os crimes mais sensacionaes, quando de repente chega-lhe ao nariz um perfume delicadissimo.

O homem tem um olfacto sensivel, e o que é muito raro, muito delicado, e cousa estranha tratando-se de um perdigueiro policia!

Furtivamente move-se em seu logar, e de soslaio divisa a vizinha que acaba de se sentar no banco de traz.

— Bonita moça! — murmura com os seus botões. — E cheira bem! Cousa pouco commum em quem não se pinta nem põe loções; porém, é um cheiro original. Que será?... Ignoro; mas a questão é que este perfume me suggestiona...

A moça move-se, levantando um embrulho que trazia sobre os seus joelhos, e o delicioso perfume invade todo o carro.

O homem não pôde conter-se, volta-se, sorri e saúda a moça, e com voz de canna rachada, igual á que resulta de um pente coberto com papel de seda, diz á moça:

— Senhorita, a senhora é uma flor de belleza, porém o perfume da senhora me é desconhecido! Que perfume usa a senhora, se não ha atrevimento na pergunta?

— Não sou eu, senhor. E' este embrulho em que trago alguns sabonetes *Reuter*, o mais afamado, o mais puro, o mais hygienico e o mais rico entre todos os sabonetes.

SAUDE E VIGOR

Piotonico
FONTOURA
O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

A musica brasileira através dos tempos

Por TAPAJÓS GOMES

(F i m)

dainhas e missas que elle proprio desapprovava; mas em compensação, deixado livre, sem a oppressão de exigencias de artistas musicas que lhe pediam pão a prego do mau gosto do publico", deixou muitos trabalhos "que Haydn e Mozart applaudiriam com enthusiasmo".

A actividade do illustre musico patricio era assombrosamente multi-dividida entre a Capella Imperial e o Conservatorio, a Sociedade de Beneficencia Musical e a Philharmonica, o theatro e as grandes festas e solemnidades religiosas e, finalmente, entre os seus innumerados alumnos de piano e de canto, pois houve época em que era motivo de orgulho ser discipulo de Francisco Manuel.

Apesar de ter todo o seu tempo occupado, ainda achava elle minutos para compôr. E, como fosse improvisador prodigioso, compunha, "aproveitando a hora do acaso sem trabalhar, compunha em sociedade, no fervor de geral conservação, e, compondo, escrevia com rapidez e segurança que maravilhavam".

Era tambem Francisco Manuel dotado dos mais altos predicados moraes. Para elle "a honra era um culto, a probidade uma lei absoluta e a virtude uma fé".

Foi casado duas vezes, a primeira com D. Monica Rosa da Silva e a segunda, em 26 de Junho de 1835, com D. Thereza Joaquina Nunes dos Santos, viuva, que lhe trouxe cinco filhos, aos quaes Francisco Manuel consagrava uma dedicação verdadeiramente paternal.

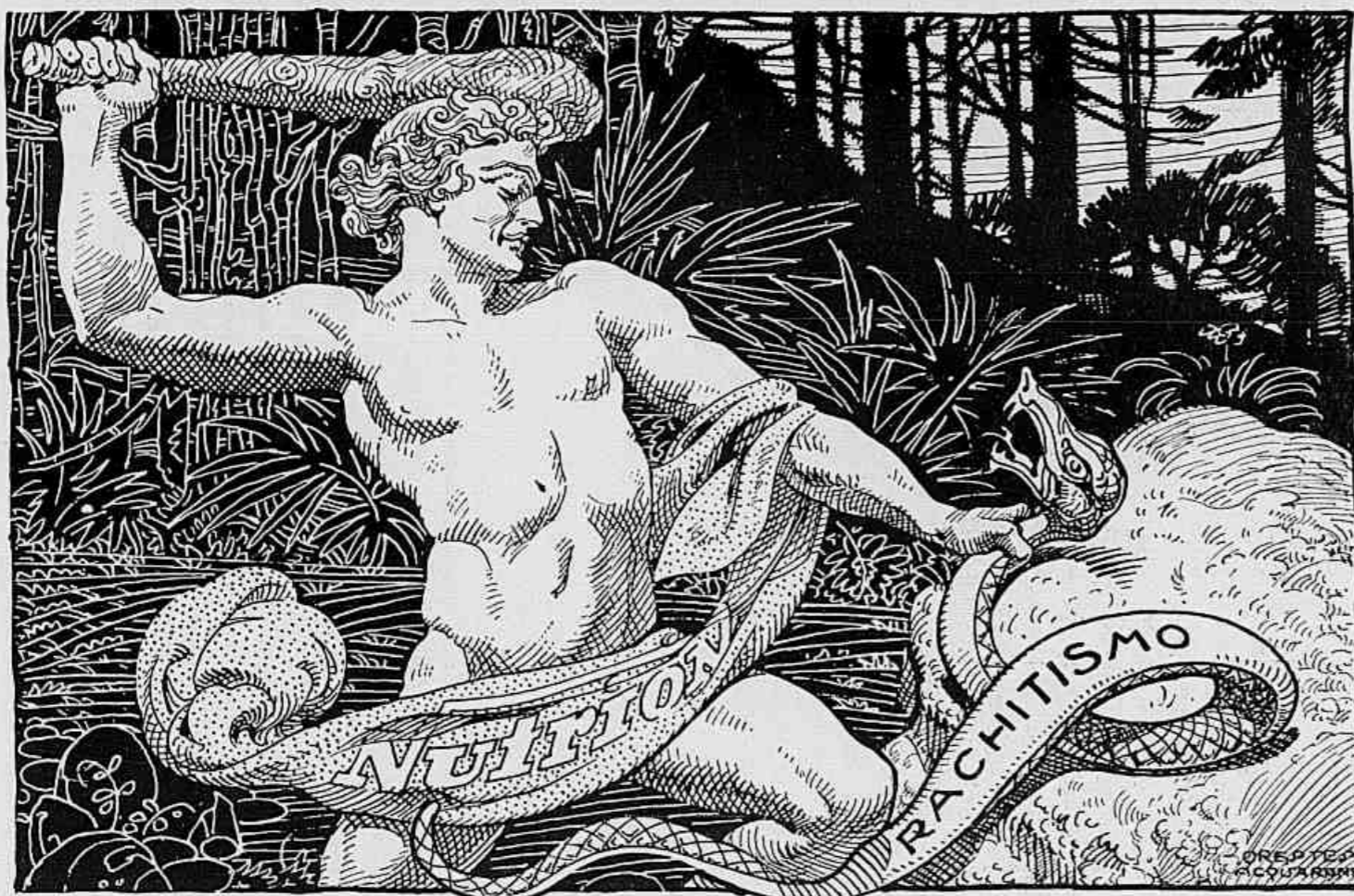
Segundo conta Vieira Fazenda, que o conheceu pessoalmente, Francisco Manuel tinha um genio irascivel, irritando-se facilmente com qualquer falta de seus alumnos.

Era, entretanto, bonissimo de coração, tendo mantido em sua propria casa, durante muitos annos, um seu irmão, o Dr. José Marianno da Silva, completamente louco.



Apparelhos Alto-Fallantes — peças sobrecellentes
O maior sortimento — os melhores preços
MESTRE E BLATGÉ — Rua do Passeio, 50

Francisco Manuel foi um grande coração e um grande artista. O seu nome perdurará, glorificado através das paginas vibrantes e quentes do Hymno Nacional.



Nutrition

Nas luctas da existencia

Nas luctas da existencia em que a saude é vencida pelo rachitismo, pela magreza e pelo depauperamento, o Nutrition é a força salvadora que liberta do aniquilamento o corpo humano.

Vence a golpes vigorosos

O Nutrition vence a golpes vigorosos o rachitismo que estiola as energias, fortifica os depauperados, levanta as forcas organicas, estimula a energia e desperta a alegria de viver que só sentem os que têm boa saude.

As nossas trichromias

E' com a maior satisfação que continuamos a offerecer aos nossos cultos leitores reproducções, em trichromias, de obras de artistas patricios, certos de prestar relevante serviço ás artes de nossa terra em geral e particularmente aos autores de tão preciosas manifestações estheticas. Um bello punhado de obras tem sido por nós reproduzido; todas ellas possuidoras de requisitos especiaes, requisitos de responsabilidade relativa; dos mestres, temos publicado verdadeiras obras primas, cheias de encantamento e emotividade; dos novos, se os quadros reproduzidos não possuem os mesmos requisitos, têm entretanto, qualidades recommendaveis, dignas de serem apreciadas com carinho.

No presente numero, os nossos leitores vão encontrar precisamente um quadro de artista bem moço ainda que, pela primeira vez apparece em nossas paginas; é elle o Sr. Armando Vianna, discipulo do velho e respeitavel mestre Sr. Rodolpho Amoêdo. "Poesia da vida" é o titulo do quadro que reproduzimos. Como os proprios leitores podem avaliar, a tela de Armando Vianna, mesmo não sendo uma obra capital, é digna das nossas paginas. O assumpto, pela sua singeleza, agrada e revela as qualidades apreciaveis do artista; no quadrinho ha uma bella dôse de sentimento e uma composição agradável. Sob o ponto de vista do colorido, "Poesia da vida" possui qualidades sérias, denunciadoras de um temperamento apto a grandes surtos; deante do quadro não hesitamos em augurar ao moço artista, em dias bem proximos, um renome de accôrdo com os seus meritos e aptidões.

Bem conhecidos dos nossos leitores são os artistas autores das outras telas que reproduzimos. São elles: Leopoldo Gottuzzo, Carlos Oswaldo e Georgina d'Albuquerque. Desses artistas, muitas telas temos reproduzido; telas que têm agradado sobremaneira.

Sobre a individualidade desses tres artistas, muita coisa temos dito, e enfadonho seria repisar-mos os mesmos conceitos. Limitemo-nos ás obras: longo e desenvolvido estudo ellas merecem; não sendo, porém, estas columnas destinadas á critica, somos obrigados a pouco dizer sobre ellas. De Leopoldo Gottuzzo é o "Estudo de Nú", obra solida que foi um dos encantos da ultima mostra do pintor, na Associação dos Empregados no Commercio. Rica de côr, a tela de Leopoldo Gottuzzo despertou a attenção de quantos tiveram o prazer de vel-a; de desenho sobrio, o trabalho mostra bem qual a força do artista, e ás qualidades de desenhador, encontramos alliadas outras que lhe dão fóros de colorista e fino compositor. Sente-se na figura de Leopoldo Gottuzzo a belleza da mulher moça, o abandono do corpo entre a symphonia polychroma das sedas; a mulher que Gottuzzo pintou é bonita, é proporcionada, revelando com segurança o criterio esthetico do artista.

Georgina d'Albuquerque assigna "Flor Sylvestre", figura encantadora beijada pelo sol. A tela em questão é mais uma prova do valor da pintora, é mais um documento para os seus titulos de gloria. Com a producção de "Flor Sylvestre", a situação da pintora mais do que nunca se tornou destacada entre as suas companheiras de arte, conquistando definitivamente o titulo de primeira pintora do seu sexo em nossa terra. "Flor Sylvestre" é uma obra valorosa que honraria qualquer dos nossos grandes artistas; a emotividade que della se desprende é franca, é encantadora dentro da singeleza das linhas componentes. Confessamos o nosso orgulho em reproduzir "Flor Sylvestre", pois, vem enriquecer sobremaneira a magnifica colleccão já por nós publicada.

A outra obra que illustra as nossas paginas é devida ao pincel de Carlos Oswaldo, o pintor das luzes e agua-fortista primoroso. "Vestal" é o titulo do quadro. Representa uma virgem formosa segurando uma antiga lampada onde flammeja o fogo sagrado; roupagens finas, bordadas á prata, envolvem o corpo da figura, longo véo esconde parte da loura cabelleira...

A simplicidade com que Carlos Oswaldo interpretou o assumpto agrada, revela o seu temperamento emotivo e a justeza da sua observação. "Vestal", sem favor, é uma das boas telas do pintor; ella figurou na ultima Exposição Geral de Bellas Artes (Agosto de 1924), despertando na multidão que a viu gestos de admiração pelo desenho correcto e justeza de colorido; sem exaggero podemos dizer que foi uma das mais admiradas obras da grande mostra annual.

O PRIMEIRO VESTIDO DE EVA

A fantasia humana commetteu todos os excessos e excentricidades em materia de modas.

É a velha historia que data dos tempos mais primitivos da humanidade. Vestidos, joias, pelles, etc., tudo isto, inventou a vaidade do homem para embelezar a "obra prima" do Creador.

Tudo isso, porém, nunca poude nem poderá eclipsar a formosura, magestade, graça, desse imperial adorno natural com que Deus dotou a mulher, coroando a sua cabeça com o magnifico e formoso manto dos seus cabellos.

Nada de posição havia sobre o seu corpo, a não ser a maliciosa folha de parreira, primeiro vestido paradisiaco, após o peccado.

Mas tinha o manto esplendido dos seus cabellos, com o qual cheia de pudor se cobriu, desde que soube que amar era um peccado.

Adão ficou "épaté", que é como quem diz "besta", quando a sua gentil companheira, tirando os ganchos, os quaes consistiam de espinhos de plantas, deixava cair em cascatas de louros caracões a magnifica cabelleira que dizem, segundo dados fornecidos pelo proprio Adão, lhe chegava até aos calcanhares.

As nossas mulheres de hoje podiam cobrir-se com igual vestuario que usava a mãe da humanidade, se em vez de queimar o pericraneo com essas aguas de grande perfume, devido á grande quantidade de alcoões e silicatos com que diariamente arruinam os seus cabellos, usassem em seu lugar o maravilhoso *Tricofero*, composto de materias sãs, simples, innocuas e de uma acção efficaz e bem patente, que faz prosperar e crescer os cabellos.



Edições PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET 34 — RIO DE JANEIRO

Estão á venda

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros.

O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte. Cada exemplar 2\$000

CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Marianno.

COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra.

PERFUME, versos de Onestaldo de Pennafort.

BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva.

LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.

ALMA BARBARA, contos gauchos de Alcides Maya.

NOITE CHEIA DE ESTRELLAS..., versos de Ademar Tavares.

Cada volume, pelo correio, registado 5\$000.

ALLVIO DE DORES

PARA
CAIMBRAS
RHEUMATISMO
DIARRHEIA
ENTORCES
ETC.

DE BARRY

SELLOS PARA COLLECCÕES

O BOLETIM MENSAL

Annuncia : as Novidades e Occasiões

Publica : Assignatura annual : 6 frs.

Peçam um numero specimen.

O Catalogo Geral de
preços correntes de
Collecções de Occasião
em Series e Avulsos a



preços modicos
Envia-se gratuitamente,
a pedido, a todos os
colleccionadores.

THEODORE CHAMPION

13, Rue Drouot, 13 - Paris

R. C. SEINE 50 - 152

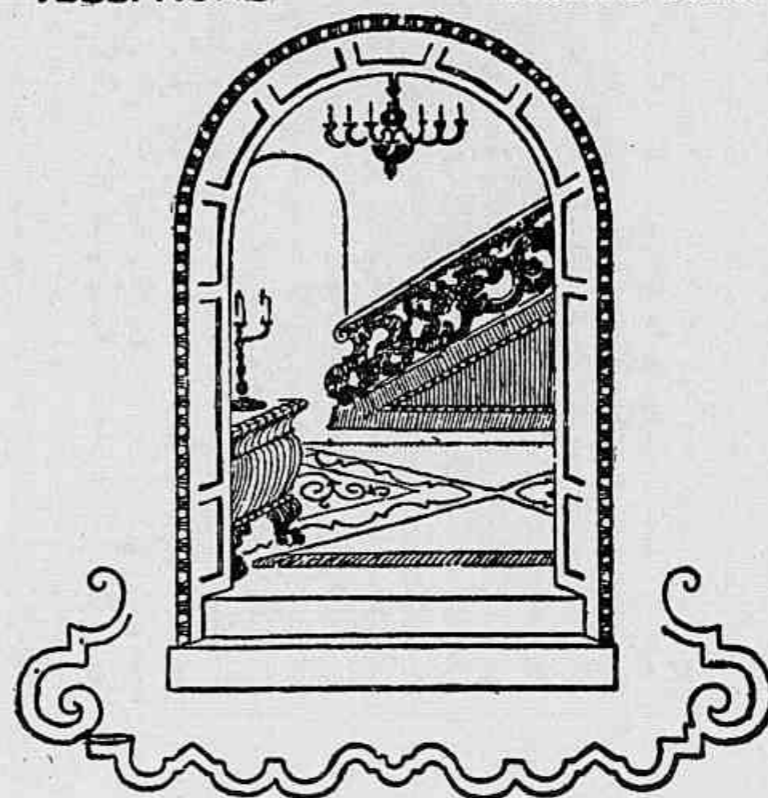
A casa mais importante do mundo

GEORG HIRTH LAUBISCH & C.^{IA}

RUA DO OUVIDOR, 86

TELEPHONE

NORTE 3128



MOVEIS FINOS E DECORAÇÃO
DE INTERIORES • TAPEÇARIAS
— CORTINAS • SEDAS —
CRETONNES • TAPETES
MOVEIS DE COURO

ESTA A VENDA

O ANEL DAS MARAVILHAS

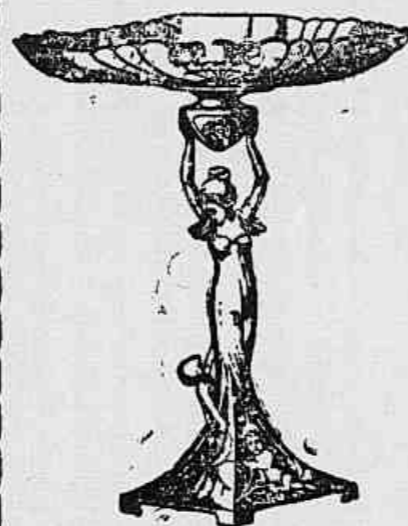
Livro para crianças

Texto e figuras de João do Norte

Preço: 2\$000 — Pelo Correio, mais 500 réis

Edição de Pimenta de Mello & Cia. — Rua Sachet, 34 — Rio

BAZAR AMERICA



Finissimos objectos para presentes

Especialidade em Porcellanas,
Crystaes, Metaes finos
Faqueiros e Talheres de
Christofle.

ORIGINALIDADE E
BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40

XAROPE

Primeira Dentição



DELABARRE

SEM NARCOTICO

Usado em fricções sobre as gengivas,

Facilita a sahida dos Dentes

Supprime todos os Accidentes da Primeira Dentição

Exigir o Sello da União dos Fabricantes

ESTABELECIMENTOS FUMOZE, 78, Fg Saint-Denis - PARIS
e nas principaes pharmacias

LEITURA PARA TODOS

magazine mensal il-
lustrado, acha-se á
venda o numero do
corrente mez, com um
magnifico texto e nitidas gravuras. Venda avulsa: na capital, 1\$500;
nos Estados, 1\$700

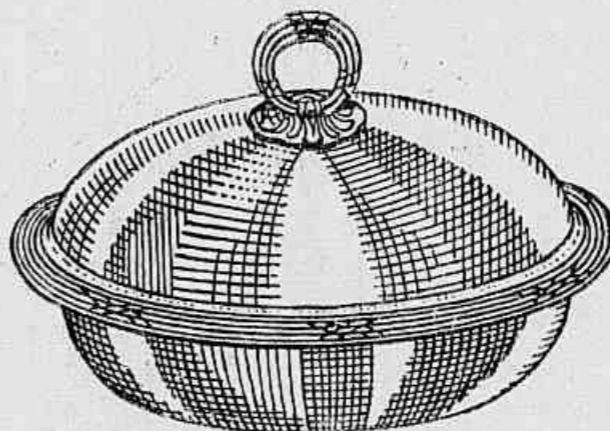
CONFIDENCIAL
A BRANCURA, LOUCANIA E MACIEZA DA MINHA CUTIS DEVO AO
CRÈME DE PEROLAS DE BARRY
É UMA PREPARAÇÃO MARAVILHOSA

PRATARIA

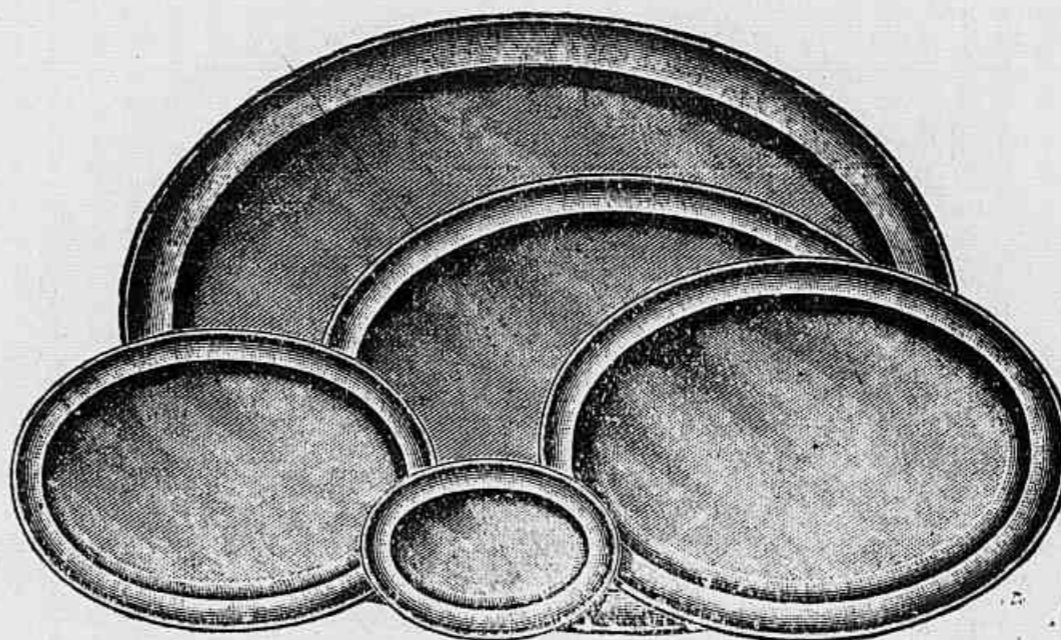
"ELKINGTON"



PRESENTES
PARA CASAMENTOS



BAIXELLAS "ELKINGTON"



PRATARIA "ELKINGTON"
FABRICADA PELOS INVENTORES
DE METAL PRATEADO

G. H. TATTERSALL

EX-DIRECTOR-GERENTE DE MAPPIN & WEBB DO RIO

TELEPHONE C. 959

67 RUA GONÇALVES DIAS -- 2º andar
(ELEVADOR)

RIO DE JANEIRO